



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Mestrado de Arqueologia e Meio Ambiente

Dissertação

Contributo para a Carta Arqueológica do concelho de Sabrosa

Dina Lúcia Borges Pereira

Orientador:

Prof. Doutor Jorge de Oliveira

Évora, sexta-feira, 20 de Janeiro de 2012

Mestrado de Arqueologia e Meio Ambiente

Dissertação

Contributo para a Carta Arqueológica do concelho de Sabrosa

Dina Lúcia Borges Pereira

Orientador:

Prof. Doutor Jorge de Oliveira

Contribution to the Archaeological Chart of Sabrosa Municipality

Abstract

Presents the results of the archaeological prospection developed between the years 2008 and 2010 in the municipality of Sabrosa, given the knowledge, preservation and safeguarding of the archaeological heritage. This work provides the basis for creating a very thorough knowledge of the archaeological heritage, its management, recovery and protection.

Contributo para a Carta Arqueológica do concelho de Sabrosa

Resumo

Apresentam-se os resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica desenvolvidos, entre os anos de 2008 e 2010 no concelho de Sabrosa, tendo em vista o conhecimento, a preservação e a salvaguarda do património arqueológico. Este trabalho permite criar as bases para um conhecimento bastante aprofundado do património arqueológico, a sua gestão, valorização e salvaguarda.

“...o mundo da terra quente é o mundo da terra fria. Acabar inteiramente o granito que ia ficando cada vez mais longe, roboludo e amontoado em serranias safaras e duras. As raízes mergulhavam agora num chão macio de xisto desfeito, movido por gerações sucessivas de cavadores à força de ferro e pá, serros outrora, agressivos de dentes arreganhados, transfiguravam-se em valeiras amenas, esfareladas e fecundas.”

“Livro da Vindima”, Miguel Torga

Índice

1	Introdução	12
2	Justificação e objectivos.....	13
3	Metodologia aplicada	13
3.1	Metodologia de campo	15
3.2	Metodologia de gabinete	18
4	Caracterização do Concelho.....	20
4.1	Caracterização Histórico/Arqueológica	20
4.2	Caracterização geológica.....	21
4.3	Enquadramento geográfico	22
4.4	Caracterização natural e ambiental.....	24
5	Estado da arte	25
6	Caracterização Toponímica e Topónimos Relevantes	27
7	Prospecção Arqueológica.....	45
7.1	Relocalização de sítios (Endovélico e bibliografia)	45
7.2	Sítios identificados (2008 e 2010).....	45
8	Caracterização dos sítios em estudo.....	47
8.1	Pré-história recente.....	50
	Mamoa das Madorras 1 (sítio 174)	53
	Cimo das Devesas 1 (sítio 169).....	54
	Mamoa da Serra das Cebolas (sítio 140).....	54
	Mamoa 1 das Plainas da Mantelinha (sítio 146)	54
	Mamoa 1 do Monte D'Além (sítio 148).....	55
	Mamoa 1 do Vale do Salve Jorge (sítio 138)	55
	Mamoa 2 das Plainas da Mantelinha (sítio 147)	55
	Mamoa 2 de Santa Barbara (sítio 142).....	55
	Mamoa 2 do Monte D'Além (sítio 149).....	55
	Mamoa 2 do Vale de Salve Jorge (sítio 139)	56

Mamoa 3 do Monte D' Além (sítio 150).....	56
Mamoa 4 do Monte D' Além (sítio 151).....	56
Mamoa da Meieira (sítio 143).....	56
Mamoa da Praina das Moutinhas (137).....	57
Mamoa da Veiga da Cheira (152)	57
Mamoa do Alto Das Roseiras (145).....	57
Mamoa do Cerro de S. Martinho (141)	57
Mamoa I do Cerro do Carvalhal (144).....	57
Estação Pré-histórica das Cruzinhas (153).....	58
Mamoa das Madorras 2 (175)	58
Mamoa do Picoto (21).....	58
Mamoa II do Cerro do Carvalhal (20).....	59
Mamoa II do Cimo das Devesas (23).....	60
Mamoa Santa Barbara I (11)	60
Seara Velha 1 (93).....	61
Seara Velha 2 (94).....	62
Seara Velha 3 (95).....	62
Bouça 1 (51).....	62
Madorras 11 (112).....	62
Almas 1 (28).....	62
Almas 3 (30).....	63
Alto das Madorras 1 (68)	63
Alto das Madorras 2 (69)	64
Alto das Madorras 3 (70)	64
Bouça 3 (74).....	65
Bouço 1 (42).....	65
Castelos da Moura (160):	66
Coterelas (10)	66

Couto 1 (44)	66
Delegada 1 (9)	66
Madorras 19 (101)	67
Pedreira com Arte Rupestre (168)	67
Portelas 1 (35)	68
Prainas 2 (34)	68
Seara Velha 4 (87)	68
Senhora da Azinheira 5 (88)	69
Senhora da Azinheira 6 (89)	69
Senhora da Azinheira 7 (90)	70
Senhora da Fraga (Arte Rupestre) (155)	70
Tapadas 7 (71)	71
Vale Escuro 1 (2)	71
Vale Escuro 2 (3)	71
8.2 Proto-história	72
Castro da Sabica (4)	73
Castro da Murada (156)	73
Picoto de S. Domingos (172)	73
Castelo 1 (12)	74
Castelo 2 (13)	74
Castelo 3 (14)	75
Castelo 4 (15)	75
S. Domingos 1 (18)	76
S. Domingos 2 (19)	76
S. Domingos 3 (60)	77
S. Domingos 5 (70)	77
Castelo 7 (71)	78
8.3 Período romano	79

Tesouro do Poio (201).....	80
Sancha 1 (16).....	80
Castelo 5 (24)	80
Cristelo 6 (58)	81
Castelo 9 (73)	82
Ribeira (163)	82
Ponte da Ribeira (164).....	82
Quinta das Pias (166)	83
Santa Marinha (167).....	83
Quinta da Relva 1 (78)	84
8.4 Idade Média e Idade Moderna.....	86
Senhora da Azinheira 8 (91).....	86
Senhora das Candeias (1)	87
Fonte Santa (17)	87
Mantelinha (22)	88
Castelo 6 (25)	89
Figueiras 1 (26)	89
Salguirinha 1 (27).....	89
Almas 2 (29).....	90
Almas 4 (31).....	90
Pioleiro 1 (32)	91
Sancha 2 (39).....	92
Sancha 3 (40).....	92
Tapadas 1 (45).....	93
Tapadas 2 (46).....	93
Tapadas 3 (47).....	94
Tapadas 4 (48).....	94
Pelourinho de Provesende 1 (49)	94

Tapadas 5 (64).....	95
Tapadas 6 (65).....	95
Couto 2 (66)	96
Alto das Madorras 4 (72)	96
Cristelo 7 (75)	97
Bouça 4 (79).....	97
Senhora da Azinheira 1 (97).....	98
Vale das Donas 1 (84)	98
Tapadas 8 (85).....	99
Alto das Madorras 5 (86)	100
Arca 1 (97)	100
Senhora da Azinheira 2, 3 e 4 (98, 99, 100):.....	101
Senhora da Veiga 1 (111).....	101
Madorras 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 18 (113, 114, 115, 116, 117, 118, 119)	102
Alto das Madorras 6, 7, 8 e 9 (130, 131, 132, 133).....	102
Sepultura do Chão dos Mouros (154)	103
Marco 1 (157).....	103
Moinho (158)	104
Pelourinho de Gouvães (159).....	104
Marco 2 (161).....	105
Casal Rústico (162).....	105
Fonte da Arcã (176)	106
8.5 Contemporâneo	107
Companhia mineira do Vale das Gatas (165).....	107
8.6 Indeterminado	108
Rebordeira 1, Rebordeira 2, Rebordeira 3 (5, 6 e 7)	108
Rebordeira 4 (8)	108
Almas 5 (33).....	109

Portelas 2 (36)	109
Portelas 3 (37)	110
Portelas 4 (38)	111
Sancha 4 (41).....	111
Bouça 1 (42).....	112
Bouça 2 (48).....	112
Tojeira 1 (50).....	113
Bouço 2 (52).....	113
Cristelo 1 (53)	114
Cristelo 2 (54)	114
Cristelo 3 (55)	115
Cristelo 4 (56)	115
Cristelo 5 (57)	116
Sancha 5 (59).....	116
Castelo 8 (63).....	117
Couto 3 (67)	117
Cristelo 8 (77)	118
Rebordeira 5 (80)	118
Combro da Bouça 1 (81).....	118
Combro da Bouça 2 (82).....	119
Rebordeira 6 (83)	119
Senhora da Azinheira 9 (92).....	120
Prainas 1 (16)	120
Madorras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 (102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109 e 110).....	120
Bouça Carvão 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11 (120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128 e 129)	121
Ribeirinhas 1 (134).....	122
Ribeirinhas 2 (135).....	123

Penedo do Mato 1 (136).....	123
9 Conclusão.....	124
10 Bibliografia	125
11 Anexos.....	131
11.1 Cartografia.....	132
11.2 Ilustração Arqueológica	152
11.3 Índice de Tabelas.....	156
11.4 Índice de Fotografias.....	156
11.5 Índice de Gráficos	159
11.6 Índice de Ilustrações.....	159
11.7 Índice de Mapas	160
11.8 Fichas de Inventário	161

1 Introdução

O conhecimento do património arqueológico permite, de forma sucinta, entendermos as condicionantes que fizeram com que as sociedades ao longo do tempo se implantassem, vivessem e alterassem o meio ambiente onde a sua existência tomou lugar. Deste modo, a compreensão da história de uma região é feita, maioritariamente, através do conhecimento dos vestígios materiais e documentais deixados pelos homens e sociedades que percorreram determinados territórios.

A identificação, sinalização e estudo dos indícios arqueológicos de uma determinada região permitirá a gestão integrada de um tipo de recurso renovável e auto-sustentável como é o turismo. No entanto, esse turismo necessita de bases sólidas que justifiquem a importância e certificação do “produto histórico/arqueológico”. Esta afirmação faz-nos repensar o investimento que deverá ser dado à componente cultural e de investigação deste recurso renovável e auto-sustentável.

Este trabalho pretende dar a conhecer os dados recolhidos em campo nos últimos anos. Assim, podemos observar que se começou a dar uma importância crescente à arqueologia regional, bem como, à crescente necessidade da gestão do património arqueológico.

Neste trabalho participaram várias equipas em diferentes fases, de qualquer modo, o tempo dispensado em campo não foi o suficiente para prospectar todo o território. Os trabalhos de campo foram organizados em várias fases tendo sempre em conta a disponibilidade dos interessados e colaboradores. Para além dos trabalhos de campo devemos ainda destacar a pesquisa da bibliografia que foi realizada antes do início dos trabalhos de prospecção arqueológica, permitindo assim, com isto ter uma noção alargada do conhecimento existente e permitindo organizar da melhor maneira o trabalho de campo.

2 Justificação e objectivos

Este trabalho resulta da crescente necessidade de conhecer, proteger e divulgar o património histórico e arqueológico do concelho de Sabrosa. O investimento no conhecimento arqueológico no concelho de Sabrosa encontrava-se estagnado, sobretudo desde os trabalhos de Carlos Ervedosa, Domingos Cruz e Huet Bacelar, nos anos 70, 80 e 90 do século XX. Desde o ano de 1993 que não assistíamos de qualquer trabalho de âmbito arqueológico no concelho. Assim sendo, a nossa prioridade foi dar início a um trabalho de compilação dos dados existente e procurar novos dados que pudessem acrescentar mais algum conhecimento sobre o património do concelho de Sabrosa.

Este trabalho veio sendo desenvolvido ao longo de três anos, com períodos de algumas paragens sazonais devido, sobretudo, à falta de recursos humanos para os trabalhos de campo. O trabalho desenvolveu-se em cinco fases:

- Selecção e demarcação das áreas;
- Planeamento dos trabalhos de prospecção;
- Preparação dos trabalhos de campo;
- Execução dos trabalhos de campo;
- Análise e interpretação dos dados recolhidos;

O trabalho incidiu em todo o concelho de Sabrosa, com uma significativa abrangência na região norte. A região Sul apresenta-se bastante afectada pelos trabalhos vitivinícolas. Este facto terá levado a uma alteração significativa da paisagem e, como consequência, à destruição de alguns dos sítios a Sul do concelho.

3 Metodologia aplicada

Os dados que aqui são apresentados foram recolhidos em momentos diversos ao longo da investigação. Numa primeira fase procedeu-se a uma recolha bibliográfica e documental, na qual se verificou uma grande dispersão e pouca expressividade da informação, a grande maioria da documentação resume-se, sobretudo a trabalhos bastante antigos. Na fase inicial, foi feita uma pesquisa à base de dados de arqueologia denominada “base de dados do Endovélico”, da responsabilidade e manutenção do IGESPAR (www.igespar.pt).

Não foram muitos os arqueólogos e historiadores que se interessaram pela arqueologia do concelho de Sabrosa. No entanto, podemos destacar os trabalhos do Dr. Santos Júnior, Dr. Carlos Ervedosa, Dr. Huet Bacelar e do Dr. Domingos Cruz. Os estudos que se debruçam sobre a investigação arqueológica são escassos, concentram-se apenas no Castro de Sabrosa e na Mamoa 1 das Madorras e a nível de prospecções destaca-se o inventário de Huet Bacelar e o Dr. Domingos Cruz. É importante também referir outros trabalhos, como o do Padre João Parente (PARENTE, s/d), que no seu trabalho por todo o distrito de Vila Real, faz referência a alguns locais históricos e arqueológicos que pertencem ao concelho de Sabrosa, mas que já tinham sido mencionados no levantamento arqueológico, realizado por Huet Bacelar e o Domingos Cruz.

No presente trabalho não nos limitamos apenas à compilação dos dados disponíveis na bibliografia, relativamente ao património arqueológico, foram também realizados trabalhos de campo (prospecções arqueológicas) que permitiram a recolha de muitos dados e evidências que até à data eram desconhecidos.

A receptividade demonstrada pela Câmara Municipal de Sabrosa, aquando da apresentação do projecto de investigação no âmbito das prospecções, deu origem à celebração de um protocolo entre a Câmara Municipal de Sabrosa e a Universidade de Évora. Os trabalhos iniciaram-se com a recolha de informação oral, seguidamente das prospecções de superfície, que tiveram como resultado o conhecimento de vários locais inéditos e a relocalização de outros já conhecidos, bem como, do seu estado de conservação.

Fase	Data	Áreas / Freguesias
Fase I	2008, Fevereiro	Norte e Centro do Concelho
Fase II	2010, Fevereiro	Centro do Concelho
Fase III	2010, Agosto	Centro e Sul do Concelho

Tabela 1: Cronologia dos trabalhos de campo de campo

A primeira fase dos trabalhos de campo (fase I) teve início em 2008, e contou com a colaboração de vários alunos do curso de Arqueologia da Universidade de Évora. A segunda fase realizou-se em 2010 novamente com a ajuda de vários alunos da Universidade de Évora, sobretudo em período de férias escolares. Foram organizados

vários fins-de-semana com a participação e colaboração de vários alunos da Universidade de Évora, curiosos da região e habitantes locais com conhecimentos sobre a localização de alguns dos sítios.

Os trabalhos de prospecção na primeira fase (fase I) incidiram nas áreas previamente seleccionadas, na zona Norte e Centro do Concelho, tendo como base a informação recolhida em gabinete para a relocalização de sítios previamente identificados na bibliografia. A prospecção foi sofrendo alterações ao longo das três fases (fase I, II e II, ver tabela 1.), já anteriormente referidas, em função dos meios humanos de que se dispunha. Muitos dos sítios arqueológicos inéditos foram identificados com o recurso a habitantes locais, bem como, informações orais esporádicas.

Antes de se dar início a prospecção em campo, teve-se o cuidado em recolher toda a bibliografia disponível, informação oral, análise da paisagem e cartografia. A prospecção foi muito dificultada pela vegetação de grande porte e extremamente densa que se verificou na maioria dos locais onde prospectamos. As zonas prospectadas foram previamente definidas, tendo em conta as fontes bibliográficas, orais, bem como, sítios indicados por curiosos. Os dados recolhidos nas primeiras prospecções foram determinantes para dar continuidade às prospecções futuras.

Este trabalho levou a que se conhecessem melhor as características do território do concelho, no que diz respeito à arqueologia, geologia e ecologia. Os dados recolhidos foram inseridos numa base de dados informatizada, bem com, uma ficha, designada “ficha de sítio”. Os sítios foram registados na Carta Militar de Portugal de 1:25000, e os materiais recolhidos, foram catalogados com um número de ordem associado ao sítio onde foram recolhidos. Também foi feito o levantamento fotográfico da grande maioria dos sítios identificados e dos materiais associados.

3.1 Metodologia de campo

Na sequência das limitações a nível de pessoal disponível para prospectar e com uma área de cerca de 180 km², procuramos, no entanto, localizar vestígios arqueológicos inéditos, relocalizar os sítios até então inventariados, bem como, estabelecer uma sequência cronológica da ocupação humana do concelho de Sabrosa. Usamos como ponto de partida para a prospecção arqueológica sítios previamente

conhecidos em termos arqueológicos, para tentarmos, a partir desses dados, programar as prospecções e as zonas mais sensíveis do território.

Procuramos também todas as informações orais, junto sobretudo das pessoas mais idosas. Tivemos ainda o cuidado de prospectar as zonas que à partida seriam mais favoráveis à ocupação humana nos vários períodos ou épocas, zonas que possuísem linhas de água, elevações, e outros elementos paisagísticos de interesse. Em alguns casos percorremos mais do que uma vez os locais já prospectados e em diferentes épocas do ano, devido à vegetação.

Uma das condicionantes que devemos ter em conta durante a prospecção é o relevo e a vegetação do terreno que cobre a superfície. O objectivo é estabelecer a relação das informações obtidas através da recolha sistemática materiais como já foi referido. A densidade da cobertura da superfície é um factor que influencia muito a recolha sistemática dos dados.

Após a realização de um pequeno levantamento do Património Arqueológico publicado em 1993 (Gonçalves, 1993), verificamos, então, que faltava um conhecimento mais aprofundado do povoamento do concelho e da componente cronológica da ocupação, tendo em conta que o trabalho de 1993 abarcava quase exclusivamente as ocupações pré-históricas. A partir dos dados existentes no documento de 1993 (Gonçalves, 1993) e de dados retirados do instituto da tutela (IGESPAR), foram programadas diversas saídas de campo realizadas no mes de Outubro do ano de 2008 com o objectivo reconfirmar e relocalizar os sítios já inventariados. Na sequência desta primeira fase de trabalhos todos os sítios relocalizados foram alvo de localização através de GPS, utilizando para o efeito a localização segundo dois sistemas de coordenadas:

Projecção:	Transverse Mercator
lat_0:	39.66666666666666
lon_0:	1
K:	1
x_0:	200000
y_0:	300000
Elipsóide de Referência:	Internacional
To WGS84:	-304.046, -60.576, 103.64, 0, 0, 0, 0

PM:	Lisboa
Unidades:	Metros

Tabela 2: Coordenadas rectangulares Lisboa PRT Grelha Nacional [EPSG 20790]

Projecção:	longlat +ellps= +datum= +no_defs +towgs84=
Datum:	WGS84
Elipsóide de Referência:	WGS84
To WGS84:	0,0,0

Tabela 3: Coordenadas geográficas WGS84 [EPSG 4326]

Todos os sítios relocalizados e os sítios identificados foram alvo de registo fotográfico pormenorizado, descrição sumária, enquadramento cronológico sempre que possível, foi feita uma descrição tipológica e desenho se necessário.

A prospecção arqueológica foi, metodologicamente, de tipo dirigida, isto é, foram seleccionados sítios, áreas, locais ou freguesias cujo interesse tivesse sido destacado durante o processo de pesquisa. Iniciamos a prospecção nas freguesias de S. Martinho de Antas e de S. Lourenço de Ribapinhão, porque eram as freguesias que despertavam um maior interesse, face ao que já se conhecia. De seguida passamos para as freguesias da Torre do Pinhão, Sabrosa e Provesende. Deixamos para último a região Sul do concelho, por ser aquela que está mais humanizada devido ao plantio de vinha. Fizemos uma recolha dos materiais que fomos encontrando, foram feitos desenhos dos materiais mais significativos. As condições de relevo e de vegetação na generalidade do concelho, dificultaram o nível de visibilidade por consequência a identificação e relocalização de alguns sítios. Todos os materiais arqueológicos de superfície foram devidamente identificados, acondicionados e encontram-se na Câmara Municipal de Sabrosa.

3.2 Metodologia de gabinete

Depois da recolha no campo procedeu-se à organização dos dados através da criação de uma base de dados em Microsoft Office Suite Access a qual se interligou com uma base de dados geográfica. A base de dados contém os seguintes campos:

- ID ou Identificação do sítio
- Designação do sítio
- Tipo de sítio
- Cronologia
- Cota
- CMP
- Ano de identificação
- Longitude WGS84 EPSG 4326
- Latitude WGS84 EPSG 4326
- Longitude Lisboa PRT Grelha Nacional 20790
- Latitude Lisboa PRT Grelha Nacional 20790
- Identificado
- Distrito
- Concelho
- Topónimo
- Freguesia
- Utilização do Solo
- Geologia
- Visibilidade
- Estado de Conservação
- Descrição

ID1	Ficha	Designação	Tipo de Sítio	Cronologia	Cota	CMP	Ano de Identi	Longitude WGS8	Latitude WGS84 EPSG	Longitude List	Latitude List
1	1	Senhora das Candelas	Arte rupestre	Medieval / Mo	780	102		-7,6148610999	41,3223888739	243392,4812	483812,2150
2	2	Vale Escuro 1	Arte rupestre	Pré-história re	800	102		-7,6173055449	41,3184444291	243190,4176	483372,9215
3	3	Vale Escuro 2	Habitat	Pré-história re	800	102		-7,6168055447	41,3179722071	243232,5940	483320,7241
4	4	Castro da Sabica	Castro	Proto-história	750	115		-7,6069722105	41,2727777623	244086,2950	478306,3050
5	5	Reboreira 1	Pedreira de Qu	Indeterminad	780	102		-7,6011666549	41,3099999850	244547,4652	482443,2064
6	6	Reboreira 2	Pedreira de Qu	Indeterminad	780	102		-7,6011666549	41,3099999850	244547,4652	482443,2064
7	7	Reboreira 3	Pedreira de Qu	Indeterminad	780	102		-7,6011666549	41,3099999850	244547,4652	482443,2064
8	8	Reboreira 4	Forno?	Indeterminad	775	102		-7,6024999886	41,3080277624	244437,1465	482223,4864
9	9	Delegada 1	Abriço c/arte r	Pré-história re	790	102		-7,5987194336	41,3027944290	244757,3137	481644,2025
10	10	Coterelas	Abriço	Pré-história re	780	102		-7,5975555445	41,3040277627	244853,9465	481781,7777
11	11	Mamoá Santa Barbara I	Mamoá	Neo-calcolítico	653	116		-7,5748888781	41,2719444293	246775,1073	478230,4971
12	12	Castelo 1	Castro	Proto-história	675	116		-7,5726944335	41,2775833181	246954,9471	478857,9390
13	13	Castelo 2	Castro	Proto-história	670	115		-7,5724999884	41,2771110956	246971,5760	478805,5984
14	14	Castelo 3	Castro	Proto-história	675	115		-7,5727222106	41,2771666515	246952,9178	478811,6486
15	15	Castelo 4	Castro	Proto-história	700	115		-7,5734722110	41,2772222075	246890,0408	478817,4144
16	16	Sancho 1	Dispersão de h	Romana	500	115		-7,5643610996	41,2825277628	247649,5463	479411,6034
17	17	Fonte Santa	Capela/Fonte	Medieval / Mo	680	115		-7,5903888778	41,2301110957	245505,3196	473576,2549
18	18	S. Domingos 1	Castro	Proto-história	740	115		-7,5768888782	41,2293055401	246637,7738	473493,9284
19	19	S. Domingos 2	Castro	Proto-história	750	115		-7,5764444338	41,2293055401	246675,0379	473494,1664
20	20	Mamoá do Serro do Carvalhal	Mamoá	Neo-calcolítico	738	115		-7,6121388776	41,2070833184	243697,0184	471007,6635
21	21	Mamoá do Picoto	Mamoá	Neo-calcolítico	764	115		-7,6055555449	41,1994166518	244254,3319	470159,5280
22	22	Mantelinha	Marco	Medieval / Mo	705	115		-7,5906666562	41,2035555403	245500,3869	470626,8550
23	23	Mamoá II do Cimo das Deves	Mamoá	Neo-calcolítico	765	127		-7,6098333218	41,1944999851	243898,7790	469611,3236
24	24	Castelo 5	Dispersão de h	Romana	510	102		-7,5758610994	41,3291388739	246652,9583	484582,0733
25	25	Castelo 6	Marco	Medieval / Mo	490	102		-7,5765555450	41,3273610960	246596,0855	484384,2574

Ilustração 1: Base de dados para recolha de informação

Para trabalhar os dados obtidos em campo através do GPS, foi utilizado um software livre (**Quantum Gis 1.7.0**). Este trabalho permite uma acessibilidade muito maior à informação, já que consente a execução de pesquisas, envolvendo uma ou várias características das diversas entidades analisadas. O facto de ser feita a georreferenciação, permite a visualização juntamente com outros suportes temáticos, incluindo cartas militares ou ortofotomapas, tornando mais fácil e intuitiva a sua localização, através do seu posicionamento relativo em relação a outros objectos. Este trabalho é essencialmente uma ferramenta para a elaboração de estudos de arqueologia espacial e ocupação do território e na validação de metodologia de prospecção e análise existentes. Assim, foi feita uma avaliação das cartas militares e ortofotomapas da área a prospectar, no sentido de identificar possíveis zonas propícias à ocupação humana e zonas onde a pouca vegetação nos permitisse uma melhor visualização do terreno.

4 Caracterização do Concelho

4.1 Caracterização Histórico/Arqueológica

A origem do concelho de Sabrosa começa com a atribuição da primeira carta de foral conhecida, por D. Sancho I, a 1 de Maio de 1196, aos povoadores de Soverosa, agrupados em 10 famílias (SOARES, s/d, 32 a 35). Este documento (carta de foral) define as fronteiras do concelho medieval que equivalem aos actuais limites da freguesia de Sabrosa. O nome de Sabrosa aquando à data da atribuição era Soverosa. A designação “Soverosa” está presumivelmente ligada ao nome de D. Gil Vasques de Soverosa (1150-?), que foi um político e militar nobre da época medieval portuguesa. Foi um dos “Ricos-homens” na corte do rei D. Sancho I e do rei D. Afonso II de Portugal. Exerceu ainda o cargo de Tenente em Basto no ano de 1207 e entre 1234 e 1235, tendo sido também Tenente de Sousa e de Barroso no concelho de Montalegre no século XIII.

Os monarcas no século XII desencadearam a organização e povoamento do território à medida que a reconquista se foi solidificando. Entre 1160 e meados do século XIII, todas as actuais freguesias eram "coutos", embora situados em territórios senhoriais. Assim, D. Afonso Henriques dá cartas de foral, em 1160 e 1162, respectivamente a Celeirós e Covas do Douro e D. Sancho I dará foral a Souto Maior em Janeiro e Sabrosa a Maio de 1196 e a Gouvães em 1202. Os forais dados a S. Lourenço de Ribapinhão e Parada do Pinhão foram atribuídos por estes monarcas. No caso da Torre do Pinhão obteve foral em 1217 por D. Afonso II, num local diferente chamado de Ceides. D. Afonso III outorgou o foral mais tarde às restantes freguesias.

O concelho de Sabrosa foi criado a 6 de Novembro de 1836 e faziam parte do concelho as freguesias de Vilarinho de S. Romão, Souto Maior, Paços e Sabrosa. A 31 de Dezembro de 1853, passam a pertencer ao concelho de Sabrosa todas as freguesias do extinto concelho de Provesende e em 1855 passam a fazer parte as freguesias de S. Lourenço de Ribapinhão, Parada do Pinhão e Torre do Pinhão (LEAL, 1890, 271). Assim sendo fica completo o concelho de Sabrosa.

Actualmente o concelho de Sabrosa é composto pelas quinze freguesias, todas elas diferentes nas suas características. As diferenças estão desde logo marcadas pelo relevo, geologia e clima, que têm influência directa no povoamento, exploração agrícola e no coberto vegetal.

As características naturais do território do concelho condicionam os diferentes tipos de uso de solo que, por sua vez, influenciam a configuração das propriedades. A Norte do concelho regista-se uma baixa densidade populacional, centralizada em pequenas localidades, onde prevalece a pastorícia, cultivo da batata, cereais e castanha. As condicionantes dos solos graníticos e áridos são responsável pelo coberto vegetal de gramíneas, feto, torga, tojo e a carqueja. O carvalho, azinheira e o pinheiro, são característicos das zonas mais baixas. O Sul do concelho também apresenta uma baixa densidade populacional, nesta zona o microclima que permite a cultura da vinha, oliveira, figueira e amendoeira.

4.2 Caracterização geológica

Trata-se de zonas de terras altas e vales profundos, em que relevos que superam os 1000 metros podem estar a algumas dezenas de quilómetros da cota zero (nível do mar). Mas é também zona de depressões extensas, como o Vale da Vilariça ou a Veiga de Chaves. Não é por acaso que estes dois vales correspondem a duas das três maiores falhas tectónicas em território português: a falha da Vilariça, que vem desde território espanhol e se prolonga até Manteigas, com uma réplica lateral para Este de menor importância em termos de comprimento; a falha de Chaves que desde a zona de Verin (Espanha) vai até S. Pedro do Sul. Mas, não deixa de ser curioso ver como estas duas grandes falhas se esbate na rotação da Grande Cordilheira Central Ibérica (ou Maciço Central) e que constitui o chamado Hispânia Português. O Hispaniano surge por acção de metamorfismo de contacto ou metamorfismo regional, aparecem os grauvaques alternando com xistos, num sistema baptizado como "flysch". Trata-se de depósitos de cinzas que sofreram, ao longo de milhões de anos, influências que os metaforizaram (TEIXEIRA, 1981).

O concelho de Sabrosa é constituído por duas zonas geológicas distintas: uma granítica, ou seja, granito de grão fino e médio, porfíroide, moscovítico-biotítico (com intercalações de turmalina na zona do Castro de Sabrosa, orientadas para o norte de Cheires) a partir dos 650 metros de altitude. É formada por planaltos, o mais elevado dos quais se encontra na cota dos 800 metros, precisamente na parte em que o esporão se alonga para Norte, com 12 kms de comprimento e 4 km de largura.

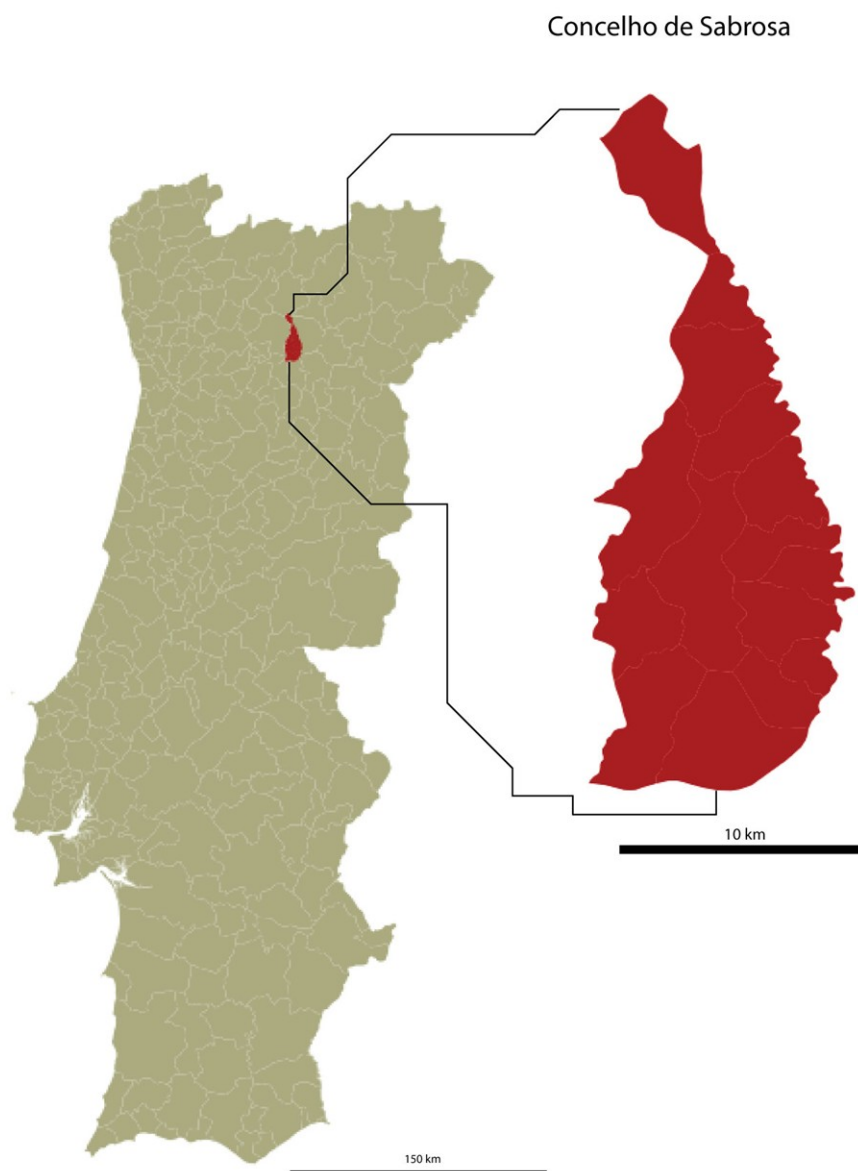
Por sua vez, o planalto inferior, encontra-se na cota dos 600 metros, em direcção ao Sul, do Concelho, onde se iniciam os socacos tão característicos da Região do Douro. Complexo Xisto-Grauváquico, (Grupo do Douro) pertencendo ao Grupo xistoso, essencialmente constituído por três subgrupos:

- Os filitos com intercalações de metagrauvaques que vão desde Sabrosa até a Sul de Provesende;
- Os filitos cloríticos com magnetite que "acompanham o rio Pinhão", flectindo na foz em direcção de S. Cristóvão até Roalde;
- Os xistos negros, com intercalações de calcário e micro-conglomerados (formação das Bateiras) que, como o nome indica, passa pelas Bateiras (Pinhão) em direcção a Covas, prolongando-se até perto do rio Corgo. Estes três grupos têm alternância indiscriminada entre si e constituem toda a zona de características geológicas que, aliada aos microclimas, permitem a existência do nosso Vinho Generoso único no Mundo.

Assim sendo, a geologia do concelho de Sabrosa é bastante distinta nas zonas graníticas que se situam a norte do concelho, verificam-se áreas aplanadas com declives suaves enquanto na zona de xistos que se situam a sul, verificam-se relevos ondulados fracturados em alguns locais por picos quartzíticos mais elevados (PEREIRA, 1993).

4.3 Enquadramento geográfico

O concelho de Sabrosa encontra-se inserido no distrito de Vila Real, com cerca de 180 Km², possui quinze freguesias todas elas inseridas na Região Demarcada do Douro, à excepção da freguesia de Parada do Pinhão, Torre do Pinhão e S. Lourenço. O concelho faz fronteira a Norte com os concelhos de Vila Pouca de Aguiar e Murça, a Este possui como fronteira natural o Rio Pinhão afluente do Rio Douro, seguido do concelho de Alijó a Oeste faz fronteira com os concelhos de Vila Real e Peso da Régua e a Sul pelo Rio Douro.



Mapa 1: Localização geográfica do concelho de Sabrosa

O concelho de Sabrosa caracteriza-se por apresentar uma paisagem bastante singular com diferentes realidades. A Sul do concelho verificamos o predomínio de relevos bastante acidentados, junto do Rio Douro e do Rio Pinhão, que são manifestamente aproveitados, a nível agrícola, para cultivo da vinha e da oliveira.

Nos últimos anos têm ocorrido vários incêndios na região norte do concelho, nas zonas de floresta. Após os incêndios procede-se a uma desmatização e consequente corte das árvores, assim devido ao elevado declive, os solos ficam desprotegidos de vegetação e em determinados locais verifica-se uma violenta erosão provocada pelos ventos e pela água. Em alguns locais a escorrência das águas é de tal forma violenta,

que chega a provocar valas/fendas com cerca de 80 cm de profundidade, por 50 cm de largura. Nota-se uma falta de cuidado pelas autoridades competentes em preservar as zonas de área florestal, que começam já a ser pouco significativas.

4.4 Caracterização natural e ambiental

A posição desta região que se encontra protegida dos ventos marítimos, pelo facto de a ocidente se encontrarem os conjuntos montanhosos de Montemuro e do Marão-Alvão, que separa Trás-os-Montes e o Alto Douro da influência do Atlântico, com a forma de V aberto para leste. O concelho encontra-se inserido na terra de transição entre a terra fria e a terra quente. A norte do concelho verificam-se áreas planálticas que variam entre os 700 e 800 m de altitude, a grande maioria graníticas a sul a altitude varia entre os 400 e 500 m. O concelho possui uma grande densidade orográfica e um variado substrato litológico, tendo uma influência directa em factores como o clima, vegetação e o uso do solo para a agricultura. Com temperaturas médias anuais que variam entre os 12,5°C e os 14°C, onde as geadas se registam a partir dos fins do mês de Outubro até meados do mês de Abril. Nesta zona a precipitação varia entre 600mm e os 1200 mm. A flora varia nas diferentes zonas do concelho, a norte as arbóreas características são o carvalho negral (*Quercus Pyrenaica*), pinheiro bravo (*Pinus Pinaster*) e o castanheiro. No centro do concelho encontra-se o vidoeiro (*Betula Celtiberica*), pinheiro-silvestre (*Pinus Sulvestris*). Em termos de arbustos tanto no norte como no centro do concelho vamos encontrar o azevinho (*Ilex Aquifolia*), a tramazeira (*Sorbus Aucuparia*), no substrato de mato destacam-se as urzes (*Erica Aultralis* e *Erica Letraliz*), a queiroga (*Erica Umbelata*), a torga (*Calluna vulgaris*), a giesta (*Cytisus straitus*). No sul do concelho, verificam-se alguns grupos existentes no norte e centro, bem como, a existência do carvalho (*Quercus Pyrenaica* e *Quercus Kobur*). As características naturais do território influenciam os diferentes tipos de uso de solo.

Assim, exploração da terra difere ao longo do concelho, a norte pratica-se a exploração agrícola, em função da rotação bienal entre o centeio e a batata. No centro, também se pratica a exploração agrícola, em função da rotação bienal, com uma maior diversificação das culturas que vai desde a batata, milho e hortícolas. Nestas zonas também se pratica a pecuária bovina e caprina, mas com uma fraca expressão e em casos muito pontuais. A sul predomina a cultura da vinha e da oliveira, mas esta última

com muito menos expressão. Nesta zona é bem conhecida a acção do homem como factor responsável pela formação dos solos (A. FONSECA e tal., 1991), que aprofundando-os através da desagregação da rocha, quer preparando o terreno em terraços escalonados (N. ABREU, 1991). Pode assim, designar-se os solos desta região como antropossolos, isto porque o homem teve um papel fundamental na sua constituição. A acção do homem actuou em termos de aprofundar o solo através da mobilização e fracturação da rocha.

5 Estado da arte

O concelho de Sabrosa é muito rico em termos históricos, arqueológicos e etnográficos, como já foi referido, uma parte significativa do concelho encontra-se inserido na Região Demarcada do Douro. Sabrosa, desfruta de uma posição privilegiada tendo como fronteira natural a sul o Rio Douro, estes pormenores que juntos fazem toda a diferença e valeram à freguesia de Provesende, outrora sede de concelho, o título de Aldeia Vinhateira, pela sua carga histórica e monumentos a ela associados. Provesende, tal como, muitas outras freguesias do concelho de Sabrosa, possui muitas casas brasonadas. Este fenómeno está inteiramente ligado à cultura do vinho do generoso. Na região norte, também se verificam algumas casas brasonadas, mas não com tanta intensidade, em relação a região sul.

A norte do concelho devido, à cultura de cereais a norte, junto ao Rio Pinhão encontram-se ainda vários moinhos, um deles ainda em actividade. Os restantes encontram-se, em pleno abandono, mas alguns destes moinhos ainda em excelente estado, à excepção do telhado.

Em termos arqueológicos, o concelho de Sabrosa tem sofrido períodos muito grandes de inércia, o investimento tanto a nível financeiro como a nível de pessoal especializado, tem sido praticamente nulo, existindo algumas excepções mas que apenas não passaram de situações pontuais, que não tendem a sortir qualquer efeito, pelo facto, de não ser dada continuidade nos trabalhos.

Em meados do século XIX, foi identificada a Necrópole da Relva, na freguesia de Provesende, aquando ao plantio de uma vinha. Actualmente o sítio encontra-se classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto n.º 34 452, DG n.º 59, de 20-03-1945. O acesso a este local torna-se impossível, porque está sob posse de particulares que proíbem a entrada ao local. Nestes mesmos terrenos continua-se a

praticar a cultura da vinha e com os novos programas de plantio, fazem-se replantações sem qualquer tipo de acompanhamento ou conhecimento das autoridades competentes. Até ao momento não se conhecem documentos escritos, que mostrem em que condições foram realizadas as escavações e também se perdeu o rasto aos materiais retirados do local.

Em finais dos anos 60 começaram a ser realizadas campanhas arqueológicas no Castro de Sabrosa, pelo Dr. Santos Júnior, trabalhos que se estenderam até à década de 70. Seguiram-se, mais campanhas durante os anos de 1980 até 1984 pelo Dr. Carlos Ervedosa. Durante estes trabalhos foram realizadas intervenções profundas, que permitiram conhecer relativamente bem, as comunidades que habitaram o Castro de Sabrosa. A grande maioria dos materiais provenientes do contexto de escavação, que decorreram ao longo de todos estes anos, desapareceram, à excepção de alguns materiais que se encontravam na UTAD, que actualmente foram cedidos à Câmara Municipal de Sabrosa. Estes materiais são apenas fragmentos de cerâmica que têm uma cronologia que vai desde a pré-história recente, passando pelo período romano até à Idade Média.

Na década de 80, foram iniciados novamente trabalhos arqueológicos na Serra das Madorras, com a escavação da Mamoa I das Madorras, a cargo do Dr. Domingos Cruz e do Dr. Huet Bacelar. Na década de 90, foi realizado um levantamento de alguns sítios arqueológicos pelo Dr. Huet Bacelar. Estes trabalhos não tiveram continuidade, levando a um total estado de abandono, por parte das autoridades, pelo menos dos monumentos mais conhecidos.

Só no ano de 2008 a Câmara Municipal de Sabrosa, inicia a um restauro e limpeza do recinto amuralhado do Castro de Sabrosa, porque se encontrava em completo estado de abandono, quase impossível de ser visitado.

6 Caracterização Toponímica e Topónimos Relevantes

A toponímia caracteriza-se por apresentar o significado dos nomes dos lugares mais antigos. Competiu aos eruditos franceses d'Arbois de Jubainville e August Longnon, já no século XIX, o facto de terem criado uma nova ciência auxiliar da História, a toponímia, que se dedica ao estudo da origem e etimologia dos nomes dos locais. É um dos ramos principais da onomástica, ciência que também abrange a antroponímia, ou estudo dos nomes das pessoas.

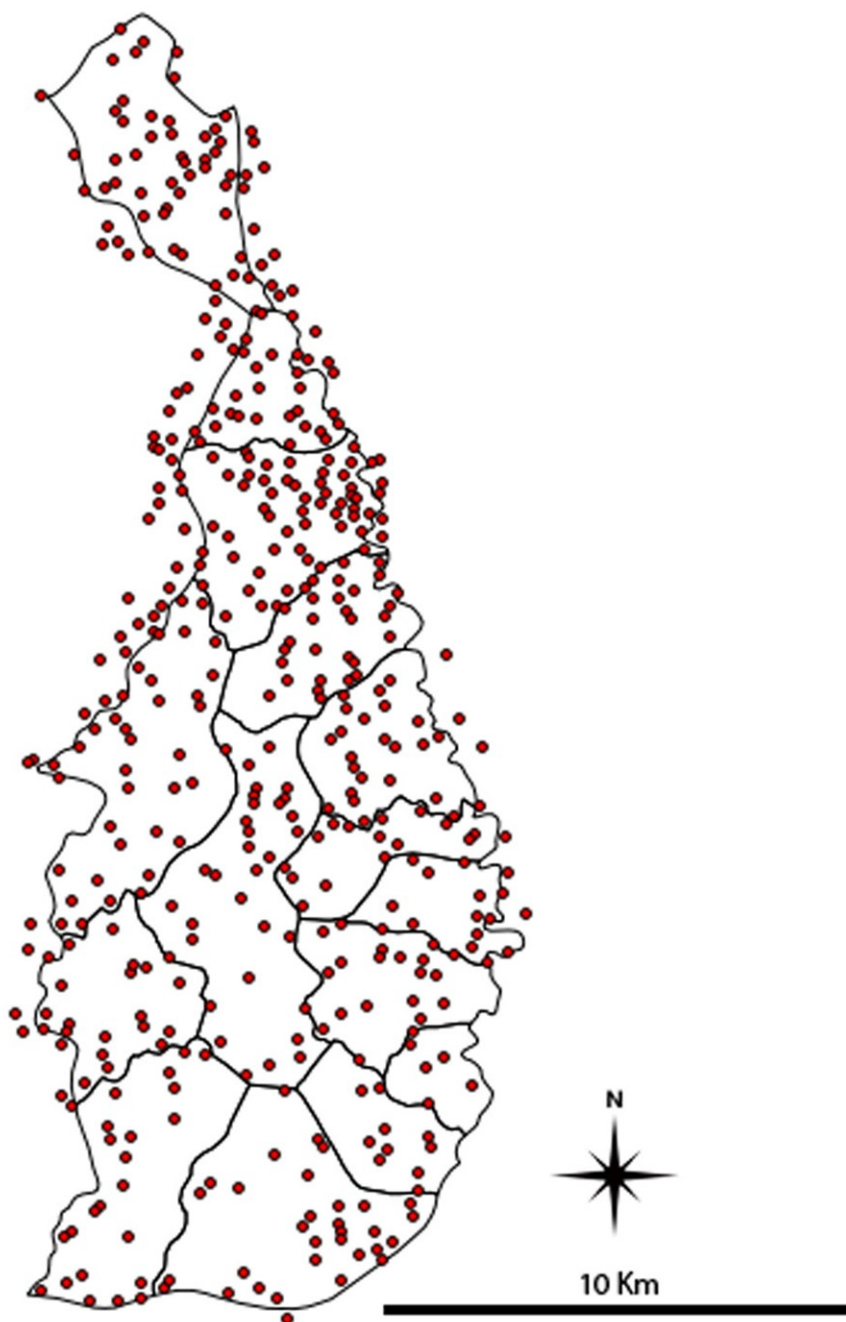
A toponímia é uma ciência difícil, que exige uma sólida base de erudição, uma metodologia segura e uma dose razoável de experiência, exigindo um domínio da História, da Paleografia, da Epigrafia, da Arqueologia e da Etnologia e bons conhecimentos filológicos e dialetológicos.

A toponímia tem sido muito estudada nas últimas décadas porque se tem revelado preciosa nos mais variados domínios das ciências históricas e filológicas. É também graças à toponímia que se podem reconstituir práticas agrícolas, tradições religiosas, a extensão e penetração dos costumes árabes, e até os vestígios das línguas pré-romanas, temas para os quais as fontes escasseiam ou são de interpretação difícil.

As causas fundamentais dos topónimos são variadas e levam à divisão convencional da toponímia em subgrupos, no caso da arqueologia temos a arqueotoponímia, que trata dos topónimos derivados de nomes de sentido arqueológico. No fundo a toponímia é uma fonte fundamental para o arqueólogo, porque muitos dos sítios possuem uma marca distintiva. Assim, podemos afirmar que existem paisagens culturais que possuem um conjunto de significados que permanecem na memória e nos mapas e que nos mostram a dimensão simbólica da paisagem, através da toponímia. A toponímia serviu sobretudo dois propósitos, por um lado, acompanhar o movimento de vários povos, bem como, a localização dos assentamentos mencionados muitas das vezes nas fontes.

Para o presente trabalho procedemos ao levantamento de todos os topónimos que o concelho de Sabrosa possui (mapa 1), nas cartas militares (88, 102, 103, 115, 116, 127 e 128). Os nomes, por vezes, têm sua origem em nomes ou nomes de pessoas, mas geralmente a sua origem é em algum aspecto físico ou material do local por eles designados. Os nomes são autênticos fósseis linguísticos abertos à possibilidade de expandir o conhecimento. No total registamos 459 topónimos, dos quais 109 são sítios de interesse histórico/arqueológico. Alguns destes topónimos remontam à origem e

criação do concelho e outros podem ser eventualmente muito mais antigos. Também a influência e tradição da religião católica, teve uma grande preponderância na toponímia. Na análise à lista dos 459 topónimos procuramos recolher a maior informação possível relativamente ao significado dos topónimos.



Mapa 2: Topónimos recolhidos no âmbito do trabalho

Tabela 4: Listagem dos topónimos recolhidos

Topónimo	OBS	Freguesia	CMP	XCOORD	YCOORD
Abeçada		Sabrosa	115	246898,7915	476683,3345
Abelheira		Torre do Pinhão	102	242368,6012	48921,99983
Abrecovo		Gouvinhas	127	24304,43733	469856,6579
Agrela		Vilarinho de S. Romão	115	245562,5422	475031,6761
Aladela		Paradela de Guiães	115	241564,8167	471601,1783
Albergaria		Sabrosa	115	247068,3663	477175,1014
Alcaria	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	247524,5225	483500,2408
Almas	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	244614,6192	48414,4625
Alminhas	I. Arqueológico	S. Cristovão do Douro	116	248124,8172	471434,995
Alto das Madorras	I. Arqueológico	S. Martinho de Anta	102	242774,7328	480848,0912
Anta (Aldeia)	I. Arqueológico	S. Martinho de Anta	115	241984,5143	478195,9416
Arcã (aldeia)	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	24415,67673	480607,295
Arestas		Paços	115	243700,6111	475184,2934
Armada		Sabrosa	116	249054,087	476339,0977
Arraiais		Paços	115	242957,8736	473325,7538
Atafona		Souto Maior	102	246836,0489	480559,8141
Azenha da Ponte		S. Martinho de Anta	115	241589,4051	478789,4533
Balsa	I. Arqueológico	Parada do Pinhão	102	245601,5444	487037,5708
Barra		Paradela de Guiães	115	242425,4088	47309,51321
Barreiras de Baixo		Paradela de Guiães	115	241112,8999	470617,6445
Barreiros de Cima		Paradela de Guiães	115	241535,989	471214,5478
Barroca		S. Martinho de Anta	115	242086,2592	476964,8287
Barrocas		Paços	115	244626,4894	475669,2773
Barroco		Parada do Pinhão	102	244177,9641	486878,1705
Boi Morto		Torre do Pinhão	88	240932,8838	490554,8918
Bouça	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	88	243354,8398	490074,5832
Bouça	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	88	244179,6599	489270,8707

Bouça	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	244991,0752	483568,0707
Bouça Carvão	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	244326,3421	481913,0208
Bouço		Souto Maior	115	245459,1016	479267,6542
Bouço		S. Martinho de Anta	115	240475,2987	477456,5955
Bucheiro		Celeirós do Douro	116	249596,7263	474633,1754
Buraco		Torre do Pinhão	102	241547,4353	489819,4451
Cabeço das Olas		Torre do Pinhão	102	245292,0705	487493,727
Cabeço do Pio		Torre do Pinhão	88	244975,8813	490261,9035
Calçada	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	88	244745,3331	490814,2584
Calvário		Gouvães do Douro	127	247240,9414	469337,0468
Campo de tiro		S. Martinho de Anta	115	24360,90407	478687,7085
Canal		Sabrosa	116	249617,0753	476573,1109
Canas		Torre do Pinhão	88	241739,9693	49257,45391
Cancelo		Parada do Pinhão	102	243344,5041	485541,9212
Capela		S. Lourenço de Ribapinhão	102	246164,5327	483462,9344
Carcajal		S. Lourenço de Ribapinhão	102	247531,3055	482730,3713
Cardacedo		Parada do Pinhão	102	244611,2277	486566,1529
Carrapata		Sabrosa	116	248335,0899	476437,4511
Carregueira		Paços	115	243456,4234	474034,5764
Carro Quebrado		Vilarinho de S. Romão	115	245416,7079	47521,48169
Carrujos		Torre do Pinhão	88	243262,3804	490338,7529
Carvalha		Souto Maior	102	246042,4389	481021,0575
Carvalhais		Provesende	115	246600,3399	474031,1849
Carvalhal		Torre do Pinhão	102	245214,0661	488361,9498
Carvalhal	I. Arqueológico	Gouvinhas	115	243694,676	471243,3755
Carvalheira		Gouvinhas	115	242923,9586	470834,7003
Casa da Eira		Paços	115	2447,350173	476591,7641
Casa Nova		Sabrosa	115	247580,4822	478684,317
Castanheira		Parada do Pinhão	102	242639,073	484456,6426
Castanheiro da Vinha		Parada do Pinhão	102	243568,3428	486237,1778

Castelhano		Parada do Pinhão	102	246056,0049	486718,7702
Castelo	I. Arqueológico	Parada do Pinhão	102	246298,4968	484402,3787
Castelo 2º	I. Arqueológico	Sabrosa	115	24675,29572	478626,6615
Castelos	I. Arqueológico	Paradela de Guiães	115	240658,4395	470353,1079
Castro	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	102	24558,37391	487612,4293
Cavaleiro	I. Arqueológico	Parada do Pinhão	102	24294,43076	485016,2394
Caxadas		Paços	115	244819,8047	475184,2934
Celeirós (Aldeia)		Celeirós do Douro	116	248497,8817	47512,83338
Cerdeira		Parada do Pinhão	102	245684,6361	485853,9388
Cerros		Celeirós do Douro	116	248145,1662	475392,8704
Chães	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	102	242477,1291	488426,3883
Chanceleiros		Covas do Douro	127	247481,852	46679,37867
Chanceleiros (Aldeia)		Covas do Douro	115	246635,3583	467251,0444
Chão	I. Arqueológico	S. Martinho de Anta	115	243073,1844	476951,2627
Chão do Rio	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	102	244949,5294	488161,8516
Chão Redondo	I. Arqueológico	Sabrosa	116	24888,79037	479778,0743
Chãos	I. Arqueológico	Provesende	116	248148,5577	471740,2296
Chaparreta		Souto Maior	115	245111,4733	478942,0706
Chora		Parada do Pinhão	102	245844,0364	484721,1793
Choupana		S. Lourenço de Ribapinhão	102	246507,0738	482852,4651
Choupana		Paradela de Guiães	115	241635,1903	470922,8791
Combro da Bouça	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	243858,3157	482554,0135
Companhia Mineira de Portugal	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	24546,24931	482418,3537
Condado	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	246864,0287	483947,9182
Corda		Torre do Pinhão	88	24406,79383	490807,8375
Corredoura		S. Martinho de Anta	115	242122,7178	477994,1476
Cortinha da Fonte	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	243607,345	481709,5311
Corujeira		S. Martinho de Anta	115	239961,4872	474004,053
Corva (Ribeira)		S. Martinho de Anta	115	241942,1206	478942,0706
Costa		Souto Maior	102	247443,1266	481794,3185

Coutada	I. Arqueológico	Parada do Pinhão	102	244829,9792	485962,4667
Coutada	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	245086,0371	482774,4607
Couto	I. Arqueológico	Parada do Pinhão	102	244027,0426	486627,1998
Couto	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	246642,7336	483025,4314
Couto	I. Arqueológico	S. Martinho de Anta	102	242732,3391	480213,8815
Covas do Douro (Aldeia)	I. Arqueológico	Covas do Douro	127	245222,9609	469064,9595
Cruz da Velha		Paços	115	244623,0979	476028,7759
Curnide		S. Martinho de Anta	115	240594,0011	477181,8844
Curvaceira		Torre do Pinhão	102	24114,38473	489760,9418
Damieiro		S. Martinho de Anta	115	242340,6214	474695,9181
Delegada		S. Lourenço de Ribapinhão	102	244882,5474	481584,0458
Devesa	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	245655,8084	483415,4534
Donelo (Aldeia)		Covas do Douro	127	243803,9503	468454,6527
Eira Queimada		Paradela de Guiães	115	24232,70554	472047,16
Escaminha		Torre do Pinhão	88	242366,4688	492952,3414
Espadanal		S. Martinho de Anta	115	241682,6712	474505,9943
Espinheiros		Provesende	116	24832,49155	47300,1866
Espinho		Paradela de Guiães	115	239922,485	473491,9371
Estante		Torre do Pinhão	88	241926,1525	49123,18459
Esteva		Parada do Pinhão	102	245710,0723	486247,3523
Feitais (Aldeia)		Souto Maior	115	245337,0078	479613,5868
Felgueiras		Torre do Pinhão	102	24284,68021	489240,3472
Fermentões (Aldeia)		Paços	115	245114,8648	475475,9621
Fernão da Paz		Torre do Pinhão	88	241901,6904	493218,7056
Figueira Cova	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	88	244685,2946	491025,5942
Figueiras	I. Arqueológico	Parada do Pinhão	102	245535,4103	484290,4593
Fojo		Torre do Pinhão	88	244252,7625	490084,8489
Fontainhas		Paços	115	244796,0642	476961,4372
Fonte de Cima		Covas do Douro	127	246575,8392	467598,7115
Fonte do Poio	I. Arqueológico	Gouvinhas	115	243246,9986	471256,9415

Fonte Fria		Torre do Pinhão	88	2417,902346	490405,9961
Fonte Santa	I. Arqueológico	Paços	115	245528,6273	473739,5163
Fonte Seca		S. Martinho de Anta	115	243463,2064	477032,6586
Fontelas		Souto Maior	115	246775,0019	479756,0296
Fraga	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	102	241785,46	489908,2923
Fraga das Teixeira	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	88	242567,601	491359,592
Fragas	I. Arqueológico	S. Martinho de Anta	115	240594,0011	475194,4679
Fraguita	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	247070,0621	482448,8772
Fundo de Vila		Parada do Pinhão	102	245715,1595	485053,5458
Fundo de Vila		S. Lourenço de Ribapinhão	102	246853,0063	483371,364
Garganta (Aldeia)	I. Arqueológico	S. Martinho de Anta	102	242620,4198	480651,3845
Gontelho		Covas do Douro	127	245808,7043	467508,0157
Gorda		S. Martinho de Anta	115	241050,1573	474000,6615
Gouvinhas (Aldeia)		Gouvinhas	127	24193,71293	468420,6418
Grojal		S. Lourenço de Ribapinhão	102	242718,7731	483357,798
Gujeira		Paradela de Guiães	115	240610,9586	472718,6761
Infantado	I. Arqueológico	Paços	115	244972,422	473966,7465
Laceiras		S. Lourenço de Ribapinhão	102	244512,8743	483408,6704
Laceiras		S. Lourenço de Ribapinhão	102	247114,1515	48204,86807
Lagares	I. Arqueológico	Vilarinho de S. Romão	115	247458,3883	47587,95501
Laje da Vara	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	245777,9022	482882,9886
Laje do Cavalinho	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	88	243066,3545	49216,14027
Lameiras	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	88	242926,3773	49123,18459
Lameiras		S. Lourenço de Ribapinhão	102	247453,3011	483992,0077
Lameiro do Feito		Torre do Pinhão	102	2418,225704	488684,1419
Lamela	I. Arqueológico	Parada do Pinhão	102	245913,562	486125,2585
Lapa do Lobo	I. Arqueológico	Covas do Douro	127	246094,9628	467190,5806
Levados		Vilarinho de S. Romão	115	246800,4382	47611,35633
Madorras	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	243636,1727	481309,3346
Madrinha Grande		S. Lourenço de Ribapinhão	102	244672,2746	484036,0971

Malhada do Souto	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	88	242216,9787	492721,3112
Malhadouro		Parada do Pinhão	102	244392,4762	485358,7804
Mantelinha	I. Arqueológico	Covas do Douro	115	245396,359	470437,8953
Marco	I. Arqueológico	Paradela de Guiães	115	242367,7533	471804,668
Mina de Binheiros		S. Lourenço de Ribapinhão	102	246161,1412	481672,2247
Mina de Rebelais		S. Lourenço de Ribapinhão	102	245930,5195	481855,3654
Miradouro		Sabrosa	115	247139,5877	478450,3038
Monte dos Carrujos		Torre do Pinhão	88	2439,184482	491076,9198
Moura	I. Arqueológico	Covas do Douro	127	244541,798	466521,6994
Mouta		Torre do Pinhão	102	2420,565836	488389,0818
Murada	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	88	243098,9705	492715,8752
Nossa Senhora da Fraga	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	245445,5356	481170,2833
Nossa Senhora do Calvário		Parada do Pinhão	102	244260,2079	484982,3244
Nossa Senhora do Carmo		Covas do Douro	127	24549,41034	46554,29411
Nossa Senhora dos Aflitos		Torre do Pinhão	88	244176,6584	491359,592
Olhal		S. Lourenço de Ribapinhão	102	242715,3816	484192,1059
Ordonho (Aldeia)		Gouvinhas	115	241760,6756	470400,5888
Outeiro		S. Lourenço de Ribapinhão	102	246161,1412	483038,9974
Paiol		S. Lourenço de Ribapinhão	102	245764,3362	482058,8552
Paiol		S. Lourenço de Ribapinhão	102	245252,2204	480868,4402
Pala da Paposa	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	244658,7086	481166,8918
Palagões	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	102	241612,2977	488999,551
Palão	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	102	241537,6848	488589,1801
Parada do Pinhão (aldeia)		Parada do Pinhão	102	244840,1537	48549,78318
Paradela de Guiães		Paradela de Guiães	115	242140,5231	472952,6893
Paradelinha (Aldeia)		Vilarinho de S. Romão	116	248874,3378	476196,6549
Parrachã		S. Martinho de Anta	115	242737,4264	478792,8448
Passadouro	I. Arqueológico	Celeirós do Douro	116	250597,2176	47422,95874
Passos (Aldeia)		Paços	115	24542,34909	476747,7729
Pé Cotido		S. Lourenço de Ribapinhão	102	246880,1383	482764,2863

Peleigado		Torre do Pinhão	102	24473,92567	488924,9381
Penagueira		Souto Maior	102	247566,9162	480600,512
Penalta		Paradela de Guiães	115	240819,5356	473590,2905
Penedo do Mato	I. Arqueológico	S. Martinho de Anta	102	242054,04	481014,2745
Penedo Redondo	I. Arqueológico	S. Martinho de Anta	115	241474,0942	47967,12422
Pereira		S. Lourenço de Ribapinhão	102	243876,9689	484039,4886
Pesinho (Aldeia)		Covas do Douro	127	247330,6924	467439,9939
Pinhão Cel (aldeia)		Torre do Pinhão	102	243006,2024	489932,2123
Pinheiro		Parada do Pinhão	102	24483,67622	484877,1881
Pinoco		Parada do Pinhão	102	243711,6335	486998,5686
Pioleiro	I. Arqueológico	Parada do Pinhão	102	243490,3384	4846,058684
Pista de Autocross		S. Martinho de Anta	115	242666,2049	476025,3844
Poio	I. Arqueológico	Paradela de Guiães	115	242920,5671	471709,7061
Pontão	I. Arqueológico	Parada do Pinhão	102	246210,3179	484592,3024
Pontão	I. Arqueológico	Souto Maior	115	246169,62	478887,8067
Pontão de Porteiga	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	88	241790,2523	491473,7481
Ponte da Basa		Parada do Pinhão	102	244935,5395	487117,2709
Ponte da Cheira		Torre do Pinhão	88	243730,906	490430,0352
Ponte da Pontinha		S. Lourenço de Ribapinhão	102	245852,5151	481234,7217
Ponte da Regada		S. Martinho de Anta	115	239891,9615	477470,1615
Ponte da Relva	I. Arqueológico	Parada do Pinhão	102	246478,2461	485836,9813
Ponte da Ribeira		Sabrosa	116	248705,6108	478051,803
Ponte das Fontes		S. Lourenço de Ribapinhão	102	247205,7219	482821,9417
Ponte das Lameiras		Torre do Pinhão	88	242975,3014	490970,9177
Ponte de Anta		S. Martinho de Anta	115	241104,4212	478562,2231
Ponte de Parada		Parada do Pinhão	102	246329,0203	486050,6456
Ponte de S. Lourenço		S. Lourenço de Ribapinhão	102	245476,0591	483520,5898
Ponte do Geijal	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	245852,5151	48261,1669
Ponte do Lameirinho		Parada do Pinhão	102	24552,52358	484931,452
Ponte do Porto		Torre do Pinhão	88	243951,0642	490593,1154

Ponte do Prado		Torre do Pinhão	88	243192,7416	490454,4972
Ponte do Rio Bom		Parada do Pinhão	102	244556,9638	486267,7013
Ponte do salto		Torre do Pinhão	102	244532,3754	489,806727
Ponto do Esporão		Souto Maior	102	246724,1295	480759,9123
Porta do Carro		S. Lourenço de Ribapinhão	102	24669,44539	483654,5539
Portela		Torre do Pinhão	102	245163,1936	487707,3912
Portela do Moinho		Torre do Pinhão	102	244474,72	488355,1669
Portela do Lobo		S. Martinho de Anta	115	240037,7958	477554,9489
Portelas	I. Arqueológico	S. Martinho de Anta	102	243919,3626	480061,2642
Póvoa		Torre do Pinhão	88	242564,883	490894,8136
Póvoa		S. Lourenço de Ribapinhão	102	245031,7732	483876,6968
Praina	I. Arqueológico	Parada do Pinhão	102	245749,0745	485521,5722
Praina	I. Arqueológico	S. Martinho de Anta	102	24365,65217	480875,2232
Prainelas	I. Arqueológico	Souto Maior	102	245506,5826	480061,2642
Provesende		Provesende	115	247153,1537	472240,4752
Queda		S. Martinho de Anta	115	240633,0033	474010,8359
Queijatas	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	246217,9488	483710,5135
Queiroval		Sabrosa	115	246875,0511	477585,4724
Quinta Assento de Paços	I. Arqueológico	Paços	115	245292,0705	476603,6344
Quinta da Água de Alta		Covas do Douro	127	242955,5671	46637,80978
Quinta da Alfarela		Celeirós do Douro	115	247727,1643	474431,3814
Quinta da Arruda		Vilarinho de S. Romão	116	249362,7131	475837,1564
Quinta da Boavista		Covas do Douro	127	246620,2423	466396,9928
Quinta da Carpinteira		Paradela de Guiães	115	240824,6228	470098,7457
Quinta da Casa Nova		Gouvães do Douro	127	247588,6085	469639,366
Quinta da Castanheira		S. Martinho de Anta	115	240995,0455	477812,7026
Quinta da Cavadinha		Provesende	116	248179,0811	472384,6138
Quinta da Chã de Cima		Gouvinhas	127	241627,2522	469697,9403
Quinta da Comba		Sabrosa	115	246922,532	477378,5911
Quinta da Cortinha		Covas do Douro	127	246122,3605	469405,0686

Quinta da Costa		Gouvinhas	127	241050,9562	466466,9041
Quinta da Costa de Baixo		Gouvinhas	127	24075,9974	4663,119655
Quinta da Cruz		Sabrosa	116	249650,9903	477794,0494
Quinta da Eira Velha		Gouvães do Douro	128	248509,7372	469457,9744
Quinta da Falachã		Celeirós do Douro	116	249525,5049	473788,693
Quinta da Farela		Vilarinho de S. Romão	115	246139,0965	475893,116
Quinta da Formigosa		Covas do Douro	127	246643,861	467413,541
Quinta da Foz		Gouvães do Douro	128	248558,8641	469223,6771
Quinta da Foz do Ceira		Gouvinhas	127	240210,131	466183,4798
Quinta da Manuela		Vilarinho de S. Romão	116	250152,9316	475884,6373
Quinta da Marinha Moira		S. Lourenço de Ribapinhão	102	246915,749	484283,6763
Quinta da Moita		Paços	115	245698,2021	471528,2611
Quinta da Peixota		S. Lourenço de Ribapinhão	102	247314,2498	483924,1778
Quinta da Peneda		Souto Maior	102	247446,5181	481519,6073
Quinta da Poça		Covas do Douro	127	246575,8392	467995,5054
Quinta da Rapozeira		S. Martinho de Anta	115	24085,6842	474505,9943
Quinta da Relva	I. Arqueológico	Provesende	115	247438,0393	473285,0559
Quinta da Ribeira		Paradela de Guiães	115	240730,5088	47168,76614
Quinta da Ribeira	I. Arqueológico	Sabrosa	116	248369,8528	477855,0963
Quinta da Sabica		Paços	115	244127,9396	477782,1791
Quinta da Seixora		Torre do Pinhão	102	244786,3137	487179,1657
Quinta da Senhora de Matosinhos		Gouvinhas	127	241455,3081	467976,6105
Quinta da Serra		Paços	115	244490,8296	474567,0412
Quinta da Silva		Paradela de Guiães	115	239826,6752	471709,7061
Quinta da Sobreira		Gouvinhas	127	242051,4438	467302,0608
Quinta da Sopa de Baixo		Covas do Douro	127	247376,0403	467016,7471
Quinta da Sopa de Cima		Covas do Douro	127	247032,1522	466918,4934
Quinta da Tapada		S. Lourenço de Ribapinhão	102	245832,1661	483161,0912
Quinta da tapada		Paços	115	244768,9323	476788,4709
Quinta da Tapada		Celeirós do Douro	116	249820,565	474110,8851

Quinta da Trancada		Covas do Douro	127	244874,3491	466189,1483
Quinta da Vedejosa		Celeirós do Douro	116	250105,4507	474663,6989
Quinta da Veiga		Souto Maior	115	246181,4902	479247,3053
Quinta da Vista Alegre		Covas do Douro	127	24712,00137	467999,2844
Quinta da Vista Alegre		Covas do Douro	128	248158,2912	467742,3131
Quinta das Aguaneiras		Gouvinhas	127	240683,4495	467294,5028
Quinta das Andorinhas		Provesende	116	248803,1163	472340,5243
Quinta das Beatas		Gouvães do Douro	115	247051,4088	470437,8953
Quinta das Fernandes		Souto Maior	102	246585,0782	48100,07085
Quinta das Fontainhas		Provesende	116	248687,8055	472923,8616
Quinta das Forcalhas		Gouvinhas	127	241665,0421	469429,632
Quinta das Lamelas		Gouvães do Douro	127	247608,4482	469176,4397
Quinta das Pias	I. Arqueológico	Celeirós do Douro	115	247516,0437	473932,8315
Quinta das Pias	I. Arqueológico	Celeirós do Douro	116	248185,8641	474032,8807
Quinta das Quintãs		Paços	115	245467,5804	476924,1307
Quinta de Cristelo	I. Arqueológico	Sabrosa	115	247443,1266	479009,9006
Quinta de Fiões		Parada do Pinhão	102	246444,3311	484992,4989
Quinta de La Rose		Gouvães do Douro	128	248282,9978	468282,7086
Quinta de Nossa Senhora do Carmo		Covas do Douro	127	244216,8049	466079,5576
Quinta de S. Cosme do Ceira		Paradela de Guiães	115	240769,511	471903,0214
Quinta de Santa Marinha	I. Arqueológico	Provesende	115	247875,5423	473285,0559
Quinta de Terrafeita dos Cavaleiros		Provesende	116	248606,4096	473558,0713
Quinta de Terrafeita dos Francos		Celeirós do Douro	116	249047,304	473374,9305
Quinta do Alvaredo		Gouvinhas	127	241364,6124	467851,9038
Quinta do Alvito		Provesende	116	248318,1325	47200,81578
Quinta do Barroqueiro		Provesende	116	248399,5284	473269,7941
Quinta do Bouço		S. Martinho de Anta	115	2431,715378	475808,3287
Quinta do Bragão do Meio		Celeirós do Douro	116	249294,8832	47533,18235
Quinta do Brás		Covas do Douro	127	246064,7309	466827,7976
Quinta do Caleiro		Gouvinhas	127	241256,9112	465917,0611

Quinta do Carrachó		Torre do Pinhão	102	242897,6745	489392,9645
Quinta do Carvalho		Gouvães do Douro	115	247427,8649	470495,5507
Quinta do Castro	I. Arqueológico	Gouvinhas	127	24234,52602	466302,518
Quinta do Conde		Gouvinhas	127	240839,3328	467413,541
Quinta do Cruzeiro		Celeirós do Douro	116	249766,3011	473218,9217
Quinta do Cumeal		Paradela de Guiães	115	240647,4172	471462,127
Quinta do Ermo		Paços	115	244653,6214	477429,4636
Quinta do Espinhal		Covas do Douro	127	242859,2028	4662,382752
Quinta do Feio		Paradela de Guiães	115	239641,8387	472126,8601
Quinta do Fojo		Celeirós do Douro	116	250207,1956	475131,7253
Quinta do Infantado	I. Arqueológico	Covas do Douro	127	245956,0849	46775,36501
Quinta do Junco		S. Cristovão do Douro	116	248443,6178	47092,96621
Quinta do Muro		S. Lourenço de Ribapinhão	102	245191,1735	482045,2892
Quinta do Muro		Provesende	115	24624,42329	471796,1893
Quinta do Muro		Paradela de Guiães	115	240223,4802	471758,8828
Quinta do Penedo Agudo		Gouvães do Douro	127	247476,1835	468953,4793
Quinta do Pomar	I. Arqueológico	Covas do Douro	127	244405,7544	468377,1834
Quinta do Porto		Covas do Douro	127	247742,6023	467213,2545
Quinta do Querindeu		Gouvinhas	127	242111,9076	469457,9744
Quinta do Ribeirão		Covas do Douro	127	246239,5091	469227,4561
Quinta do Rio Bom		Parada do Pinhão	102	245150,4755	486230,3948
Quinta do Rossalo		S. Lourenço de Ribapinhão	102	246346,8256	483986,9204
Quinta do Sagrado		Gouvães do Douro	128	2482,565449	468671,9446
Quinta do Sampaio		Gouvinhas	127	241821,8701	465937,8455
Quinta do Sol		S. Lourenço de Ribapinhão	102	24604,92219	48138,39475
Quinta do Sol		S. Martinho de Anta	115	241682,6712	476103,3888
Quinta do Vale da Porca		Sabrosa	115	247672,0525	477120,8375
Quinta do Vale de Figueira		Covas do Douro	128	248112,9433	468006,8424
Quinta do Vilasó		Torre do Pinhão	102	244315,3197	487958,3619
Quinta Dona Maria		Sabrosa	115	246820,7871	476842,7348

Quinta dos Azevedos		Sabrosa	116	249155,8319	478407,9101
Quinta dos Cortiços		Paradela de Guiães	115	240292,158	472114,9899
Quinta dos Corvos		Sabrosa	116	248288,4569	478348,5589
Quinta dos Gaviões		S. Cristovão do Douro	116	248477,5328	470169,9671
Quinta dos Montes		Gouvinhas	127	242006,0959	4689,969377
Quinta dos Taylors		Celeirós do Douro	116	249423,7601	473534,3308
Quinta Nova		Covas do Douro	127	245256,0271	465977,5249
Quintela	I. Arqueológico	Parada do Pinhão	102	246566,425	484778,8347
Quintos		Parada do Pinhão	102	243079,9674	485392,6954
Racha do Pau		Vilarinho de S. Romão	115	247485,5203	476269,5721
Ranha		S. Lourenço de Ribapinhão	102	247449,9096	483249,2701
Raposeira		Paços	115	244609,532	476232,2656
Reboleda		Parada do Pinhão	102	243605,6492	484351,5062
Rebordeira		S. Lourenço de Ribapinhão	102	24418,05078	482313,2173
Regada		S. Martinho de Anta	115	241397,7856	4749,875867
Regadinha		Paços	115	245592,2178	476328,9232
Regadinhas		Torre do Pinhão	102	243942,2552	487395,3736
Riba d'Egas		S. Martinho de Anta	102	241908,2057	48020,3707
Ribeira de Ceira		Paradela de Guiães	115	240380,3369	473308,7963
Ribeira de Santiago (Linha de água)		Torre do Pinhão	102	243226,6496	488389,0818
Ribeira de Valpaços		Paradela de Guiães	115	242751,8402	471419,7333
Ribeira do Carvalho		Paços	115	244019,4117	471499,4334
Ribeira do Pontão		Provesende	115	247014,1024	471102,6284
Ribeira dos Salgueiros		Gouvinhas	115	24304,60525	470526,0742
Ribeiral		Torre do Pinhão	88	242252,3127	490541,4733
Ribeirinho		S. Lourenço de Ribapinhão	102	242515,2834	482696,4563
Ribeirinho		S. Martinho de Anta	102	243213,9315	480956,6191
Ribeiro de Feitais		Souto Maior	115	246108,573	479047,207
Roalde (Aldeia)		S. Martinho de Anta	115	241886,1609	47575,40647
Rosso		S. Lourenço de Ribapinhão	102	243281,7614	482520,0986

Rua da Fonte (Aldeia)		S. Lourenço de Ribapinhão	102	246276,4521	483252,6616
S. Cristovão		S. Cristovão do Douro	116	249457,675	470543,0316
S. Cristovão do Douro		S. Cristovão do Douro	116	248837,0313	471150,1094
S. Domingos	I. Arqueológico	Provesende	115	246618,9931	473200,2685
S. Domingos	I. Arqueológico	Paços	115	244609,532	47078,04363
S. Gonçalo		Sabrosa	115	247102,2813	476232,2656
S. Lourenço de Ribapinhão		S. Lourenço de Ribapinhão	102	246958,1427	483133,9593
S. Martinho de Antas (Vila)		S. Martinho de Anta	115	24314,77973	477677,0428
Sabrosa (Vila)		Sabrosa	115	246393,4587	477975,4944
Safelho		S. Lourenço de Ribapinhão	102	243169,8421	483663,0326
Sainça	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	88	240174,3999	491797,1904
Salgueirinha		S. Lourenço de Ribapinhão	102	245506,5826	483930,9608
Salgueiros		Sabrosa	115	247756,8399	477843,226
Salto		Torre do Pinhão	88	244606,0436	490091,394
Salto		Torre do Pinhão	102	24415,25279	489891,5144
Sancha	I. Arqueológico	Sabrosa	115	247687,3143	479223,5648
Santa Barbara	I. Arqueológico	Sabrosa	115	24665,12124	478168,8096
Santa Barbara		Paradela de Guiães	115	242164,2636	473166,3535
Santa Maria Madalena		Covas do Douro	127	243607,4428	468231,6923
Santa Marinha	I. Arqueológico	Provesende	115	247522,8267	473471,5881
Santo António		Parada do Pinhão	102	242637,3772	484256,5443
São Paio		S. Martinho de Anta	115	2418,030693	478399,4313
Sardeira		Provesende	115	246328,1724	473006,9532
Saudel (aldeia)		S. Lourenço de Ribapinhão	102	245148,7798	4832,764021
Seara	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	24272,55561	483045,7804
Seara	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	247487,216	482357,3068
Seara Velha	I. Arqueológico	S. Martinho de Anta	115	243888,8391	479352,4416
Seixeidro		S. Martinho de Anta	115	242015,0378	47734,12847
Seixões		S. Martinho de Anta	115	241996,3846	479861,166
Senhora da Azinheira	I. Arqueológico	S. Martinho de Anta	102	243268,1954	480288,4944

Senhora da Azinheira	I. Arqueológico	S. Martinho de Anta	115	243564,9513	478904,7642
Senhora da Boa Morte		Vilarinho de S. Romão	115	247577,0907	475465,7876
Senhora da Boa Viagem		Covas do Douro	127	245914,516	468630,3757
Senhora da Saúde		S. Lourenço de Ribapinhão	102	244974,1177	482954,21
Senhora da Veiga		S. Martinho de Anta	115	242520,3706	475075,7656
Senhora do Castro	I. Arqueológico	Gouvinhas	127	242311,2493	466015,3148
Serra		Souto Maior	115	245418,4037	47989,84724
Serra da Ponte		S. Lourenço de Ribapinhão	102	242983,3098	484002,1822
Serra de Alem	I. Arqueológico	Provesende	115	24626,79733	473848,0442
Serra de Arcã		S. Lourenço de Ribapinhão	102	24494,69858	48084,46997
Serra de S. Domingos	I. Arqueológico	Paços	115	245101,2988	470980,5346
Serra do Meio		S. Martinho de Anta	102	242610,2453	480322,4094
Serra do Meio	I. Arqueológico	S. Martinho de Anta	115	242257,5297	479542,3654
Servas		Provesende	115	246600,3399	472118,3814
Sobrados (Aldeia)		Paços	115	242995,18	474417,8154
Sobreira		Souto Maior	115	246924,2278	479644,1102
Sobreiral		Torre do Pinhão	88	243717,316	490247,9291
Sobreiro		S. Martinho de Anta	102	242257,5297	480475,0267
Soutelinho		Sabrosa	115	247580,4822	477972,1029
Souto do Cão		Souto Maior	102	246903,8788	481160,1088
Souto Maior (Aldeia)		Souto Maior	102	246005,1324	480546,2481
Taboadelo		Vilarinho de S. Romão	115	247834,8443	47575,40647
Tapadas	I. Arqueológico	Parada do Pinhão	102	243008,746	484395,5957
Tapadas	I. Arqueológico	S. Martinho de Anta	102	242937,5246	481221,1557
Tapado		S. Lourenço de Ribapinhão	102	244183,8993	483646,0751
Tapado		Sabrosa	115	246366,3267	476503,5853
Telbeiras		Vilarinho de S. Romão	116	249464,458	475942,2927
Tojeira		Souto Maior	115	246069,5708	479908,6469
Torgueira		Paradela de Guiães	115	241728,4564	47390,90911
Torre do Pinhão (aldeia)		Torre do Pinhão	102	243189,3432	489725,3311

Touças		S. Lourenço de Ribapinhão	102	244645,1427	483666,4241
Travessas		Sabrosa	116	248670,848	476722,3367
Uteija	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	102	243046,9003	488507,7842
Valado		Parada do Pinhão	102	243954,9733	484700,8303
Vale		Torre do Pinhão	102	242324,5118	48970,49821
Vale		S. Lourenço de Ribapinhão	102	246829,2659	483225,5297
Vale Carrão		Paços	115	243948,1903	475058,8081
Vale da Baralha		Paços	115	245074,1669	477805,9196
Vale da Eugénia		Souto Maior	102	245442,1441	480770,0868
Vale da Pontinha		Souto Maior	102	246554,5547	481370,3815
Vale das Donas		S. Lourenço de Ribapinhão	102	243107,0994	481655,2672
Vale das Gatas		S. Lourenço de Ribapinhão	102	246602,0357	482554,0135
Vale das Tábuas	I. Arqueológico	S. Martinho de Anta	115	242579,7218	479254,0882
Vale de Arcos		Vilarinho de S. Romão	115	24644,77226	476191,5677
Vale de Enxerto		Vilarinho de S. Romão	115	245820,2959	474431,3814
Vale Derradeiro		Parada do Pinhão	102	244305,9931	48634,23142
Vale do Cubo		Souto Maior	102	247687,3143	480163,0091
Vale do Cubo		Souto Maior	115	246981,8832	47933,54841
Vale do Freixo		Paços	115	24342,92915	47368,18609
Vale Escuro	I. Arqueológico	S. Lourenço de Ribapinhão	102	243230,889	483296,7511
Vale Velho	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	102	243925,2977	487703,9997
Vales		Souto Maior	102	247831,4528	48112,61939
Vales		Paços	115	245769,4235	471173,8498
Valongo		Parada do Pinhão	102	244416,2167	484890,754
Valongo		Provesende	115	245877,9513	472237,0837
Valpaço		Paradela de Guiães	115	24314,77973	472742,4166
Varzea	I. Arqueológico	Paços	115	243845,5976	47225,91284
Veiga		Souto Maior	115	246768,219	479230,3478
Veiga Cheira	I. Arqueológico	Torre do Pinhão	88	243698,29	490900,2496
Veiga dos Lamaçais		Sabrosa	115	246708,8678	478911,5472

Verganção		S. Lourenço de Ribapinhão	102	246900,4873	482950,8185
Vermadais		Souto Maior	102	247692,4015	480854,8742
Vidigal		Celeirós do Douro	116	249549,2454	474212,6299
Vila Gundor		S. Martinho de Anta	115	241321,4769	478216,2906
Vila Micas		Celeirós do Douro	116	250230,936	473422,4115
Vila Pés		Torre do Pinhão	102	24466,12523	487870,183
Vilar de Celas (aldeia)		S. Lourenço de Ribapinhão	102	243644,6514	482007,9827
Vilarinho (aldeia)		Parada do Pinhão	102	243904,1009	485063,7203
Vilarinho de São Romão		Vilarinho de S. Romão	115	246274,7563	474851,9269
Vilela (Aldeia)		Paços	115	244621,4022	472881,4679
Vinha		Torre do Pinhão	88	241973,7175	491699,3423
Vinha Grande		Paços	115	245684,6361	475998,2524
Vinheirais		Souto Maior	102	246693,606	481801,1015

7 Prospeção Arqueológica

7.1 Relocalização de sítios (Endovélico e bibliografia)

Durante os trabalhos de prospeção iniciados em 2008, um dos principais objectivos definidos desde o início, foi sobretudo a relocalização dos sítios inventariados na publicação realizada por Huet Bacelar em 1993. Procede-se assim à relocalização dos sítios arqueológicos no terreno, através de prospekções em áreas previamente seleccionadas. Durante o decurso das prospekções foram relocalizados os sítios da Mamoa das Madorras 1, Mamoa das Madorras 2, Mamoa do Cerro do Carvalhal, Mamoa do Picoto, Mamoa II do Cimo das Devesas, Mamoa Santa Barbara I, Quinta da Relva, Castro de S. Domingos e Castro de Sabrosa.

Com o decorrer da prospekção e na tentativa de relocalizarmos os sítios arqueológicos deparamo-nos com bastantes obstáculos, desde logo a grande densidade de vegetação, a abertura de vários caminhos para combate a incêndios, e a entrada de maquinaria pesada, para colher a madeira. Também devemos ter em conta, que muitos dos sítios se encontram destruídos, devido à actividade agrícola, à reflorestação, a incêndios e extracção de granitos sobretudo nos últimos dez anos.

7.2 Sítios identificados (2008 e 2010)

A prospekção durante os anos de 2008 e 2010 tentou contemplar o máximo de terreno possível, mediante os meios disponíveis. Visto não ser possível, percorrer todo o território em tão pouco tempo, elegemos algumas áreas, como já referimos anteriormente, com base no Inventario de 1993 e o conhecimento popular. Numa análise mais atenta aos dados recolhidos temos a oportunidade de observar que conseguimos recolher informação em onze freguesias. Foi a norte do concelho que se identificaram mais sítios arqueológicos, sobretudo na freguesia de S. Lourenço de Ribapinhão, S. Martinho de Antas e Sabrosa. Esta situação é explicada pelo facto de nestes locais os terrenos serem quase na sua totalidade terrenos baldios, por isso pouco humanizados, e conseguem em relação ao sul manter de forma quase estável a sua traça original. O facto de não termos investido de forma perseverante na região Sul do concelho deve-se sobretudo ao facto dos terrenos estarem totalmente dedicados à cultura vinícola, outros serem apenas mortórios. Primeiro que tudo temos como primeiro obstáculo a entrada

nos terrenos das grandes Quintas, produtoras de vinhos, de seguida temos outro problema bem presente, que são os plantios que vão sendo renovados. A renovação dos plantios, para além de se fazer com alguma frequência exige movimentações de terras/xisto em grande escala e como os solos nesta região são de fraca potência, recorre-se muitas das vezes a rebentamentos do próprio xisto, para melhorar a produção. Assim se justifica a falta de resultados para a região Sul.

A norte do concelho de Sabrosa, mais precisamente na freguesia da Torre do Pinhão encontramos outro grande obstáculo à pesquisa arqueológica, bem como, à conservação do património arqueológico que é são as pedreiras actuais, que laboram em grande escala por toda a freguesia, sendo impossível fazer prospecção em determinadas zonas, devido a rebentamentos constantes.

Conforme ilustra o gráfico 1 do conjunto de sítios identificados na prospecção dos anos 2008 a 2010 as freguesias que se destacam pelo número de sítios identificados são as freguesias de S. Lourenço de Ribapinhão com 50 sítios, S. Martinho de Antas com 44 sítios e a freguesia de Sabrosa com 23 sítios. As restantes freguesias apresentam um número inferior a 8 sítios.

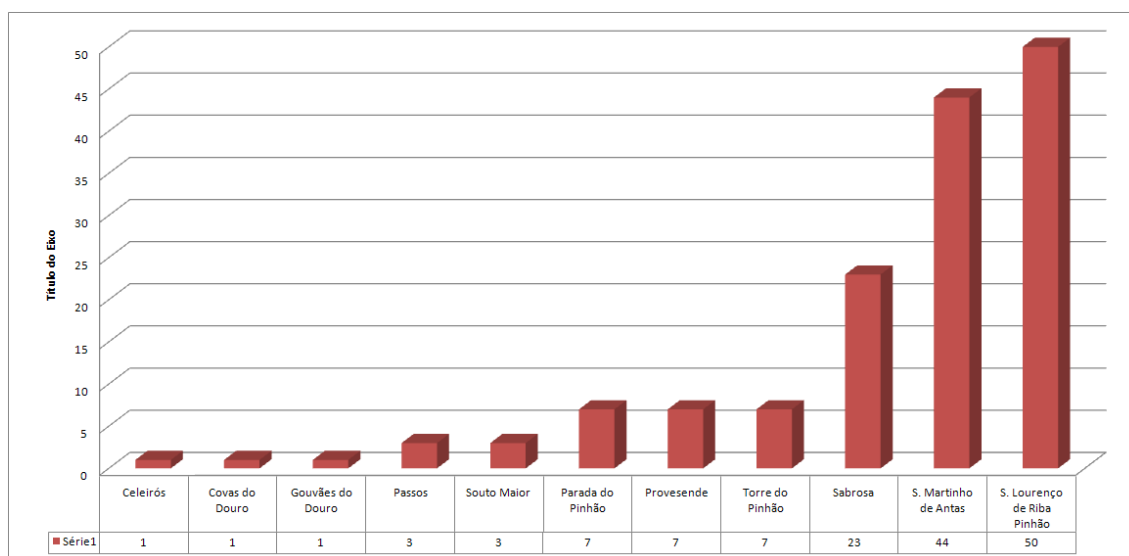


Gráfico 1: Sítios identificados entre 2008 e 2010 por freguesia

Em termos de cronologia de sítios verificamos que existe um grande número de locais de cronologia indeterminada (50 sítios), que são sítios que apresentam vestígios de actividade humana mas devido à falta de indícios de cultura material não foi possível atribuir um contexto cronológico. Dos restantes sítios, 49 sítios apresentam uma cronologia medieval/moderna, 27 sítios com cronologia pré-histórica, 11 sítios proto-históricos, 9 sítios romanos e 1 contemporâneo (Gráfico 2).

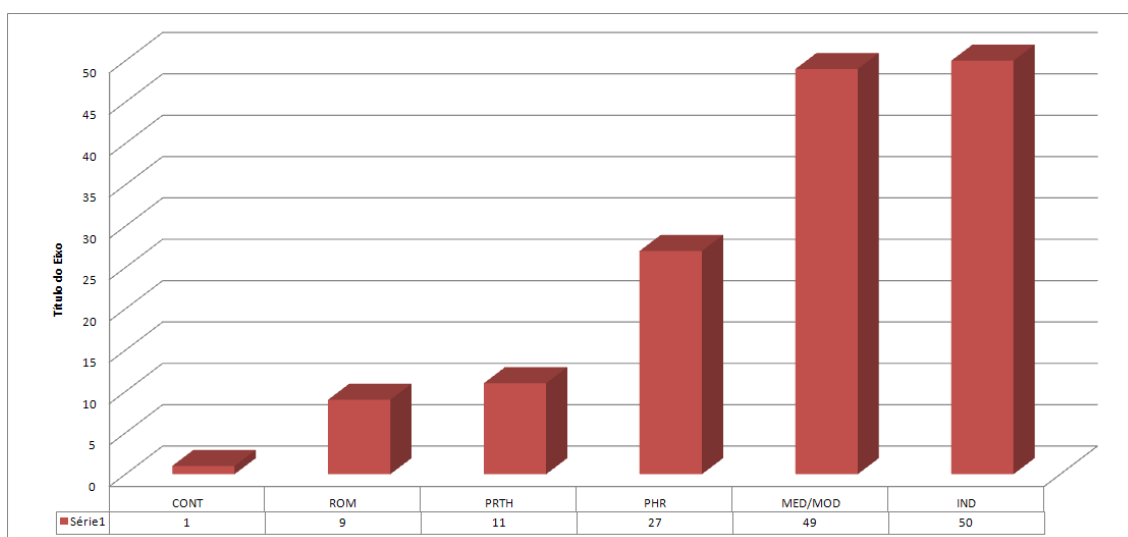


Gráfico 2: Cronologia dos sítios identificados entre 2008 e 2010

8 Caracterização dos sítios em estudo

Mediante os dados apresentados (gráfico 3) estamos perante a distribuição de todos os sítios identificados no concelho de Sabrosa. Neste gráfico também encontram-se inseridos os monumentos identificados pelo Dr. Huet Bacelar no inventário de 1993. Em termos da distribuição cronológica, a Pré-história recente é o período que mais se destaca com 51 sítios registados, no período medieval/moderno/contemporâneo foram identificados 50 sítios, na proto-história foram identificados 13 sítios, do período romano foram registados 11 sítios e 1 sítio de cronologia contemporânea. Em termos de tipos ou tipologia de sítios, o que mais se destaca em termos de número são as mamoaes, como podemos observar (gráfico 4), tendo por base o levantamento do Huet Bacelar. Ainda no que respeita à tipologia, destacam-se os sítios classificados como arte rupestre, os castros, as minas, os troços de calçada, as pedreiras antigas e os marcos as restantes tipologias determinam números muito menos significativos e muitas das vezes são achados isolados. Todos estes locais foram distribuídos por 11 das 15 freguesias do concelho de Sabrosa.

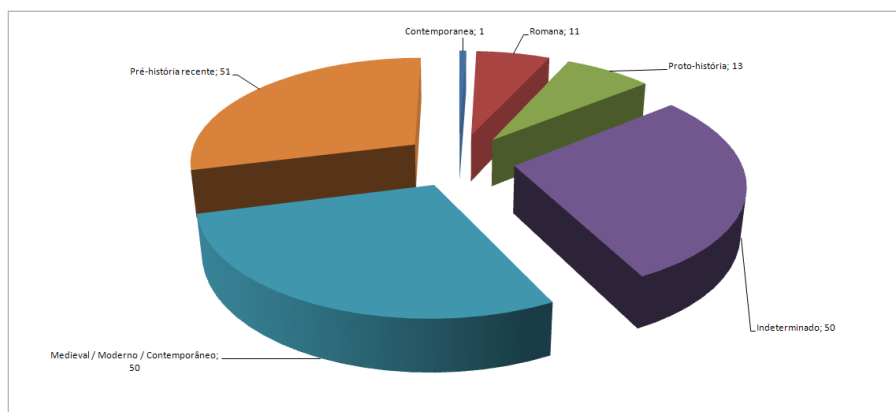


Gráfico 3: Distribuição dos sítios por época histórica

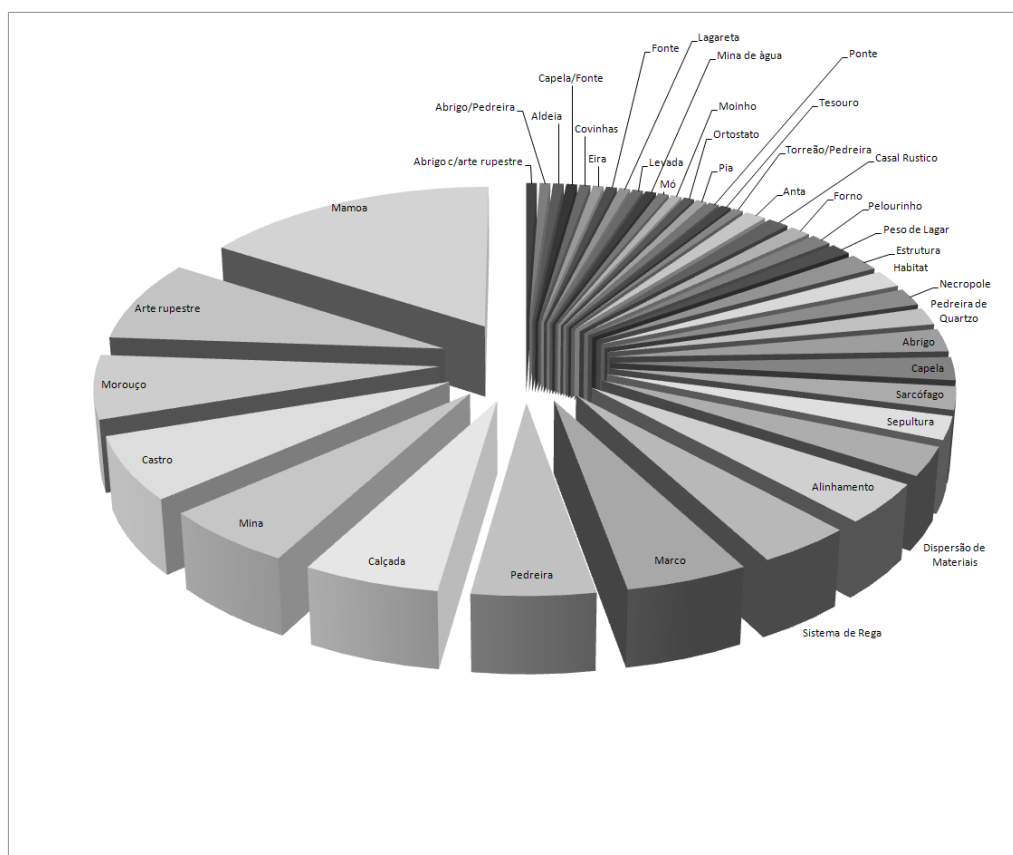


Gráfico 4: Distribuição de sítios por tipo de sítio

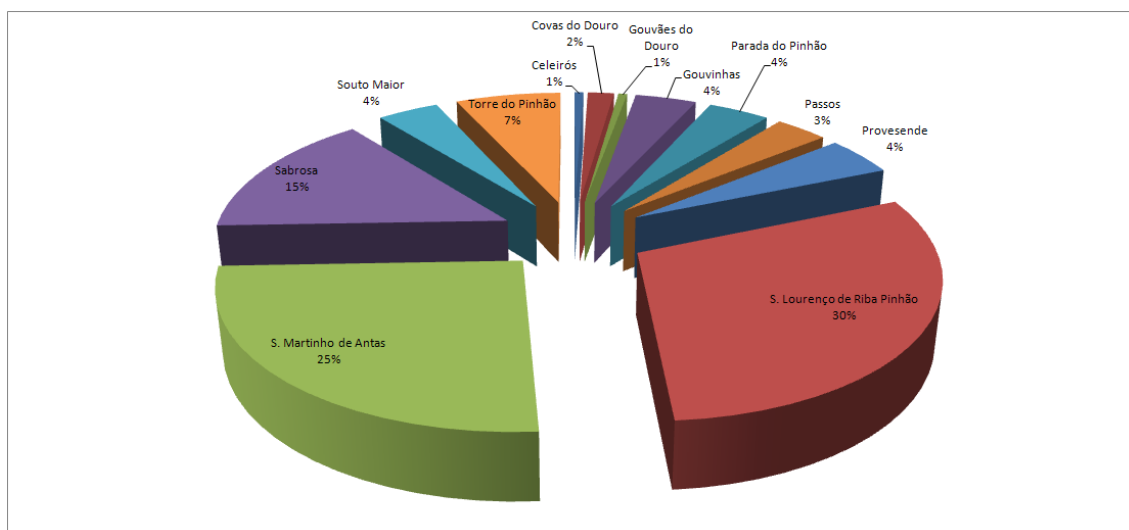
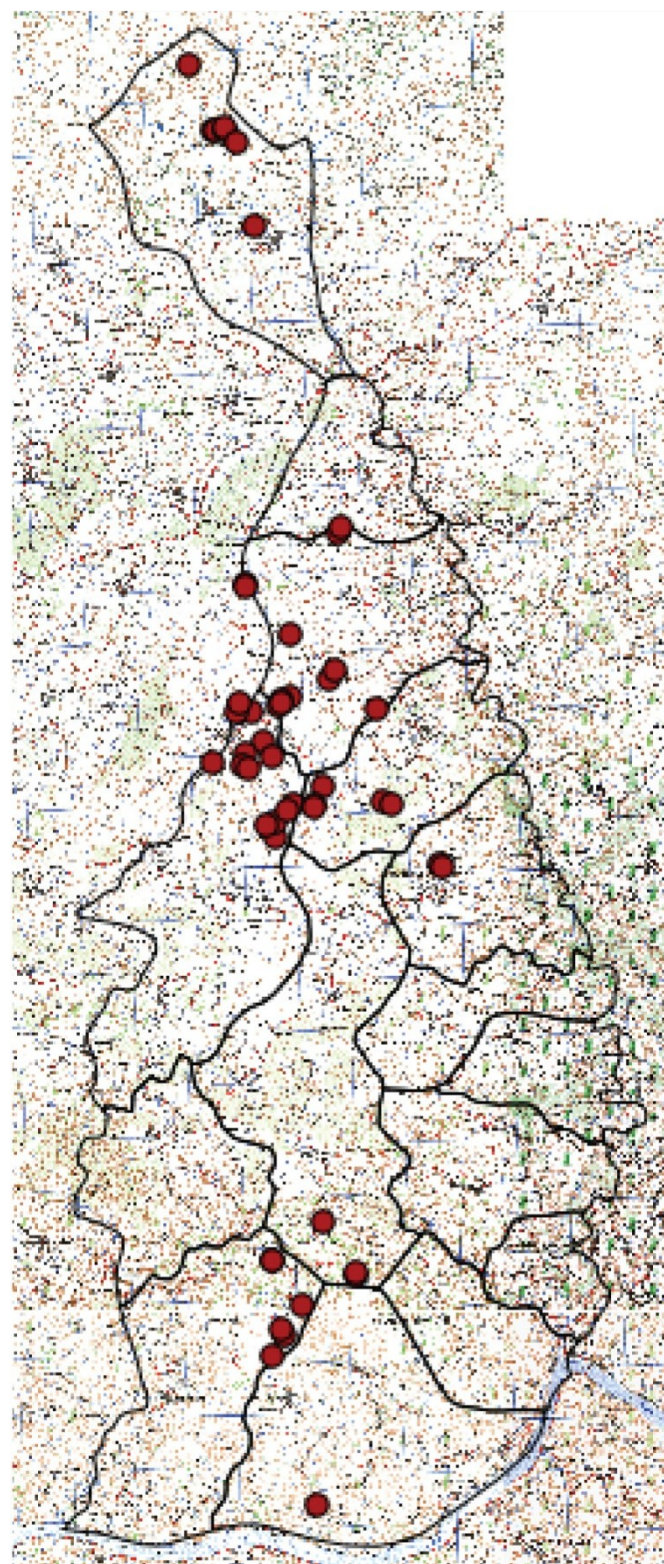


Gráfico 5: Distribuição de sítios por freguesias do concelho

8.1 Pré-história recente

Na sequência dos trabalhos de campo efectuados para o presente estudo, de 2008 até 2010, foram localizados e documentados, no concelho de Sabrosa, até à data, 30 sítios enquadrados na Pré-história recente. Os sítios documentados foram: Cimo das Devesas 1, Sainça / Murada 4, Senhora da Azinheira, Serra das Cebolas, Mamoa 1 das Plainas da Mantelinha, Mamoa 1 do Monte D' Além, Mamoa 1 do Vale do Salve Jorge, Mamoa 2 das Plainas da Mantelinha, Mamoa 2 de Santa Barbara, Mamoa 2 do Monte D' Além, Mamoa 2 do Vale de Salve Jorge, Mamoa 3 do Monte D' Além, Mamoa 4 do Monte D' Além, Mamoa da Meieira, Mamoa da Praina das Moutinhas, Mamoa da Serra das Cebolas, Mamoa da Veiga da Cheira, Mamoa do Alto Das Roseiras, Mamoa do Cerro de S. Martinho, Mamoa do Cerro do Carvalho, estação Pré-histórica das Cruzinhas, Mamoa das Madorras 1, Mamoa das Madorras 2, Mamoa do Picoto, Mamoa do Cerro do Carvalho, Mamoa II do Cimo das Devesas, Mamoa Santa Barbara I, Seara Velha 1, Seara Velha 2, Seara Velha 3, Almas 1, Almas 3, Alto das Madorras 1, Alto das Madorras 2, Alto das Madorras 3, Bouça 3, Bouça Carvão 1, Bouço 1, Castelos da Moura, Coterelas, Couto 1, Delegada 1, Madorras 10, Madorras-Anta 19, Pedreira-Arte Rupestre, Portelas 1, Prainas 2, Seara Velha 1, Senhora da Azinheira 5, Senhora da Azinheira 6, Senhora da Azinheira 7, Senhora da Fraga, Estação Pré-histórica das Cruzinhas, Tapadas 7, Vale Escuro 1, Vale Escuro 2.

A grande maioria destes 30 sítios incide sobretudo na parte norte do concelho de Sabrosa, sobretudo nas freguesias de S. Martinho de Anta e de S. Lourenço de Ribapinhão. Dos monumentos megalíticos (Mamoas) referidos no inventário de 1993, só foram identificados nestes dois anos de prospecções 10 monumentos megalíticos.



Mapa 3: Distribuição dos sítios de cronologia “Pré-história recente”

A grande maioria dos monumentos identificados está em muito mau estado de conservação e de muito difícil acesso, não só pelas condicionantes em termos de relevo do terreno como também pelo coberto vegetal, que se prolonga por todas as estações. Dos restantes monumentos presentes no inventário de 1993, não foram identificados cerca de 16 monumentos megalíticos, alguns deles possivelmente foram destruídos, devido ao seu mau estado, outros são de difícil localização devido ao coberto vegetal. Mesmo não tendo sido identificados vários sítios arqueológicos devido a factores anteriormente expostos, encontram-se representados na cartografia conforme o inventário de 1993.

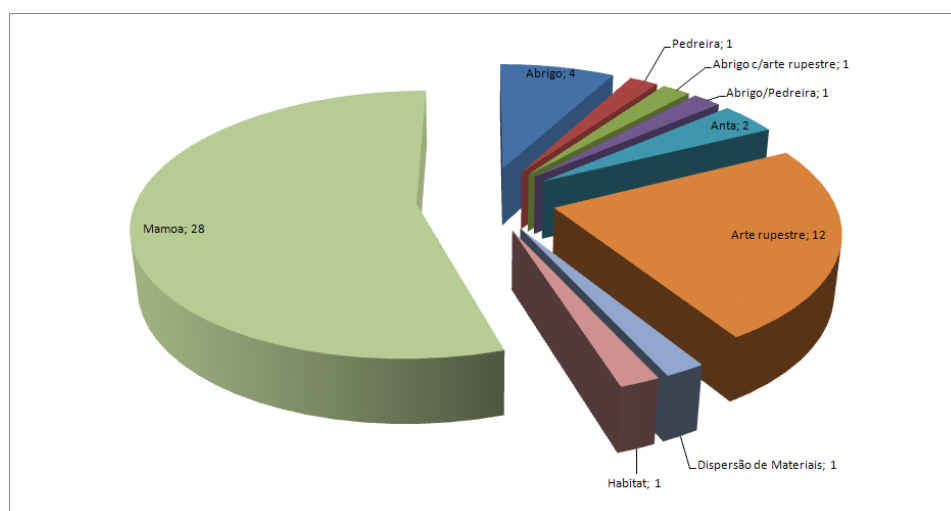


Gráfico 6: tipo de sítio (Pré-história Recente)

Na sequência dos restantes sítios foram identificados 13 sítios com Arte rupestre, 1 dos quais, foi referenciado no inventário de 1993, mas não foi identificados por nós, talvez pelo facto de no local existir extracção intensiva do saibro. Foram ainda identificados 4 abrigos, 1 deles com arte rupestre e outro com uma pedreira associada. Foram identificadas ainda duas antas 1 de pequenas dimensões, bem com, 3 sítios com dispersão de materiais.

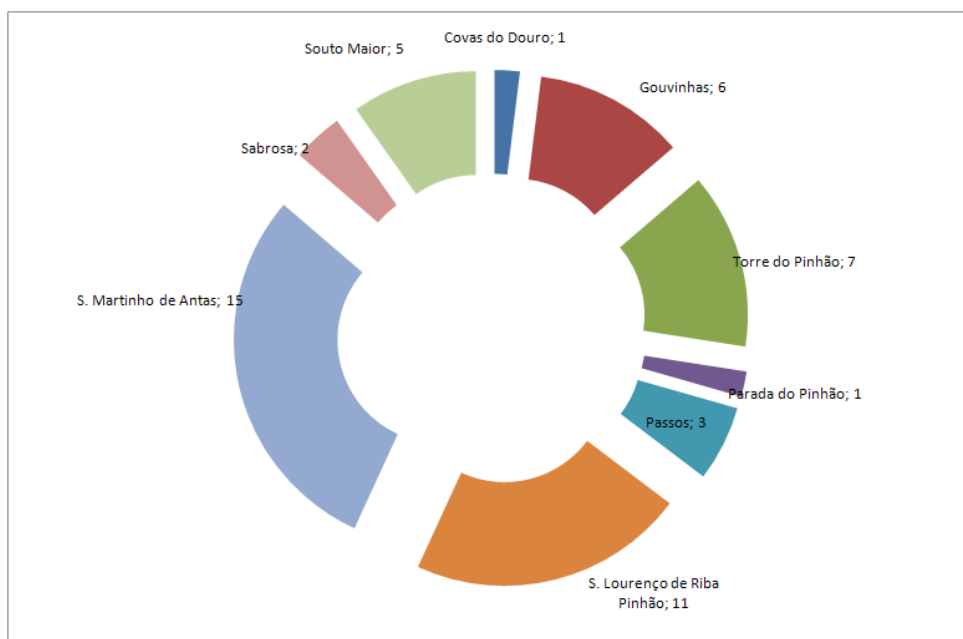


Gráfico 7: Distribuição dos sítios da Pré-história recente por freguesias

Mamoa das Madorras 1 (sítio 174): O sítio Mamoa das Madorras 1, corresponde a um monumento megalítico identificado pelo Sr. Albino dos Santos Pereira Lopo, em 1912 “A mamoa, com cerca de 30 m de diâmetro E.-O., tem cerca de 2 m de altura máxima; apresentava, inicialmente, uma grande cratera originada pela violação profunda da área da câmara megalítica, excêntrica e onde eram visíveis três esteios: a pedra da cabeceira, in situ, mas inclinada para o exterior, e 2 esteios, adjacentes ao anterior: um, fragmentado e inclinado para o exterior, o outro, inteiro mas tombado também para o exterior.” (Gonçalves, 1993, 178).



Fotografia 1: Mamoa das Madorras 1

O monumento foi escavado entre os anos de 1983 até 1988. O monumento possui um espólio constituído por cerâmicas, líticos, moventes, dormentes e moinhos manuais.

Cimo das Devesas 1 (sítio 169): Trata-se de um sítio arqueológico de cronologia Pré-histórica (Megalitismo do Norte de Portugal) que, na sequência dos trabalhos de prospecção, não foi possível identificar. Segundo a informação documental recolhida o sítio arqueológico é caracterizado da seguinte forma: “A mamoa 1 do Cimo das Devesas é uma estrutura bastante arruinada que se adapta à configuração do topo de um suave monte designado localmente como Cimo das Devesas. Aqui estão os restos estruturais de um monumento megalítico, cuja dimensão oscilaria entre os 12 m de diâmetro e os 1,5 m de altura. Actualmente, da mamoa de configuração circular pouco resta, devendo ser salientado a prevalência no local de alguma pedra em xisto que constituiria a sua couraça pétrea. Observa-se ainda na zona central do monumento uma pronunciada cratera de violação” (Gonçalves, 1993, 187). No âmbito deste trabalho optamos por localizar cartograficamente esta informação, tendo como base a localização conferida pelo instituto da tutela (IGESPAR).

Mamoa da Serra das Cebolas (sítio 140): Trata-se de um monumento descrito por António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves da seguinte forma: “Mamoa com cerca de 13 m de diâmetro; apresenta uma cratera de violação da câmara megalítica, entulhada, onde aflora o topo de um esteio”. (Gonçalves, 1993, 183). No âmbito deste trabalho optamos por localizar cartograficamente esta informação, tendo como base a localização conferida por António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves, que, da mesma forma, nos refere que o “monumento foi arrasado durante o primeiro semestre de 1989 pelos Serviços Florestais, quando procedera, localmente ao plantio de pinheiros, carvalhos e nogueiras.” (Gonçalves, 1993, 183).

Mamoa 1 das Plainas da Mantelinha (sítio 146): Segundo o António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves é um “monumento de configuração sub-circular, medindo cerca de 22 m de diâmetro. O túmulo está coberta por uma couraça bastante arruinada, constituída por pedras de xisto acinzentado e de quartzo leitoso; tal estado de conservação deve-se ao facto de muitos daqueles elementos pétreos integrarem hoje um muro de pedra vã que cavalgar o sector do monumento. A câmara megalítica, violada e entulhada, evidencia os topos 3 esteios, in situ, e os de mais outros 2, estes, no entanto, aparentemente deslocados.” (Gonçalves, 1993, 197). No decorrer da prospecção arqueológica não foram verificados indícios do referido monumento.

Mamoa 1 do Monte D'Além (sítio 148): Os trabalhos de prospecção não foram conclusivos quanto à localização deste sítio arqueológico. A prospecção no local referido por António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves (Gonçalves, 1993, 197) não forneceu qualquer evidência do monumento. Segundo o Huet Bacelar a descrição do monumento foi a seguinte: “Mamoa arruinada, de configuração sub-circular, com 6 m de diâmetro e a uma altura máxima de 0,50 m; apresenta uma depressão na zona da câmara, onde é visível o topo de um esteio.” (Gonçalves, 1993, 180). Segundo as informações constantes do trabalho de António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves, a mamoa terá sido descoberta por Domingos Cruz, no ano de 1992.

Mamoa 1 do Vale do Salve Jorge (sítio 138): No documento de António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves (Gonçalves, 1993, 180), o sítio descreve-se como uma “Mamoa com cerca de 15 m de diâmetro apresentando uma grande cratera de violação na zona central, onde é visível um fragmento de ortostatos; a Sul, pousado sobre o tumulus, encontra-se um segundo fragmento de esteio.” Apesar de realizar diversas incursões ao sítio e envolverências da área descrita no trabalho de António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves, não foi possível identificar o monumento nem qualquer indício do mesmo.

Mamoa 2 das Plainas da Mantelinha (sítio 147): Os trabalhos de prospecção realizados por António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves localizaram o monumento e o mesmo foi descrito da seguinte forma: “Mamoa muito arruinada, de configuração circular, com cerca de 12 m de diâmetro e 0,50 m de altura. O tumulus de terra é coberto por uma delgada couraça constituída por pedras de xisto acinzentado. O espaço sepulcral, ocupado por uma pequena cratera de violação entulhada, evidencia um único esteio de xisto.” (Gonçalves, 1993, 180). O sítio arqueológico não foi localizado durante os trabalhos de prospecção.

Mamoa 2 de Santa Barbara (sítio 142): Os trabalhos de prospecção realizados por António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves localizaram o monumento e o mesmo foi descrito como uma “Mamoa baixa, muito arruinada, com um diâmetro de cerca de 18 m; na pequena depressão originada pela violação da câmara afloram dois esteios.” Foi descoberta em 1985 por António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves (Gonçalves, 1993, 185). O sítio arqueológico não foi localizado durante os trabalhos de prospecção.

Mamoa 2 do Monte D'Além (sítio 149): o sítio foi descrito por António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves como uma “Mamoa arruinada e de configuração

circular. O tumulus, coberto de pedralha, tem cerca de 0,50 m de altura e 7 m de diâmetro; na zona da câmara evidencia uma depressão de violação onde afloram os topos de 3 esteios.” (Gonçalves, 1993, 191). Durante as campanhas de prospecção realizadas por nós não foi possível identificar o sítio arqueológico.

Mamoa 2 do Vale de Salve Jorge (sítio 139): O trabalho de António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves descreve o monumento como uma “Pequena mamoa, muito arruinada com cerca de 10 m de diâmetro, na zona da câmara apresenta uma grande depressão de violação, entulhada, onde aflora um esteio. Tumulus, muito baixo, está coberto por numerosas pedras miúdas.” (Gonçalves, 1993, 180). O sítio foi Identificado em 1989 por Domingos Cruz. O sítio arqueológico não foi localizado durante os trabalhos de prospecção.

Mamoa 3 do Monte D' Além (sítio 150): No documento de António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves o sítio descreve-se como uma “Mamoa arruinada e de configuração circular. O tumulus, coberto de pedralha da couraça, tem cerca de 1 m de altura e 10 m de diâmetro. Na zona da câmara evidencia uma fossa de violação com cerca de 2 m de diâmetro e não muito profunda, onde aflora o topo de um esteio.” (Gonçalves, 1993, 191). O sítio arqueológico não foi localizado durante os trabalhos de prospecção.

Mamoa 4 do Monte D' Além (sítio 151): O sítio arqueológico não foi localizado durante os trabalhos de prospecção. Contudo, os trabalhos realizados por António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves descrevem o sítio como sendo uma “Mamoa arruinada e de configuração circular. O tumulus, recoberto de pedralha miúda da couraça, tem cerca de 0,50 m de altura e 7 m de diâmetro. A zona da câmara evidencia uma fossa de violação central e alongada, medindo o respectivo eixo maior cerca de 3 m.” (Gonçalves, 1993, 192).

Mamoa da Meieira (sítio 143): A descrição do sítio, realizada por António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves, no ano de 1993, destaca o monumento como uma “Mamoa arruinada que apresenta um tumulus com cerca de 0,50 m de altura, tendo como medidas aproximadas cerca de 12 m. Numerosa pedralha xistenta coroa os pontos altos do tumulus, entulhado por completo a cratera de violação existente no espaço sepulcral. Neste são visíveis duas lajes de xisto em posição frontal e dispostas segundo duas direcções concorrentes.” (Gonçalves, 1993, 185). O sítio não foi localizado nos trabalhos de prospecção. Possivelmente terá sido arrasado pelos trabalhos agrícolas desenvolvidos na região.

Mamoa da Praina das Moutinhas (137): O sítio arqueológico terá sido localizado por Albino dos Santos Pereira Lopo, por volta de 1912 e descrito por António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves, em 1993 como uma “A mamoa tem cerca de 19 m de diâmetro, e evidencia uma grande cratera de violação na zona de câmara, onde são visíveis dois esteios fragmentados, inclinados para o interior; na periferia daquela depressão afloram outros dois fragmentos de ortóstatos.” (Gonçalves, 1993, 179). O sítio não foi localizado nos trabalhos de prospecção.

Mamoa da Veiga da Cheira (152): Trata-se de um monumento descrito por António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves como uma “Mamoa arruinada e de contorno circular. O tumulus, recoberto com pedralha solta da couraça tem uma altura inferior a 0,50 m e um diâmetro de 5 m. Na zona da câmara situa-se uma cratera de violação entulhada” (Gonçalves, 1993, 192). O monumento foi descoberto em 1992 por Huet Gonçalves. O monumento não foi identificado nos trabalhos de prospecção.

Mamoa do Alto Das Roseiras (145): António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves descreve o sítio como uma “Mamoa de grande monumentalidade, isolada, com uma configuração circular, tendo cerca de 15 m de diâmetro e 1,50 m de altura. O tumulus está recoberto com abundante pedralha de xisto acinzentado; na área sepulcral, violada e entulhada, afloram 3 esteios de xisto in situ, dos prováveis 5 ou 7 que constituiriam a câmara megalítica” (Gonçalves, 1993, 189). O monumento foi encontrado em 1990 por Domingos Cruz. O monumento não foi identificado nos trabalhos de prospecção.

Mamoa do Cerro de S. Martinho (141): É um monumento megalítico que segundo António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves descreve o sítio como um “Tumulus, com cerca de 18 metros de diâmetro, evidenciando na zona da câmara uma profunda cratera de violação onde são visíveis dois fragmentos de esteios de uma laje, espessa, de forma sub-triangular com vértices arredondados, ostentando uma profunda chanfradura semicircular num dos lados; sobre a vertente oriental da mamoa repousam dos fragmentos de esteios, um dos quais gravado com 6 cruciformes e a data 1884.” (Gonçalves, 1993, 183) Descoberta em 1912, pelo Sr. Albino dos Santos Pereira Lopo. Durante os trabalhos de prospecção não relocizamos o monumento.

Mamoa I do Cerro do Carvalhal (144): António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves descreve o sítio como uma “Mamoa de configuração aproximadamente circular, com cerca de 12 m de diâmetro e 0,80m de altura. O tumulus está recoberto com pedralha de xisto acinzentado e alguns blocos de quartzo leitoso. A câmara,

entulhada, tem quatro esteios de xisto, in situ, sendo um deles mais alto do que os outros três” (Gonçalves, 1993, 186). O monumento foi identificado em 1990 por Huet Bacelar. Durante os trabalhos de prospecção não relocizamos o monumento.

Estação Pré-histórica das Cruzinhas (153): António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves descreve o sítio como um sítio onde “A área com interesse arqueológico ocupa a parte central de uma pequena chã deste outeiro sobranceira, pelo lado sul, à Veiga do Ribeiro de Feitais. O local, abrigado a N. e a O., e aberto a S. e a E., foi objecto de trabalhos de arroteamento com vista à plantação de pinheiros, intervenção que provocou o revolvimento da delegada camada de terra que cobre o soco granítico local. Dispersos, à superfície, foram recolhidos numerosos fragmentos cerâmicos e líticos, espólio que testemunha a existência local de uma estação pré-histórica de ar livre, datável, muito provavelmente, da Idade do Bronze”. O sítio foi descoberto em 1990, por Huet Bacelar. Segundo o autor (Gonçalves, 1993, 193), o monumento foi arrasado em 1989 pelos Serviços Florestais. A área com interesse arqueológico encontrava-se na altura ameaçada pela exploração de saibro que se pratica na vertente Oeste do relevo em questão. O monumento não foi identificado nos trabalhos de prospecção.

Mamoa das Madorras 2 (175): António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves descreve o sítio como uma “A mamoa tem um diâmetro máximo E. – O. De cerca de 20 m, apresentando na câmara um único esteio visível” (Gonçalves, 1993, 179). Foi identificada nos anos de 1983 por Huet Bacelar. No ano de 2010, nos trabalhos de prospecção conseguimos identificar o local e verificar a existência do dito esteio, apesar da vegetação se encontrar muito densa.

Mamoa do Picoto (21): António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves descreve o sítio como uma “mamoa de configuração circular, bem adaptada ao topo de um pequeno outeiro, facto que lhe confere uma grande visibilidade. O tumulus, com cerca de 16 m de diâmetro e 1 m de altura, está coberto de pedralha xistenta acinzentada. A câmara megalítica, violada e entulhada, evidencia 3 esteios em xisto.” (Gonçalves, 1993, 186) Foi identificada em 1990 pelo Dr. Huet Bacelar. Foi reidentificada na prospecção de 2010, e é de fácil visibilidade, encontra-se relativamente bem preservada.



Fotografia 2: Mamoa do Picoto (21)

Mamoa II do Cerro do Carvalhal (20): António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves descreve o sítio como uma “Mamoa de configuração aproximadamente circular, com cerca de 12 m de diâmetro e 0,80 m de altura. O tumulus está recoberto com pedralha de xisto acinzentado e alguns blocos de quartzo leitoso. A câmara, entulhada, tem quatro esteios in situ, sendo que um deles mais alto que os três.” (Gonçalves, 1993, 186) O monumento foi identificado em 1990 pelo Dr. Huet Bacelar. Foi reidentificada na prospecção de 2010, e é de fácil visibilidade, encontra-se relativamente bem preservada, mas muito próxima do caminho carreteiro.



Fotografia 3: Mamoa II do Cerro do Carvalhal (20):

Mamoa II do Cimo das Devesas (23): Segundo António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves trata-se de uma “Estrutura megalítica constituída por 4 esteios de xisto, 2 dos quais dispostos paralelamente, podendo corresponder a uma possível estrutura de acesso; o monumento, apesar de profundamente destruído, evidencia ainda ténues vestígios da mamoa.” (Gonçalves, 1993, 187). O monumento foi identificado em 1990 pelo Dr. Domingos Cruz. Foi reidentificada no ano de 2010, encontra-se extremamente disfarçada na paisagem e muito degradada.



Fotografia 4: Mamoa II do Cimo das Devesas (23)

Mamoa Santa Barbara I (11): Segundo António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves trata-se de um “monumento muito baixo, arruinado, com cerca de 16 m de diâmetro E.-O. Na zona da câmara evidencia uma pequena depressão de violação onde aflora o topo de um esteio (cabeceira?)” (Gonçalves, 1993, 184). O monumento foi identificado em 1985, pelo Dr. Huet Bacelar e foi reidentificado nas prospeções de 2010, o monumento encontra-se muito disfarçado na paisagem e o coberto vegetal e os detritos provenientes de várias obras ocorridas próximo do local, dificultam muito o trabalho de relocalização.



Fotografia 5: Mamoa Santa Barbara I (11)

Seara Velha 1 (93): Segundo António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves descreve o sítio como uma “Mamoia com cerca de 19 m de diâmetro E. O; apresenta uma cratera de violação da câmara megalítica, entulhada, onde afloram 3 estios.” (Gonçalves, 1993, 181) O monumento foi identificado em 1986 pelo Sr. António Carneiro. O local foi reidentificado na prospeção de 2010, mas a vegetação encontra-se muito densa e o local encontra-se muito degradado por obras que foram sendo feitas nas imediações, sobretudo devido à intensiva que se faz nesta da exploração de granito.



Fotografia 6: Seara Velha 1 (93)

Seara Velha 2 (94): António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves descreve o sítio como uma “Mamoia com cerca de 20 m de diâmetro E. O; apresenta uma cratera de violação da câmara megalítica, entulhada, onde aflora, do lado este, um esteio” (Gonçalves, 1993, 181). O monumento foi identificado em 1986 pelo Sr. António Carneiro. O local foi reidentificado na prospeção de 2010, mas a vegetação encontra-se muito densa em alguns locais chega a atingir mais de 2 m de altura.

Seara Velha 3 (95): António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves descreve o sítio como uma “Mamoia muito arruinada com um diâmetro E. O. De cerca de 16 m; apresenta uma depressão, bem marcada e excêntrica, na zona da câmara, onde aflora um esteio. Pousadas sobre o tumulus encontram-se 5 lajes, dispostas de modo a definir um círculo lítico” (Gonçalves, 1993, 182). O monumento foi identificado em 1983, pelo Dr. Huet Bacelar. O local foi reidentificado na prospeção de 2010, mas a vegetação encontra-se muito densa em alguns locais chega a atingir mais de 2 m de altura.

Bouça 1 (51): Mamoia pouco destacada na paisagem, com diâmetro de cerca de doze metros com cerca de um metro de altura. Apresenta uma pequena depressão central, na qual se identificam dois esteios, um deles aparenta estar derrubado. Notam-se vestígios de uma carapaça ou cobertura de blocos de granito. A mamoia encontra-se ligeiramente abatida do lado Norte e, de uma forma geral, encontra-se bastante obstruída pela vegetação.

Madorras 11 (112): Pequena elevação com cerca de sete metros de diâmetro, camuflada por uma densa cobertura de tojo, giesta e urze, vendo-se ainda algumas pequenas pedras, talvez indicadoras de carapaça pétreia. A cobertura vegetal não permitiu a observação cuidada do local. Contudo, os indícios de que dispomos lançam fortes suspeitas de se tratar de uma mamoia.

Almas 1 (28): Trata-se um afloramento granítico sem qualquer resguardo, que possui várias cruces simples, gravadas em baixo relevo, tivemos ainda a oportunidade de observar “cavinhas” e outros motivos de difícil tipificação cronológica.



Fotografia 7: Almas 1 (28)

Almas 3 (30): Trata-se de grupos de “cavinhas” ou alinhamentos delas, combinados com pequenos sinais rectilíneos ou riscos, gravados num bloco granítico. O local encontra-se muito próximo da sepultura antropomórfica do Chão dos Santos.



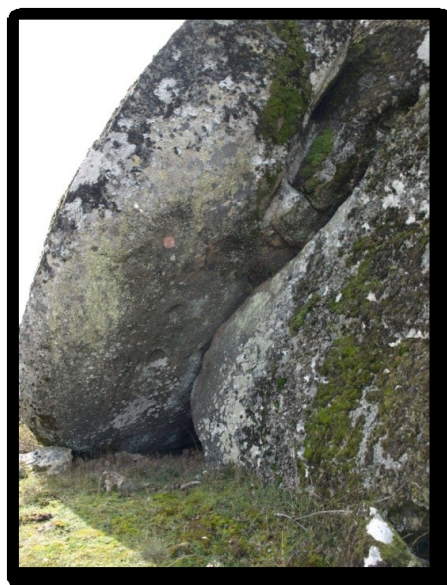
Fotografia 8: Almas 3 (30)

Alto das Madorras 1 (68): Trata-se de um local muito próximo do abrigo (Abrigo da Senhora da Azinheira 5), onde se verificou uma fraga com elementos de arte rupestre (cavinhas). Estas cavinhas possuem um diâmetro de cerca de 10 cm aproximadamente.



Fotografia 9: Alto das Madorras 1 (68)

Alto das Madorras 2 (69): Este local representa um possível abrigo e é constituído por dois blocos graníticos de grandes dimensões. Na abertura formada por estes dois blocos podem ser observadas várias “cavinhas” de grandes dimensões (+/- 10 cm). Nas redondezas deste local verifica-se a existência de muito granito fragmentado. A abertura encontra-se orientada S. N.



Fotografia 10: Alto das Madorras 2 (69)

Alto das Madorras 3 (70): Muito próximo da povoação da Garganta e junto ao possível abrigo designado por Garganta 5, encontra-se este local (alto das Madorras 3) que aparenta condições muito favoráveis à implantação de habitat ou abrigo, onde a

rocha está muito bem polida por acção antrópica. Actualmente o local encontra-se soterrado, no redor encontram-se conjuntos de “cavinhas” de dimensões consideráveis. Este sítio pode estar relacionado com o sítio “Garganta 5”, devido, sobretudo, á sua proximidade.

Bouça 3 (74): Este monumento megalítico apresenta uma planta sub-rectangular e, ao que tudo indica, possui uma câmara simples com corredor curto. Todos os esteios do monumento encontram-se tombados.



Fotografia 11: Bouça 3 (74)

Bouço 1 (42): É uma fraga a qual funcionaria como abrigo de grandes dimensões. Apresenta uma pequena protuberância em forma de “pala” que terá servido como elemento de resguardo. Este resguardo encontra-se praticamente coberto por camadas de terra humosa, conferindo uma potência arqueológica bastante razoável.



Fotografia 12: Bouço 1 (42):

Castelos da Moura (160): Este local encontra-se muito próximo do Rio Douro, e com uma vista privilegiada sobre ele. Apesar O sítio encontra-se gravemente ameaçado por várias obras de armazéns. Nas imediações foram encontrados alguns fragmentos de cerâmica pré-histórica e proto-histórica.

Coterelas (10): Trata-se de um aglomerado de grandes monólitos, alguns deles possuem “cavinhas” de pequenas dimensões, nas imediações foram encontrados alguns fragmentos de cerâmica pré-histórica.

Couto 1 (44): Rochedo granítico gravado com várias “cavinhas” algumas delas distribuídas numa linha recta, sendo que outras apresentam organizações espaciais de difícil compreensão.



Fotografia 13: Couto 1 (44)

Delegada 1 (9): É um abrigo em afloramento de granito com “cavinhas”. Foram ainda identificados fragmentos de cerâmicas de fabrico manual, presumivelmente de cronologia pré-histórica.



Fotografia 14: Delegada 1 (9)

Madorras 19 (101): Trata-se de uma mamoa com indícios de estrutura ortostática. O local encontra-se completamente coberto por vegetação muito densa. Apesar destas condicionantes verificamos que existia no terreno uma pequena elevação. Num olhar mais atento verificamos a existência de alguns monólitos devidamente afeiçoados e talhados.



Fotografia 15: Madorras 19 (101)

Pedreira com Arte Rupestre (168): No local existem evidências claras de exploração intensiva de granito, que é visível através de toda a Serra. Do que resta destes monólitos aparecem três pequenas “cavinhas”, cruzeiros e um podomorfo e outros motivos esquemáticos de difícil identificação.



Fotografia 16: Pedreira com Arte Rupestre (168)

Portelas 1 (35): Afloramento de granito gravado com “cavinhas” de grandes dimensões.



Fotografia 17: Portelas 1 (35)

Prainas 2 (34): Afloramento de granito gravado com “cavinhas” e outros motivos em baixo relevo de grandes dimensões, alguns destes motivos apresentam formas quadrangulares e com dois locais de escorrência orientados a sul.



Fotografia 18: Prainas 2 (34)

Seara Velha 4 (87): Trata-se de um painel com arte rupestre em granito, gravado com figuras geométricas circulares, ligadas entre si. O local encontra-se muito próximo dos limites do Castro da Sabica.



Fotografia 19: Seara Velha 4 (87)

Senhora da Azinheira 5 (88): Trata-se de um local relativamente próximo da aldeia da Garganta. Caracteriza-se por ser um abrigo de grandes dimensões. Possui uma entrada com cerca de 1,50 e com 3 m de comprimento, este dá acesso a outra pequena galeria. O tecto do abrigo possui várias covinhas.



Fotografia 20: Senhora da Azinheira 5 (88)

Senhora da Azinheira 6 (89): Trata-se de um local onde com arte rupestre de tipo “covinhas”. Possui ainda uma exploração muito grande de granito, com indícios de actividade extractiva.



Fotografia 21: Senhora da Azinheira 6 (89)

Senhora da Azinheira 7 (90): O local caracteriza-se por estar muito próximo de uma zona de reserva hídrica e deixa antever a grande exploração de granito que ocorria neste local. Prova disso é o facto de existirem blocos de granito já preparados para serem transportados.

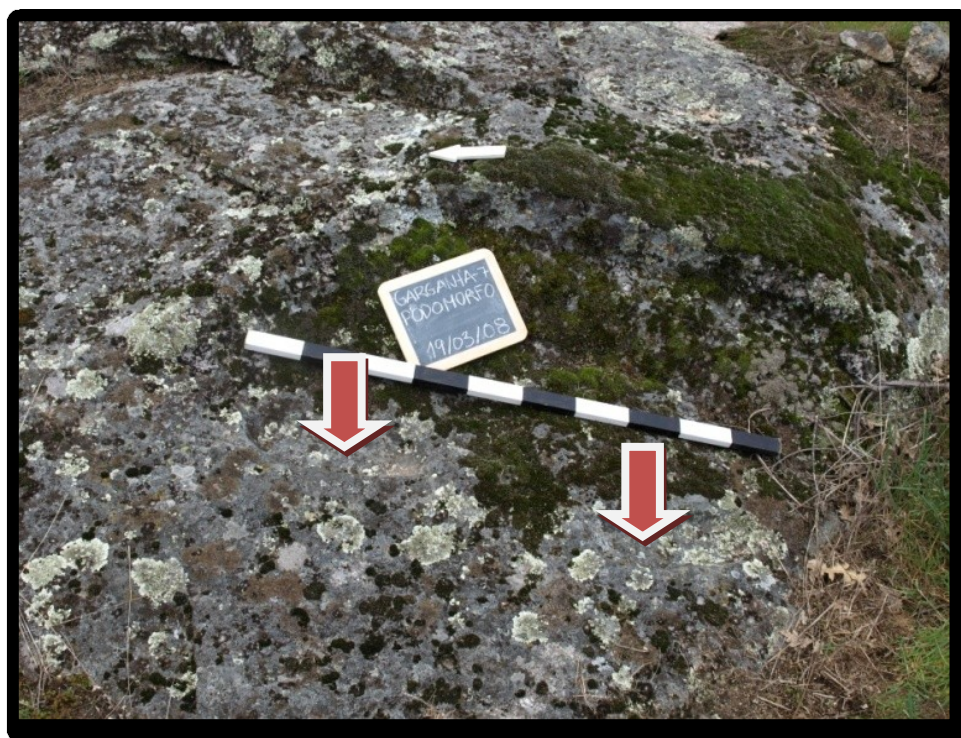


Fotografia 22: Senhora da Azinheira 7 (90)

Senhora da Fraga (Arte Rupestre) (155): Trata-se de uma pequena capela, numa das encostas voltadas a Este e constituída por enormes lajes de granito. A Oeste da capela erguem-se rochedos cercados de grandes monólitos, que sobraram da extracção de granito. Um destes penedos possui quatro “cavinhas” em situação aleatória e oito estribos dispostos de forma aleatória. A Sul deste penedo localizamos mais quatro “cavinhas” e, a cerca de cem metros do primeiro sítio, mais um conjunto de dez

“cavinhas”. Entre a capela e o penedo mais alto existe outro penedo com dezasseis “cavinhas” no flanco ocidental e três no lado superior (PARENTE, s/d, 62, 63).

Tapadas 7 (71): Este sítio comporta dois podomorfos, representados em linha de contorno numa rocha de granito. Um deles, mede cerca de 34 cm de comprimento, 14 cm de largura com uma profundidade de 0,5 cm o segundo possui cerca de 33 cm de comprimento, 14 cm de largura e 5 cm de profundidade.



Fotografia 23: Tapadas 7 (71)

Vale Escuro 1 (2): O local com arte rupestre encontra-se relativamente próximo do Sítio da Senhora das Candeias mas a uma cota um pouco mais elevada. Este local que possui uma vista privilegiada sobre o Santuário, com alguns penedos com várias “cavinhas” de diferentes dimensões.

Vale Escuro 2 (3): Este abrigo encontra-se no sopé de afloramentos de granito, sendo que se verifica a existência de arte rupestre de tipo “cavinhas”, algumas das quais unidas por sulcos, sendo observáveis cerâmicas de fabrico manual. É ainda visível uma rocha que aparenta ter sofrido altas temperaturas.



Fotografia 24: Vale Escuro 2 (3)

8.2 Proto-história

Na sequência dos trabalhos realizados para o presente estudo foram localizados e documentados, no concelho de Sabrosa, até à data, 15 sítios enquadrados no contexto da Proto-história. Os sítios documentados foram os seguintes: O Castro da Sabica, Murada 1, Murada 2, Morcegueira / Murada 3, Picoto de S. Domingos', Monte de S. Pedro', Castelo 1, Castelo 2, Castelo 3, Castelo 4, S. Domingos 1, S. Domingos 2, S. Domingos 3, S. Domingos 5, Castelo 7.

Como podemos observar pelo no gráfico 8, na freguesia de Sabrosa foram identificados 5 sítios e na freguesia da na Torre do Pinhão 1 sítio.

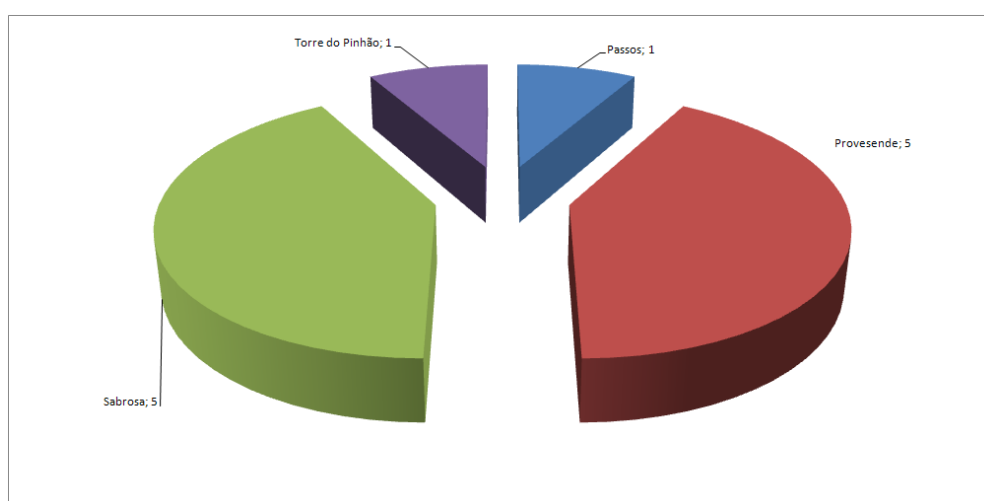


Gráfico 8: Distribuição de sítios proto-históricos por freguesias do Concelho de Sabrosa

Castro da Sabica (4): Segundo o António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves este sítio é um “Pequeno esporão alongado na serra da N^a. Sr.^a da Azinheira, coroado por uma superfície aplanada, de difícil acesso nas vertentes a este, sul e oeste. Três ordens de “muralha” de pedra solta circundam, a diferentes cotas, o cimo deste relevo, reunindo-se a N. N. O., numa zona aplanada e de fácil acesso, muito arrasada pela exploração sistemática de pedra”.(GONÇALVES, 1993, 195) O monumento foi descoberto em 1912 pelo Sr. Albino dos Santos Pereira. Actualmente o monumento está muito degradado, com pedra espalhada pela encosta. Foram ainda encontrados alguns fragmentos de cerâmica, para além de tudo ainda se encontra alguma arte rupestre neste esporão como covinhas.



Fotografia 25: Castro da Sabica (4)

Castro da Murada (156): Segundo o António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves é um “Pequeno relevo granítico, muito acidentado, com boas condições de defesa natural na vertente leste e troços de “muralhas” levantados no sector ocidental, definindo um espaço de planta aproximadamente circular, com cerca de setenta metros de diâmetro.” (GONÇALVES, 1993, 198). Foi reidentificado na prospecção de 2010, e é de fácil visibilidade, encontra-se relativamente bem preservado.

Picoto de S. Domingos (172): Segundo o António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves é um “Esporão coniforme da Serra do Além, coroado por três ordens de muralhas concêntricas, construídas com pedra xistenta; a zona mais fácil acesso é reforçada por mais 2 linhas de muralhas suplementares. Estas estruturas delimitam áreas

profundamente revolvidas pela abertura dos acessos à capela de S. Domingos, restaurada e aberta ao culto.” (GONÇALVES, 1993, 198) As referências a este local remontam ao século XVII. No local aparecem fragmentos de cerâmica, escória e apareceu uma conta de colar em vidro.



Fotografia 26: Picoto de S. Domingos (172)

Castelo 1 (12): É uma estrutura de granito de forma rectangular com cerca de 50 cm de largura, construída aparentemente num afloramento granítico. A fraca visibilidade impediu constatar qual a sua função e mesmo os seus limites. Encontra-se muito próximo daquilo que é o reduto cimeiro do Castro da Serra de Sabrosa.



Fotografia 27: Castelo 1 (12)

Castelo 2 (13): Conjunto de várias rochas gravadas com “cavinhas” em alinhamentos de vários tipos.



Fotografia 28: Castelo 2 (13)

Castelo 3 (14): Verificaram-se vestígios de troços do recinto amuralhado que vai muito para além dos limites que são conhecidos actualmente, no Castro. O local é composto por blocos graníticos de consideráveis dimensões, a par de algumas pedras miúdas devidamente afeiçoadas.



Fotografia 29: Castelo 3 (14)

Castelo 4 (15): É um local onde se verifica que houve uma forte extracção de pedra, muito próximo do recinto amuralhado do Castro.



Fotografia 30: Castelo 4 (15)

S. Domingos 1 (18): No Castro de S. Domingos verifica-se uma estrutura circular em Xisto de grande envergadura, ao que tudo indica parece estar adocada à linha de muralha, assemelha-se a um torreão de grandes dimensões.



Fotografia 31: S. Domingos 1 (18)

S. Domingos 2 (19): Este local é caracterizado por se encontrar dentro daquilo que é o recinto amuralhado do Castro de S. Domingos. É um conjunto de penedos, que foram utilizados e preenchidos com xisto devidamente talhado, em alguns pontos ainda se nota uma estrutura circular.



Fotografia 32: S. Domingos 2 (19)

S. Domingos 3 (60): Actualmente no local situa-se uma pequena capela, os acessos podem ser feitos através de estradas. Pela encosta ainda são perceptíveis, alguns muros (eventualmente restos de muralha). Em volta da capela pode ser vista muita cerâmica, que vai desde a época romana e medieval.



Fotografia 33: S. Domingos 3 (60)

S. Domingos 5 (70): A meia encosta do Castro de S. Domingos verificou-se uma estrutura em junta seca em xisto possivelmente pertencente a uma linha defensiva do Castro de S. Domingos.



Fotografia 34: S. Domingos 5 (70)

Castelo 7 (71): Fragmento de mó identificado na Serra do Criveiro, nas proximidades do Castro de Sabrosa. Trata-se de uma mó manual de forma rectangular, sendo que o artefacto se encontrava fracturado num dos lados.



Fotografia 35: Castelo 7 (71)

8.3 Período romano

Na sequência dos trabalhos realizados para o presente estudo foram localizados e documentados, no concelho de Sabrosa, até à data, 10 sítios enquadrados no período romano. No contexto dos sítios de cronologia romana podemos destacar o sítio da aldeia da Sancha, com elevados indícios de ocupação romana e ainda podemos destacar sítios com ocupação proto-histórica mas que, como acontece na grande maioria dos sítios proto-históricos da região, estes foram reocupados durante o período romano. De entre estes sítios proto-históricos como ocupação posterior romana podemos referir o Castro de Sabrosa, o Castro de S. Domingos, o Castro da Sabica e o Castro da Murada, nas prospecções que realizamos nestes castros verificamos a presença de materiais de construção de cronologia romana.

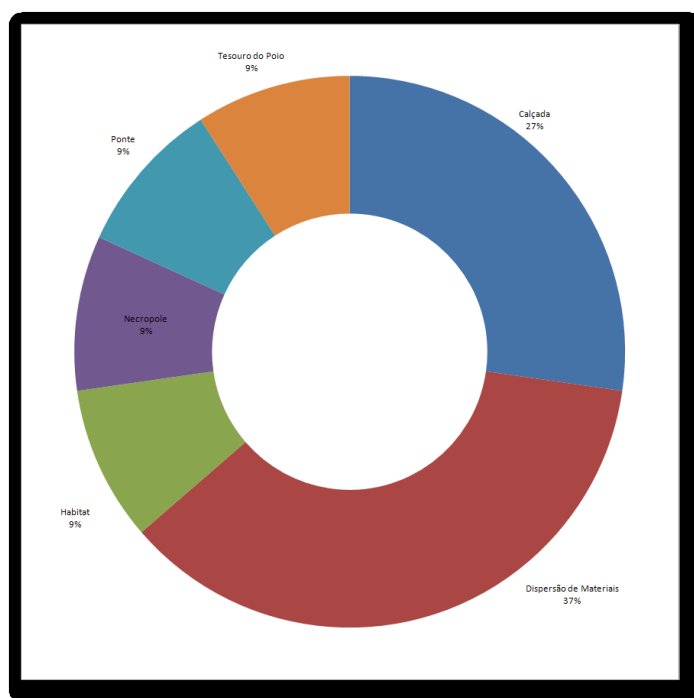


Gráfico 9: Tipo de sítio no âmbito da cronologia romana

Os sítios documentados com ocupação romana foram os seguintes: Tesouro do Poio, Sancha 1, Castelo 5, Cristelo 6, Castelo 9, Ribeira, Ponte da Ribeira, Quinta das Pias, Santa Marinha, Quinta da Relva.

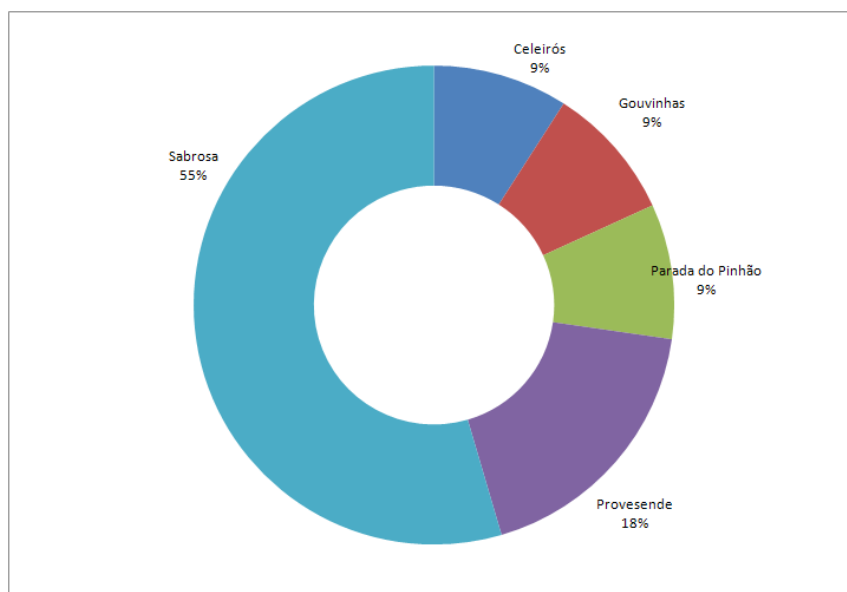


Gráfico 10: Sítios de cronologia romana por freguesias do Concelho de Sabrosa

Tesouro do Poio (201): Segundo o António Alberto Huet de Bacelar Gonçalves “em 1930, no lugar do Poio quando se procedeu a abertura a fogo da estrada E. N.-322-2, de S. Martinho de Antas ao Ferrão. Segundo os apontamentos do Dr. Rui Serpa Pinto apareceu: 1 vaso intacto com 2 asas; 2 vasos partidos; 4 argolas pequenas lisas; 3450grs de bolo de prata; 470 moedas de prata (denários da Republica) ” (GONÇALVES, 1993, 204).

Sancha 1 (16): Esta área de dispersão de materiais encontra-se entre a aldeia da Sancha e o Castro de Sabrosa, é uma zona agrícola onde se verifica a existência de materiais de construção de época Romana.



Fotografia 36: Sancha 1 (16)

Castelo 5 (24): O local encontra-se num pequeno esporão que é cultivado, tendo como fronteira o Rio Pinhão. Após a passagem pelo local verificou-se que se

encontravam materiais de construção e cerâmica romana. Os proprietários do local referem que quando saíram o terreno para o plantio da vinha, encontravam blocos em granito muito bem talhado, que aproveitaram para os muros e para as construções de um casebre para arrumos. Referiram ainda que apareciam muitas moedas e cacos.



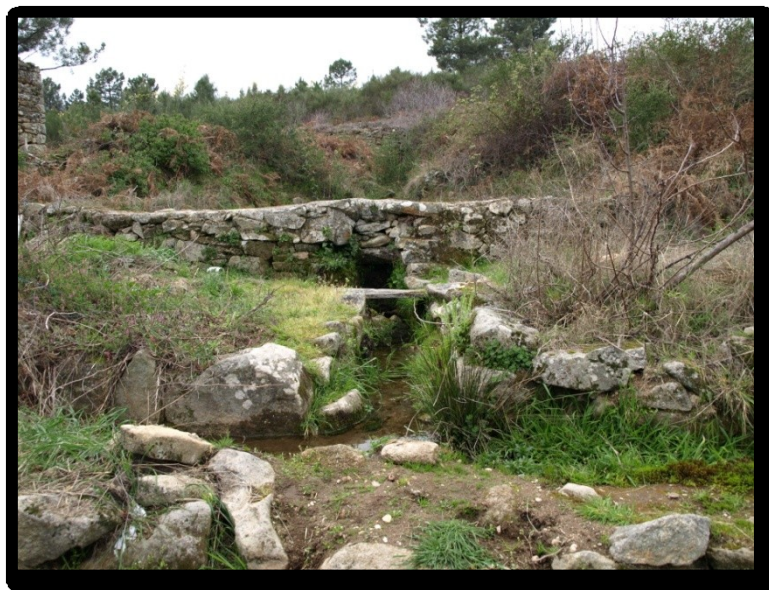
Fotografia 37: Castelo 5 (24)

Cristelo 6 (58): Este caminho (calçada romana), actualmente ainda utilizado por agricultores, está muito danificado devido às más intervenções por que tem passado. Actualmente encontra-se no lugar algumas telhas, e as lajes originais encontram-se deslocadas dos sítios e depositadas nos limites da via, sendo que foram arrancadas para implementar a calçada actual.



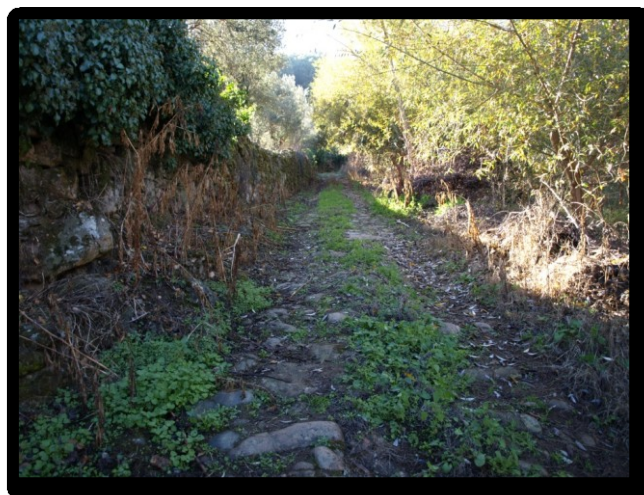
Fotografia 38: Cristelo 6 (58)

Castelo 9 (73): No local verificam-se vários complexos de levadas de águas, segundo fontes orais existiram tanques que reservam a água proveniente da Serra do Criveiro.



Fotografia 39: Castelo 9 (73)

Ribeira (163): À beira da estrada que liga Alijó a Sabrosa, do lado esquerdo da estrada, encontramos os primeiros vestígios da calçada que poderia ligar à antiga aldeia da Sancha ou mesmo à ponte da Ribeira, onde existia a ponte romana que ligava o concelho de Sabrosa ao concelho de Alijó “Cheires (calçada em Ribeira; povoado no Castelo de Cheires), (<http://viasromanas.planetaclix.pt/>, 23-08-11; 23:47) ”.



Fotografia 40: Ribeira (163)

Ponte da Ribeira (164): Actualmente é a ponte que liga o concelho de Sabrosa ao concelho de Alijó, reconstruída depois 1755, ano em que a ponte romana ruiu,

“Ponte Romano?-Medieval de Cheires sobre o rio Pinhão.”
(<http://viasromanas.planetaclix.pt/>, 23-08-11; 23:47).



Fotografia 41: Ponte da Ribeira (164)

Quinta das Pias (166): Trata-se de uma área de dispersão de materiais de cronologia medieval e moderna. No local foram identificados diversos fragmentos de cerâmica comum, alguns bordos e fragmentos de parede e bojos. A designação “Quinta das Pias” terá derivado, em parte, da proximidade do sítio com a “Necrópole da Relva” devido à presença de alguns sarcófagos que terão sido interpretados como “pias”. O sítio apresenta um estado de conservação mau devido à plantação e cultivo da vinha.

Santa Marinha (167): A Capela de Santa Marinha aparece referenciada, no séc. IV como templo cristão e, depois, como mesquita árabe até à reconquista cristã. Segundo José Augusto Pinto da Cunha, foi neste local que se instalaram os monges beneditinos, cerca de 1084, sendo os restos do pequeno mosteiro ainda visíveis em 1935. Este autor menciona ainda que a estes monges fora feita doação por D. Constança, rainha de Leão e Castela e esposa de D. Afonso VI. Tal doação, depois Carta de Couto, teria sido confirmada por D. Afonso Henriques em 1128 aos beneditinos que, por sua vez concederam o Couto de Provesende e Capela de Santa Marinha à Sé de Braga, que os manteve em sua posse até 1834, data da criação do Concelho de Provesende, pelo poder liberal.



Fotografia 42: Santa Marinha (167)

Quinta da Relva 1 (78): Decreto de classificação 30 762, DG 225, de 26-09-1940, anulado pelo Decreto 30 838, DG 254, de 01-11-1940. Decreto 34 452, DG 59, de 20-03-1945 - classifica o imóvel com grau Interesse Público Classificado como "Imóvel de Interesse Público" em 1945, o "Cemitério lusitano-romano" de Provesende está situado numa encosta suave actualmente ocupada por vinhedo pertencente à Quinta da Relva e nas proximidades do Santuário do Senhor Jesus de Santa Marinha.

Parcialmente descoberta ainda na segunda metade do século dezanove, a necrópole foi então sujeita a um primeiro processo de destruição através da delapidação de nove das sepulturas que a constituíam, numa contínua degradação que não mais terminou, em grande parte devido à plantação de vinha ocorrida nos terrenos em que se encontra, mas que não obstaram à identificação dos vestígios remanescentes já no final da década de trinta do século passado.

De origem romana e com posterior ampliação medieval, estamos perante uma necrópole constituída por quatro núcleos sepulcrais, que as citações bibliográficas descrevem como sendo de inumação e estruturada com base num formato rectangular composto de lajes afeiçãoadas em xisto colocadas na vertical, assim como de uma estela de cabeceira decorada, no caso de dois exemplares. Além deste tipo, surgiram ainda sepulturas em forma de caixa rectangular com paredes formadas por pedra de dimensão mediana (com um recipiente contendo cinzas e uma bilha de gargalo alto depositos a um canto), para além de sarcófagos graníticos de configuração antropomórfica. As sepulturas foram essencialmente encontradas nas imediações e no próprio adro da capela de Santa Marinha.

As escavações conduzidas no local permitiram retirar algum espólio, predominantemente constituído por artefactos cerâmicos, além de uma estela de formato antropomórfico, presentemente exposta no jardim Museu Abade de Baçal, em Bragança. Entretanto, de todas as sepulturas descobertas apenas se conservam dois sarcófagos antropomórficos, encostados ao alçado do lado da Epístola do santuário de Santa Marinha.



Fotografia 43: Quinta da Relva 1 (78)

8.4 Idade Média e Idade Moderna

Na sequência dos trabalhos realizados para o presente estudo foram localizados e documentados, no concelho de Sabrosa, até à data, 50 sítios enquadrados na Idade Média e Idade Moderna. Os sítios documentados foram: Senhora das Candeias, Fonte Santa, Mantelinha, Castelo 6, Figueiras 1, Salguirinha 1, Almas 2, Almas 4, Pioleiro 1, Sancha 2, Sancha 3, Tapadas 1, Tapadas 2, Tapadas 3, Tapadas 4, Provesende 1, Tapadas 5, Tapadas 6, Couto 2, Alto das Madorras 4, Cristelo 7, Bouça 4, Senhora da Azinheira 1, Vale das Donas 1, Tapadas 8, Alto das Madorras 5, Senhora da Azinheira 8, Arca 1, Senhora da Azinheira 2, Senhora da Azinheira 3, Senhora da Azinheira 4, Senhora da Veiga 1, Madorras 12, Madorras 13, Madorras 14, Madorras 15, Madorras 16, Madorras 17, Madorras 18, Alto das Madorras 6, Alto das Madorras 7, Alto das Madorras 8, Alto das Madorras 9, Sepultura do Chão dos Mouros, Marco, Moinho, Pelourinho, Marco, Casal Rústico, Fonte da Arcã.

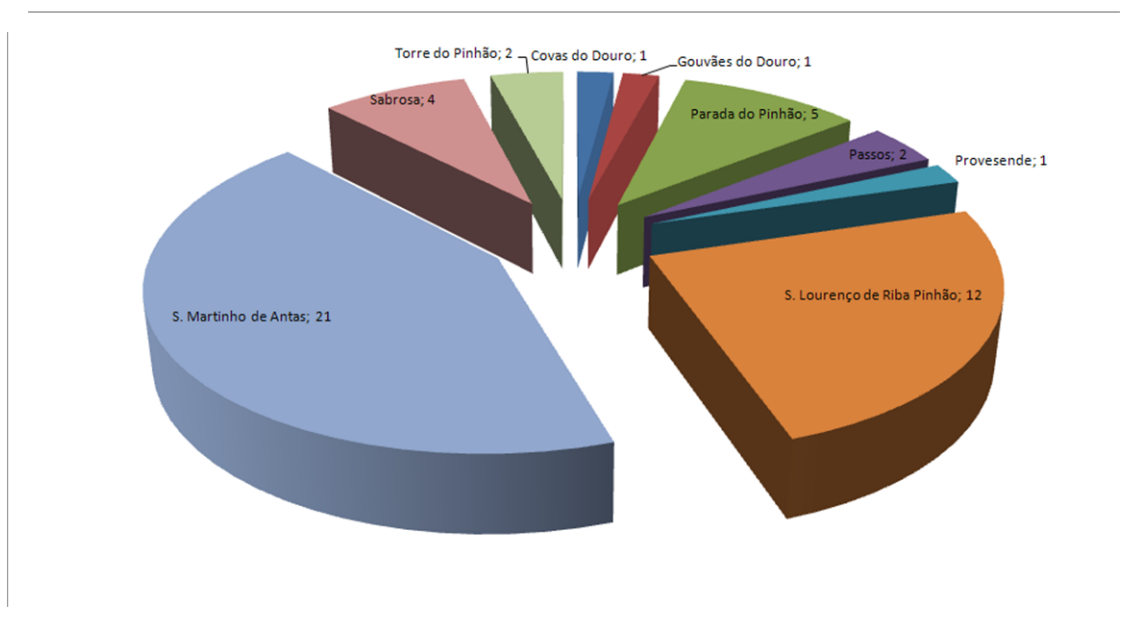


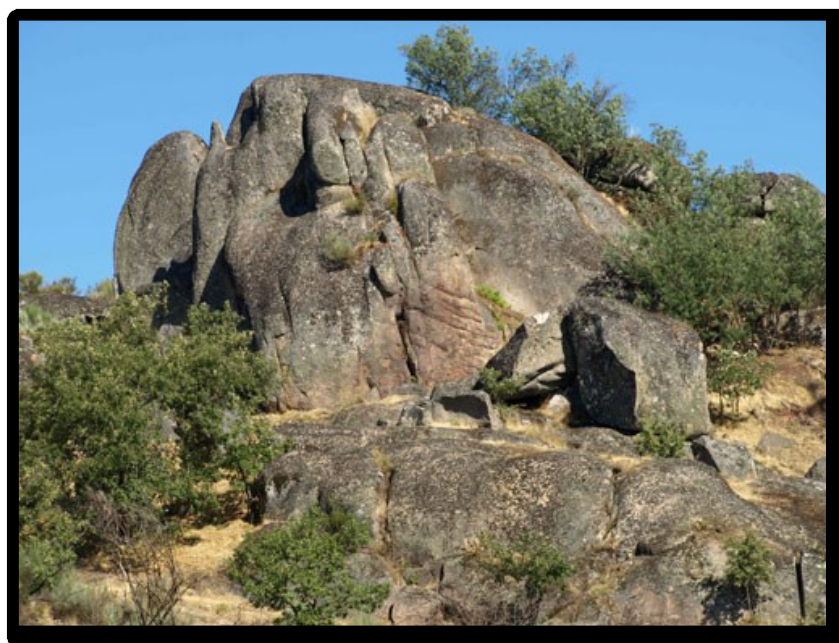
Gráfico 11: Distribuição de sítios de cronologia Medieval/Moderna por Freguesia

Senhora da Azinheira 8 (91): É uma rocha de com cerca de 1,30 m de largura e com um altura de 80 cm, que possui uma abertura com uma altura de 40 cm. No interior desta rocha pode verificar-se um trabalho muito intenso, com o interior em forma oval. Segundo a memória dos populares o local servia para as pessoas virem cozer o pão.



Fotografia 44: Senhora da Azinheira 8 (91)

Senhora das Candeias (1): Trata-se de um sítio com arte rupestre de tipo “cavinhas”. O local possui um conjunto de grandes penedos graníticos. O sítio encontra-se ladeado por uma área de dispersão de materiais cerâmicos e conjuntos de cavinhas gravadas nos afloramentos. O sítio é, ainda hoje, local de culto em honra de N. S.^a das Candeias.



Fotografia 45: Senhora das Candeias (1)

Fonte Santa (17): Trata-se de uma capela com uma pequena fonte associada. Havia, no sítio, uma pequena nascente donde se inicia o Ribeiro do Fontão, no interior de um denso silvado. Existe uma lenda que refere que “um pequeno que andava a

guardar o gado, instigado pela sede, penetrou como pôde até á nascente, e ali viu uma imagem da Santíssima Virgem, de cujo achado deu parte ao povo, que logo ali erigiu à Senhora uma edícula, onde colocaram a santa imagem. Á agua desta fonte se atribuem algumas virtudes terapêuticas, principalmente para a cura das intermitentes.



Fotografia 46: Fonte Santa (17)

Mantelinha (22): Este sítio comporta dois marcos de divisão de território ou terrenos. Apresentam uma forma rectangular alongada e encontram-se ainda erguidos, no seu sítio original. No local encontram-se, assim, dois marcos com cerca de 1,00 m de altura, com alguns caracteres esculpidos de difícil decifração. Estes marcos estão a meia encosta relativamente à Capela de S. Domingos de Paradela.



Fotografia 47: Mantelinha (22)

Castelo 6 (25): Próximo do sítio dos castelos encontra-se um Marco em granito, com alguns caracteres, que segundo alguns habitantes locais servia para delimitar os terrenos do Conde Sampaio. Para além destas singularidades o Marco possui ainda gravado motivos cruciformes.



Fotografia 48: Castelo 6 (25)

Figueiras 1 (26): Trata-se de marco em granito, com 1,10 m de altura e 0,40 m de largura que possui alguns caracteres de decifração difícil e ainda a data de 1795.



Fotografia 49: Figueiras 1 (26)

Salguirinha 1 (27): Marco em granito, com alguns caracteres que não foi possível decifrar e que possui a data de 1793. Para além destas singularidades o Marco

possui ainda gravado motivos cruciformes, possui cerca de 0,60 m de altura e cerca de 0,30 m de largura.



Fotografia 50: Salguirinha 1 (27)

Almas 2 (29): Sepultura antropomórfica escavada num bloco disperso de granito, sem tampa e de planta sub-rectangular de fundo plano, com um 1,80 de comprimento. A zona da cabeceira encontra-se fracturada. Os populares identificam o local como sendo o Chão dos Santos.



Fotografia 51: Almas 2 (29)

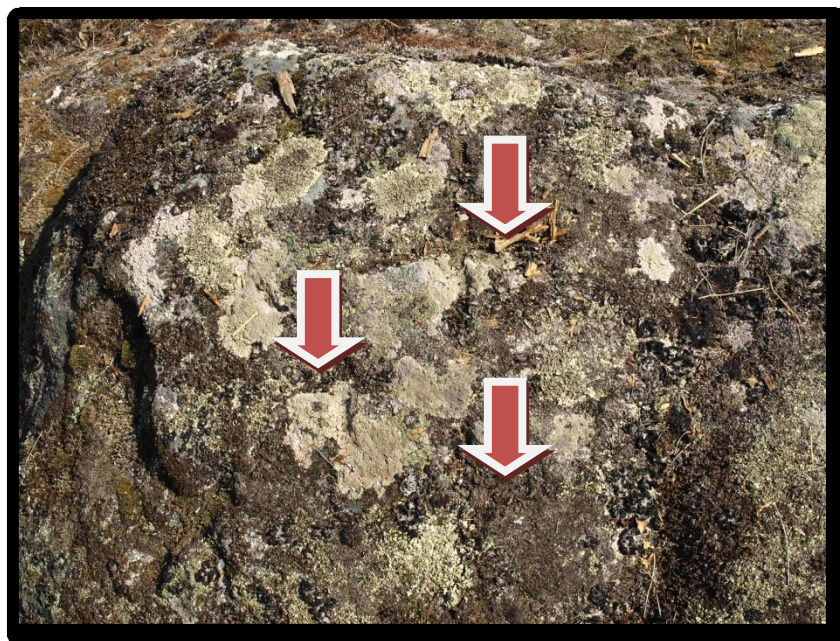
Almas 4 (31): É um marco em granito à entrada da povoação de Paredes com cerca de 60 cm de altura e com cerca de 30 cm de largura. Este marco possui

desenhada uma grelha, várias cruzinhas, e as iniciais de R e P que significa, Riba-Pinhão. Segundo os populares a grelha simboliza a forma de como eram castigados os mercenários locais, isto é, punham a grelha numa fogueira retirando-a aquando suficientemente quente, de seguida, colocavam o mercenário na grelha.



Fotografia 52: Almas 4 (31)

Pioleiro 1 (32): Afloramento de granito com gravuras de motivos cruciformes de vários tamanhos, “cavinhas” e outros elementos gráficos de difícil identificação.



Fotografia 53: Pioleiro 1 (32)

Sancha 2 (39): Este local está associado à capela da Aldeia da Sancha. A estrutura em si encontra-se relativamente bem conservada, à excepção do telhado, no interior possui um pequeno nicho na parede.



Fotografia 54: Sancha 2 (39)

Sancha 3 (40): A aldeia da Sancha é composta por várias estruturas, muitas delas já em muito mau estado de conservação. Quase todas as estruturas de cariz habitacional possuem rés-do-chão e primeiro piso. O rés-do-chão, seria eventualmente para arrumos e para albergar animais, e primeiro andar seria a zona habitacional.



Fotografia 55: Sancha 3 (40)

Tapadas 1 (45): Trata-se de um sarcófago em granito, esculpido num único bloco, com cerca de 1,75 m de comprimento, que se encontra bastante danificado.



Fotografia 56: Tapadas 1 (45)

Tapadas 2 (46): Conjuntos de vários esteios em granito, muitos deles apresentam formam uma estrutura quadrangular, podendo eventualmente ser um enterramento.



Fotografia 57: Tapadas 2 (46)

Tapadas 3 (47): Conjuntos de vários esteios em granito, muitos deles formam uma estrutura quadrangular, podendo, eventualmente, ser um local de enterramento.



Fotografia 58: Tapadas 3 (47)

Tapadas 4 (48): Sarcófago em granito, trata-se de uma estrutura sepulcral de grandes dimensões, sem motivos de adorno ou inscrições, com uma cavidade tumular antropomórfica, mas que parece não estar terminada.

Pelourinho de Provesende 1 (49): O Pelourinho de Provesende remonta aos sécs. XVI XVII e XVIII, situado no Largo da Praça, classificado e protegido desde 11 de Outubro através do Dec. nº 23.122, DG 231 Originalmente denominada San Joanes, a localidade de Provesende foi couto da Mitra da Sé de Braga desde 1128 e até 1853. O seu pelourinho é, certamente, manuelino, exibindo na gaiola a data de 1578. Na verdade, inscreve-se na tipologia dos denominados pelourinhos de gaiola, cuja designação se refere aos antigos elementos que se encontravam sobre o capitel e onde eram encerrados os prisioneiros. Nesta época, os pelourinhos já não eram utilizados desta forma, pelo que a gaiola actual constitui-se como memória simbólica de outras épocas e o pelourinho enquanto símbolo político e social da localidade.

A base oitavada, ergue-se sobre três degraus de formato idêntico, suportando a coluna de base quadrada e fuste de secção octogonal. O remate é formado por quatro colunelos quadrados que suportam cobertura cónica mas que prolongam até quase à altura do seu vértice, a partir do qual se projecta o cata-vento, este com a data de 1765 (MALAFAIA, 1997, p. 335).



Fotografia 59: Provesende 1 (49)

Tapadas 5 (64): O marco que tem gravado em alto-relevo a cruz de malta, mas talvez reutilizado mais tarde talvez como Marco Pombalino.



Fotografia 60: Tapadas 5 (64)

Tapadas 6 (65): Possivelmente um local de enterramento, constituído por quatro pedras fincadas a pedra da lateral direita encontra-se tombada. As pedras estão bem talhadas formando uma planta sub-rectangular.



Fotografia 61: Tapadas 6 (65)

Couto 2 (66): Trata-se de um peso de lagar em granito, de forma cilíndrica, com encaixes talhados no topo, encontra-se deslocado e fora de contexto arqueológico.



Fotografia 62: Couto 2 (66)

Alto das Madorras 4 (72): É uma sepultura geminada, escavada num bloco de granito de planta sub-rectangular. O seu comprimento máximo interior varia entre os 98 e 160 cm, com a largura máxima interior que vai dos 32 e 37 cm.



Fotografia 63: Alto das Madorras 4 (72)

Cristelo 7 (75): Uma estrutura, à qual se dá o nome casa da muda, que se encontra junto ao caminho romano. Actualmente esta estrutura encontra-se muito degradada, pelo facto de ter sido construída uma nova estrada, em que parte da estrutura terá sido derrubada.



Fotografia 64: Cristelo 7 (75)

Bouça 4 (79): Neste local, encontra-se um pequeno casebre, com a função de abriga animais. No exterior do casebre encontra-se uma fraga com evidentes sinais de construção, sendo implementado em determinados locais da rocha, pedras afeiçãoadas de modo a formar uma eira.



Fotografia 65: Bouça 4 (79)

Senhora da Azinheira 1 (97): Pequena capela, datada de 1586, onde se destaca o retábulo de talha, a pintura setecentista do tecto e os azulejos do século XVII. No seu exterior, perante um olha mais cuidado, verificamos a existência de muita cerâmica de construção e cerâmica de utilização, em muitos dos casos encontram-se pedaços de cerâmica com escória.



Fotografia 66: Senhora da Azinheira 1 (97)

Vale das Donas 1 (84): Trata-se de um marco de forma rectangular com cerca de 1,50 m de altura e cerca de 40 cm de largura e apresenta ainda uma cruz patriarcal gravada numa das faces sendo que na base desta cruz foi também gravada a letra “M” em baixo relevo. Este marco encontra-se num terreno baldio no topo de um pequeno cabeço.



Fotografia 67: Vale das Donas 1 (84)

Tapadas 8 (85): Trata-se de um sarcófago escavado num bloco granítico, com cerca de 1,70 m de 50 cm de largura. À primeira vista o monumento parece que não está terminado porque só possui cerca de 5 a 10 cm de profundidade.



Fotografia 68: Tapadas 8 (85)

Alto das Madorras 5 (86): No meio da vegetação encontramos um caminho antigo, que dava acesso certamente à pequena aldeia da garganta e que poderia eventualmente conduzir a Constantim onde se situa o Santuário de Panoias.



Fotografia 69: Alto das Madorras 5 (86)

Arca 1 (97): “Conjunto de 2 sepulturas de planta sub-rectangular, paralelas e escavadas num afloramento granítico, elas apresentam um rebordo para assentamento das tampas de cobertura”. (Gonçalves, 1993). Foram descobertas em 1983 por Huet Bacelar. Elas tiveram certamente outra utilidade que não a original, porque alas apresentam aberturas na parte sul da cabeceira.



Fotografia 70: Arca 1 (97)

Senhora da Azinheira 2, 3 e 4 (98, 99, 100): A calçada é pavimentada com lajes, notando-se, em algumas, os desgastes provocados pelos rodados dos carros. Estende-se por cerca de 500 metros e tem uma largura de 2 metros a 2,5 metros, que dá acesso directo à capela da Sr. Da Azinheira.



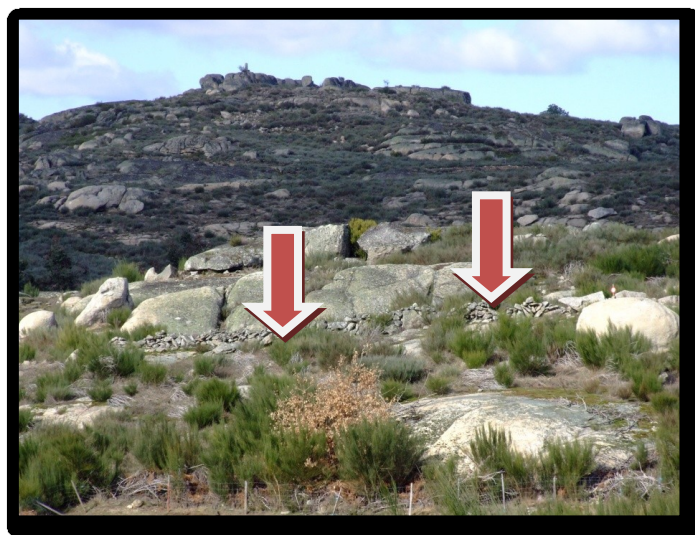
Fotografia 71: Senhora da Azinheira 2 (98), 3 (99) e 4 (100)

Senhora da Veiga 1 (111): É uma pequena capela implantada numa pequena planície de planta rectangular com duas portas em arco simples constituídas por blocos graníticos. A estrutura é constituída por pedras e blocos graníticos e em alguns sítios apresenta reutilização de materiais romanos (tégula). A estrutura encontra-se muito degradada, sem cobertura e a parede lateral direita encontra-se parcialmente ruída.



Fotografia 72: Senhora da Veiga 1 (111)

Madorras 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 18 (113, 114, 115, 116, 117, 118, 119): Trata-se de troços de muros construídos em junta seca, com pedras de pequeno e médio calibre em granito. O muro apresenta uma altura média de 0,40 m e uma espessura de 0,30 m. O troço de muro prolonga-se por várias dezenas de metros e possivelmente foi construído para demarcar uma zona ou território.



Fotografia 73: Madorras 12 (113), 13 (114), 14 (115), 15 (116), 16 (117), 17 (118) e 18 (119)

Alto das Madorras 6, 7, 8 e 9 (130, 131, 132, 133): Trata-se de uma calçada, que é pavimentada com lajes, notando-se, em algumas, os desgastes provocados pelos rodados dos carros, o local por si só encontra-se muito degradado, conserva algumas

lajes em boas condições, porque aproveitaram os afloramentos graníticos para construir a calçada.



Fotografia 74: Alto das Madorras 6 (130), 7 (131), 8 (132) e 9 (133)

Sepultura do Chão dos Mouros (154): “Sepultura de forma sub-rectangular, aberta no xisto, paredes internas sub-verticais e fundo aplanado; apresenta um rebordo exterior destinado a receber a tampa, que não foi encontrada.” (Gonçalves, 1993).

Marco 1 (157): Trata-se de um marco de forma rectangular com cerca de 1,50 m de altura e cerca de 30 cm de largura e apresenta ainda uma cruz patriarcal gravada numa das faces em baixo relevo. Situa-se próximo da aldeia de Saudel, num terreno baldio.



Fotografia 75: Marco 1 (157)

Moinho (158): No Rio Pinhão identificou-se um moinho de maré, que permite que nas maré alta a água encha uma represa a que chamam caldeira e que nas maré baixa esta água represada faça movimentar as rodas, por acção do desnível que então se verifica entre esta e o local onde se encontram os rodízios ou rodetes. Este ainda se encontra sem pleno funcionamento.

Pelourinho de Gouvães (159): “Gouvães recebeu primeira carta de aforamento de D. Sancho I, em 1202, e foral de D. Afonso III, em 1256, confirmado e ampliado no ano seguinte. Ao contrário de tantas localidades no país, não teve foral novo manuelino. Porém, conservou o seu estatuto concelhio, até ser integrado em Provosende, e finalmente em Sabrosa (1855). Teve pelourinho, destruído em 1874, por um temporal, e imediatamente reconstruído, conservando-se até hoje.

O Pelourinho de Gouvães levanta-se no largo do mesmo nome, em local central da povoação. Assenta num soco de dois degraus quadrados, de aresta, encimados por um grande plinto quadrangular, de arestas afeiçãoadas, no qual se encaixa a coluna. Esta possui fuste cilíndrico e liso, suportando capitel dórico, com ábaco ou tabuleiro quadrado, saliente. O remate, de dimensões exageradas em relação à coluna, é uma

gaiola quadrada, constituída por quatro grossos colunelos cantonais de perfil ligeiramente côncavo. A cobertura é novamente em tabuleiro quadrado, sustentando finalmente um grande pináculo, de base bojuda e peça terminal em ponta de seta piramidal. Na base da gaiola está incisa a data de 1722, que poderá corresponder à construção primitiva do monumento (MALAFAIA, 1997).”



Fotografia 76: Pelourinho (159)

Marco 2 (161): Trata-se de um marco de forma rectangular com cerca de 1,00 m de altura e cerca de 30 cm de largura e apresenta ainda uma cruz da ordem de malta gravada numa das faces em alto-relevo. Situa-se próximo da zona de pedreira, num terreno baldio.

Casal Rústico (162): Trata-se de um conjunto habitacional com uma estrutura com dois andares, onde o rés-do-chão comporta uma típica loja e o compartimento habitacional encontra-se no piso superior. Esta estrutura quadrangular apresenta uma dimensão de 7 metros de comprimento por 5 metros de largura e 4 metros de altura e apresenta uma cobertura com um telhado em 4 águas que, actualmente, já não existe. Em anexo, apresenta ainda dois lagares para pisar a uva e na porta de entrada apresenta um lintel com uma aparente inscrição que, devido à degradação do granito, não foi possível identificar. Apresenta também uma pequena capela com um portal em arco quebrado sem cobertura preservada.



Fotografia 77: Casal Rústico (162)

Fonte da Arcã (176): É uma fonte de mergulho, construída em granito, no centro da aldeia da Arcã. Esta fonte possui uma estrutura rectangular em granito que serve para os animais beberem.

8.5 Contemporâneo

As evidências de elementos de cronologia contemporânea/etnográfica são, no concelho de Sabrosa, elevadíssimas. No âmbito do presente trabalho foi dada prioridade à identificação de património arqueológico que integrasse períodos históricos e épocas mais recuadas porque é esse património que se encontra, do nosso ponto de vista, em verdadeiro risco. No entanto, como se trata de um contributo para uma possível carta arqueológica decidimos integrar um dos sítios de cronologia contemporânea que nos parece de elevada importância, como é o caso do conjunto de sítios relativos à companhia Mineira do Vale das Gatas.

Companhia mineira do Vale das Gatas (165): O Couto mineiro do Vale das Gatas, na freguesia de S. Lourenço de Ribapinhão e Souto Maior, com uma área aproximada de 8 km², onde era feita a exploração de Volfrâmio e Estanho. A exploração deste couto mineiro, iniciou-se por volta de 1883, tendo os trabalhos mineiros sido suspensos em 1986.

O minério extraído era tratado em instalações no local de mistos de volframite, scheelite e cassiterite. Existia uma instalação para o tratamento dos sulfuretos residuais da lavaria, para a obtenção de concentrados económicos de prata, com recursos a processos de ustulação, lixiviação e fusão (Almeida e Amarante, 1993).



Fotografia 78: Companhia mineira do Vale das Gatas (165)

8.6 Indeterminado

Na sequência dos trabalhos realizados para o presente estudo foram localizados e documentados, no concelho de Sabrosa, até à data, 50 sítios de período indeterminado. Os sítios documentados foram: Rebordeira 1, Rebordeira 2, Rebordeira 3, Rebordeira 4, Almas 5, Portelas 2, Portelas 3, Portelas 4, Sancha 4, Bouça 1, Bouça 2, Tojeira 1, Bouço 2, Cristelo 1, Cristelo 2, Cristelo 3, Cristelo 4, Cristelo 5, Sancha 5, Castelo 8, Couto 3, Cristelo 8, Rebordeira 4, Combro da Bouça 1, Combro da Bouça 2, Rebordeira 6, Senhora da Azinheira 9, Prainas 1, Madorras 1, Madorras 2, Madorras 3, Madorras 4, Madorras 5, Madorras 6, Madorras 7, Madorras 8, Madorras 9, Bouça Carvão 2, Bouça Carvão 3, Bouça Carvão 4, Bouça Carvão 5, Bouça Carvão 6, Bouça Carvão 7, Bouça Carvão 8, Bouça Carvão 9, Bouça Carvão 10, Bouça Carvão 11, Ribeirinhas 1, Ribeirinhas 2, Penedo do Mato 1, Castelo

Rebordeira 1, Rebordeira 2, Rebordeira 3 (5, 6 e 7): Trata-se de uma zona onde se verifica que houve uma intensa exploração de quartzo. Existe uma grande quantidade de quartzo talhado, numa análise mais pormenorizada detectamos a existência de quartzo rosa.



Fotografia 79: Rebordeira 1 (5), 2 (6) e 3 (7)

Rebordeira 4 (8): Trata-se de uma estrutura negativa, escavada num afloramento granítico de forma circular. A estrutura apresenta uma morfologia

semelhante a um cone com espiral interna. Não foram encontrados indícios de materiais que permitissem atribuir uma funcionalidade específica à estrutura. Com tudo, o polimento e a morfologia da mesma garantem-nos uma origem antrópica.



Fotografia 80: Rebordeira 4 (8)

Almas 5 (33): Próximo da aldeia da Arcã encontra-se um afloramento granítico com uma cova com cerca de 5 cm de profundidade e com um diâmetro de 90 cm. A estrutura apresenta-se no topo do afloramento, sendo que não foi possível contextualizar cronológica nem funcionalmente a sua origem.



Fotografia 81: Almas 5 (33)

Portelas 2 (36): Trata-se de um local relativamente perto da Senhora da Azinheira, onde se verifica uma grande dispersão de vestígios arqueológicos (Mamoas das Madorras I e II, portelas 3 e 4, entre outros). O sítio caracteriza-se por ser uma

antiga exploração de granito, para a obtenção de grandes monólitos. Notam-se as várias marcas, presentes no granito para proceder à sua extracção.



Fotografia 82: Portelas 2 (36)

Portelas 3 (37): Estrutura de forma circular construída com pequenas pedras de granito, foram aproveitados alguns blocos de granito, *in situ*, para integraram na estrutura, com cerca de 60 cm de altura por 100 cm de diâmetro.



Fotografia 83: Portelas 3 (37)

Portelas 4 (38): Esta é uma estrutura em granito, que tinha como principal função conduzir água até um reservatório. Encontramos uma caleira que se estendia por ao longo de vários metros. A caleira faz-se acompanhar por vários esteios na vertical, talvez para que possa ser melhor identificada no meio da densa vegetação.



Fotografia 84: Portelas 4 (38)

Sancha 4 (41): Peso de lagar em granito, de forma cilíndrica, com encaixes talhados no topo encontra-se dentro de uma estrutura que se assemelha a um lagar exterior adoçado a uma estrutura já sem telhado, apenas de um piso. A vegetação dificultou em muito uma análise mais pormenorizada do local.



Fotografia 85: Sancha 4 (41)

Bouça 1 (42): trata-se de uma estrutura composta por um conjunto de pedras muito bem estruturadas, de modo a formarem uma pequena câmara ou compartimento. A estrutura apresenta uma altura de cerca de 0,80 m, com um diâmetro aproximado de 0,60 m. A estrutura é constituída por um aparelho em junta seca com pedras de pequeno e médio calibre. Presumivelmente a estrutura terá sido utilizada como abrigo temporário.



Fotografia 86: Bouça 1 (42)

Bouça 2 (48): Trata-se de um muro que apresenta uma estrutura em junta seca com pedras de média e grande dimensão, em alguns sítios ao longo do percurso localizamos algumas pedras fincadas no solo com cerca de 3 metros de intervalo, entre cada uma. Os intervalos entre elas são preenchidos com pedras miúdas.



Fotografia 87: Bouça 2 (48)

Tojeira 1 (50): Trata-se de uma mina de água, que apresenta uma grande abertura escavada na rocha. A entrada desta mina encontra-se mais ou menos preenchida por água proveniente de infiltrações e lençóis de água.



Fotografia 88: Tojeira 1 (50)

Bouço 2 (52): É uma base quadrada onde se apoia parte de uma coluna que talvez sustenta-se uma Cruz.



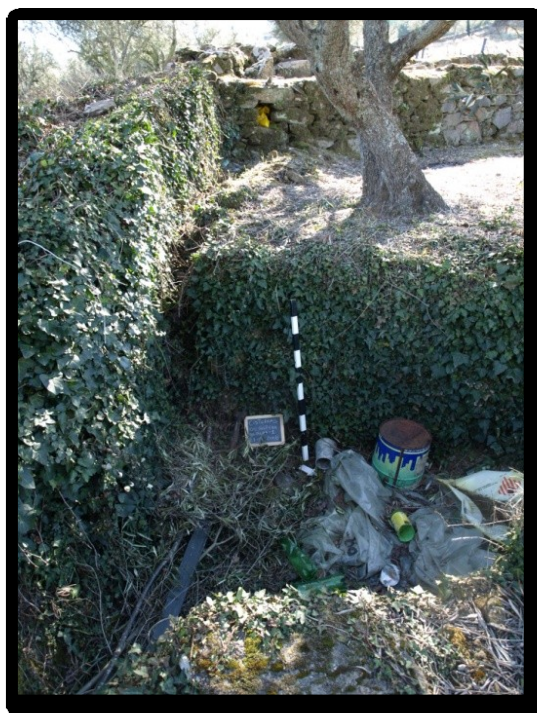
Fotografia 89: Bouço 2 (52)

Cristelo 1 (53): Trata-se de um complexo de rega, constituído por canais construídos em pedra de pequena e media dimensão, que serviam para conduzir e reaproveitar as águas provenientes da Serra de Cristelo.



Fotografia 90: Cristelo 1 (53)

Cristelo 2 (54): Este sítio apresenta-se em bom estado de conservação, contudo encontra-se cheio de lixo, não permitindo chegar à sua real profundidade. É construído em pedra de junta seca e possui uma forma circular com aproximadamente 1,50m de diâmetro.



Fotografia 91: Cristelo 2 (54)

Cristelo 3 (55): É um reservatório de água, em que água era conduzida por caleiras construídas em pedra granítica de pequeno calibre. A estrutura apresenta uma forma circular, localizada junto ao antigo caminho romano que actualmente, ainda é utilizado por agricultores.



Fotografia 92: Cristelo 3 (55)

Cristelo 4 (56): É uma estrutura circular com cerca de 1 m de altura onde um dos muros possui aberturas para a escorrência de água das chuvas ou mesmo de água para o regadio ou para abastecer a própria aldeia da Sancha.



Fotografia 93: Cristelo 4 (56)

Cristelo 5 (57): Trata-se de um canal construído em pedra de junta seca, que conduz a água para os reservatórios (Cristelo 3 e 4). Em alguns sítios a caleira chega a ter 1 m de largura, conservando em alguns sítios a sua construção em pedra.



Fotografia 94: Cristelo 5 (57)

Sancha 5 (59): Este reservatório apresenta-se em muito mau estado de conservação. É construído em junta de pedra seca e possui uma forma circular.



Fotografia 95: Sancha 5 (59)

Castelo 8 (63): Este sítio corresponde a dois ortóstatos em granito, distanciados cerca de 10 metros. Sendo que um deles encontra-se ainda erguido. Apresentam uma dimensão aproximada de 1,50 a 1,70 metros de altura, uma espessura de 0,40 m.



Fotografia 96: Castelo 8 (63)

Couto 3 (67): Trata-se de uma pia construída num bloco de granito móvel. Possui uma forma rectangular com comprimento de 0,90 m, com a largura de 0,65 m e com 0,20 m de profundidade máxima.



Fotografia 97: Couto 3 (67)

Cristelo 8 (77): O sítio Cristelo 8 corresponde a um pequeno sistema de rega ou de contenção de águas, que serviria para abastecer a aldeia da Sancha ou mesmo para regar os terrenos agrícolas, nesta zona.

Rebordeira 5 (80): Trata-se de um afloramento de granito com arte rupestre de tipo “cavinhas”, obtidas por abrasão, e outros elementos de difícil classificação. Nas imediações foram identificados alguns materiais cerâmicos de cronologia pré-histórica.



Fotografia 98: Rebordeira 5 (80)

Combro da Bouça 1 (81): É uma rocha ou bloco de granito de consideráveis dimensões, que possui marcas de talhe e vestígios de orifícios para extracção de pedra. Nestes afloramentos ainda é possível observar covas de grandes dimensões.



Fotografia 99: Combro da Bouça 1 (81)

Combro da Bouça 2 (82): É uma rocha ou bloco de granito de consideráveis dimensões, que possui diversas covas com diversas morfologias de origem antrópica. Optamos por classificar este sítio no conjunto dos sítios de cronologia indeterminada por não termos indícios materiais que nos pudessem fornecer uma contextualização cronológica ou cultural



Fotografia 100: Combro da Bouça 2 (82)

Rebordeira 6 (83): É uma rocha ou bloco de granito de consideráveis dimensões, que possui diversas “cavinhas” com morfologias diversas.



Fotografia 101: Rebordeira 6 (83)

Senhora da Azinheira 9 (92): Trata-se de um local de exploração de granito. Mediante uma análise mais cuidada verifica-se uma intensiva extracção de granito, bem como, as marcas nos grandes monólitos. Este local, situa-se muito próximo da Capela da Senhora da Azinheira.



Fotografia 102: Senhora da Azinheira 9 (92)

Prainas 1 (16): Trata-se de um afloramento de granito com covinhas, obtidas por abrasão, e outros motivos de difícil classificação. Nas imediações foram identificados alguns materiais cerâmicos de cronologia pré-histórica.

Madorras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 (102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109 e 110): Esta antiga área mineira localiza-se na freguesia de S. Lourenço de Ribapinhão, muito próximo das Mamoas da Madorras I e II, encontrou-se uma exploração de um filão. As escombreiras existentes encontram-se estáveis, de pequena dimensão, com alturas entre 2 a 3 metros e cobertas por vegetação em alguns locais, acabamos por não conseguir saber a sua profundidade porque estavam cheios de água.



Fotografia 103: Madorras 1 (102), 2 (103), 3 (104), 4 (105), 5 (106), 6 (107), 7 (108), 8 (109) e 9 (110)

Bouça Carvão 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11 (120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128 e 129): Caracteriza-se pela presença de diversos cercados de pequenas dimensões que tinham como funções delimitar propriedades e permitir o pastoreio do gado.



Fotografia 104: Bouça Carvão 2 (120), 3 (121), 4 (122), 5 (123), 6 (124), 7 (125), 8 (126), 9 (127), 10 (128) e 11 (129)

Ribeirinhas 1 (134): Trata-se de uma pedreira de granito onde se verifica a existência de indícios de perfuração para a extracção de blocos graníticos de grandes dimensões.



Fotografia 105: Ribeirinhas 1 (134)

Ribeirinhas 2 (135): Trata-se de um abrigo e um local de extracção de granito para construção. Este abrigo apresenta ainda arte rupestre, nomeadamente, conjuntos de covinhas com morfologias e dimensões diversas.



Fotografia 106: Ribeirinhas 2 (135)

Penedo do Mato 1 (136): Este sítio caracteriza-se por estar implantado num pequena elevação, aproveitando os grandes rochedos graníticos. Poderá ser considerado, eventualmente, um povoado fortificado de planta elíptica, com sistema defensivo composto por uma linha de muralha e, possivelmente, um torreão.



Fotografia 107: Penedo do Mato 1 (136)

9 Conclusão

O concelho de Sabrosa possui um património histórico e arqueológico verdadeiramente significativo. No entanto, o que se verifica, na realidade, é que este mesmo património encontra-se numa situação de constante desconhecimento não só para as populações locais, para os turistas e, inclusivamente para as próprias entidades com responsabilidade social. A verdade é que não tem sido feito investimento significativo no conhecimento e gestão do património ao longo do século XX.

No entanto, passados mais de 20 anos dos trabalhos de Carlos Ervedosa e Huet Bacelar, a câmara municipal de Sabrosa criou as bases para a elaboração do presente contributo para a carta arqueológica aqui apresentado. Os trabalhos de prospecção realizados colocaram a descoberto um número bastante significativo de sítios, tendo em conta que, sobretudo, a parte Sul do concelho terá sofrido, devido à pressão da actividade agrícola e vitivinícola inúmeras situações de destruição de património mais sensível.

Foi ainda possível verificar que, no seu conjunto, muitos dos sítios identificados nos trabalhos dos anos 90 (Gonçalves, 1993) não chegaram até hoje, terão sido destruídos pela intensa actividade florestal e agrícola.

Foram assim identificados e relocalizados 176 sítios de interesse histórico, arqueológico e, inclusivamente, etnográficos.

O concelho de Sabrosa possui uma grande incidência de monumentos megalíticos de tipo “mamoas” ou “antas”, atestada pelas 28 mamoas e 2 antas. Alguns destes monumentos foram referidos em 1993, mas actualmente não foi possível sinalizar a sua localização e inclusivamente confirmar se de facto estes sítios ainda se conservam. Para além deste conjunto importantíssimo de sítios que comportam a “mancha megalítica” do concelho de Sabrosa ainda foi possível determinar a localização de um outro conjunto de sítios de cronologia proto-histórica, romana e medieval/moderna que complementam o quadro de referência de um trabalho que pretende, na sua essência, contribuir de forma modesta não só para a compreensão histórico arqueológica do concelho, como também para criar as bases para a realização de um projecto muito mais abrangente como é a carta arqueológica do concelho de Sabrosa.

10 Bibliografia

ALARCÃO, Jorge (1990) (coord.) - *Nova história de Portugal - Portugal, das origens à romanização*, 1. Lisboa: Editorial Presença.

ALARCÃO, Jorge (1983) - *Portugal Romano*, Lisboa.

ALMEIDA, Fortunato de (2003) - *História de Portugal “Desde os tempos pré-históricos a 1580”*, 1, Lisboa: Bertrand Editora.

ALMEIDA, M.F., AMARANTE, M.M., (1993) - *Alternativas de recuperação de prata e sulfoarsenietos*. Boletim de Minas da DGGM, 30 (1), pp. 3-12

ALVES, Francisco Manuel (2000) - *Arqueologia, Etnografia e Arte*; Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança, Tomo X.

ANONIMO (1930) - *Concelho e vila da Sabrosa, Portugal Económico, Monumental e Artístico*, XXV, pp. 163-176.

ANONIMO; *Sabrosa*, Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, XXVI, s/d, pp.496-497

AZEVEDO, Pedro (Fev.-Mar. 1902) - *Extractos archeologicos das Memorias parochiaes de 1758*, O Archeologo Português. - Lisboa: Museu Ethnographico Português. - S. 1, vol. 7, n.º 2-3 p. 74-79

BOADO, Felipe Criado (1993) - *Visibilidad e interpretación del registro arqueológico*, Trabajos de Prehistoria. Madrid. 50, pp. 39-56.

BOADO, Felipe Criado (1999) - *Del terreno al espacio. Planteamientos y Perspectivas para la Arqueología del Paisaje*, CAPA 6 (Criterios y Convenciones en Arqueología

del Paisaje), Grupo de Investigación en Arqueología del Paisaje de la Universidad de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.

BOTELHO, Henrique (1899-1900) - *Notícias prehistoricas: dolmens no concelho de Villa Pouca de Aguiar*, O Archeologo Português, Lisboa: Museu Ethnographico Português. - S. 1, vol. 5, n.º 9-10, p. 281-282

BURILLO, F. (1988-89) - *La prospección de superficie: algunas reflexiones sobre su situación actualmente en España*. Arqueocrítica, Madrid, pp.38-48.

CALADO, M.; MATALOTO, R. (2001) - *Carta Arqueológica do Concelho do Redondo*. Redondo: Câmara Municipal do Redondo.

CALADO, Manuel (1993) - *Carta arqueológica do Alandroal*, Alandroal: Câmara Municipal do Alandroal.

CARNEIRO, André (2005) - *Carta arqueológica do concelho de Fronteira*. Lisboa: Colibri-Câmara Municipal de Fronteira.

CARVALHINHOS, P. J. (2007) - *Arcaísmos morfológicos na toponímia de Portugal*. Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFil, Volume XI, n.04, Outros Trabalhos, pp. 26-38.

COSTA, Joaquim (1975) - *Caracterização e Constituição do Solo*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

COSTA, Joaquim (1995) - *Caracterização e Constituição do Solo*, 5.^a Edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

CRUZ, Domingos (1995) - *Cronologia dos monumentos com tumulus do Noroeste peninsular e da Beira Alta*, Estudos Pré-históricos, 3, Viseu, pp. 81-119.

ERVEDOSA, Carlos (1970) - *Castelo de Sabrosa, Guia de Portugal, Trás-os-Montes e Alto Douro*, II Lamego, Bragança e Miranda V., pp.827-828.

ERVEDOSA, Carlos (1981) - *Campanha arqueológica no Castro de Sabrosa em 1980*, Trabalhos de Antropologia e Etnologia XXIV, pp.147-151.

ERVEDOSA, Carlos (1982) - *Campanha arqueológica no Castro de Sabrosa em 1981*, Trabalhos de Antropologia e Etnologia XXIV, pp.351-355.

ERVEDOSA, Carlos (1983) - *Campanha arqueológica no Castro de Sabrosa em 1982*, Trabalhos de Antropologia e Etnologia XXIV, pp.519-525.

ERVEDOSA, Carlos (1984) - *Campanha arqueológica no Castro de Sabrosa em 1983*, Trabalhos de Antropologia e Etnologia XXIV, pp.685-588.

FRÉDÉRIC, Luís (1980) - *Manual Prático de Arqueologia*, Livraria Almedina, Coimbra.

FREITAS, Manuel Alcino Martins de (1980) - *Fernão de Magalhães nasceu em Sabrosa*, Vila Real - Trás-os-Montes, pp.23-31.

GIRÃO, Aristides de Amorim (1960) - *Geografia de Portugal*, 3ª ed., Portucalense Editora, Porto.

GONÇALVES, António Alberto Huet de Bacelar; CRUZ, Domingos (1994), "*Resultados dos trabalhos de escavação da Mamoa 1 de Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa, Vila Real)*", Estudos Pré-históricos, 2, Viseu, pp. 171-232.

JORGE, Susana Oliveira (1994) - *Colónias, fortificações, lugares monumentalizados: trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular*, Revista da Faculdade de Letras do Porto. Porto. 2.a Série. 11, pp. 447-546.

JORGE, Susana Oliveira (1998) - *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

JORGE, Susana Oliveira (1999) - *Domesticar a terra: as primeiras comunidades agrárias em território português*, Gradiva, Lisboa.

JORGE, Susana Oliveira (2000) - *Introdução: breve evolução da Pré-história recente do Norte de Portugal (do VI ao II milénio a.C.)*, Actas do 3º, Congresso de Arqueologia Peninsular (Vila Real), Porto: ADECAP, 4, pp. 7-12.

JORGE, Vitor Oliveira (1986) - “*Monumentalização*” e “*necropolização*” no *megalitismo europeu*, Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Porto. 4:1-4, pp. 233-337.

JORGE, Vitor Oliveira (1987) - *Megalitismo de entre Douro e Minho e de Trás-os-Montes (Norte de Portugal): conhecimentos actuais e linhas de pesquisa a desenvolver*, In *El Megalitismo en la Península Ibérica*. Madrid: Ministério de Cultura, pp. 111-125.

JORGE, Vitor Oliveira; JORGE, Susana Oliveira (2000) - *A “monumentalização” das paisagens durante a pré-história: alguns contributos para um debate*, *Era Arqueologia*. Lisboa. 1, pp. 100-111.

JUNIOR, J. R. dos Santos (1974) - *Um machado estranho do Castro de Sabrosa*, "Trabalhos de Antropologia e Etnologia", vol. 22, fasc. 4, Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de (1890); *Portugal antigo e moderno: diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico...*, reprodução facsimilada de: edição de 1873. Lisboa: Livraria Mattos Moreira e Companhia, p.271.

LEAL, Pinho (1878) - *Sabrosa, Portugal Antigo e Moderno*, VIII, pp. 271-281.

MALAFIA, E. B. de Ataíde (1997) - *Pelourinhos Portugueses*, Tentâmen de Inventário Geral, Lisboa, p. 335

MARTINS, Márcio Ribeiro (2005) - *Riscos de erosão dos solos na Região Demarcada do Douro*, Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

OLIVEIRA, Jorge de (1997) - *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*, 1º Vol. edição bi-lingue, patrocinada pelas Câmaras de Marvão, C. de Vide, Nisa, V. de Alcântara, Herrera de Alcântara e Cedillo e pela Delegação Regional do Ministério da Cultura, Ed. Colibri, Lisboa.

PEREIRA, Eurico (1997) - *Introdução à geologia do NE de Trás-os-Montes*, XVII Curso de Actualização para professores de geociências, Associação Portuguesa de Geólogos.

SAAVEDRA, José Augusto Pinto da Cunha (1935) - *Provezende Antigo e Moderno; O templo Romano de Santa Marinha de Provezende (século V da E. C.)*.

SANTOS, Reinaldo dos (1969) - *Escavações no Castro de Sabrosa em 1968*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, 21, pp. 384-389.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da Silva (1986) - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Câmara Municipal de Paços de Ferreira/Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.

SOARES, António Manuel da Rocha (2005) - *Sabrosa da Pré-história à actualidade*, Câmara Municipal de Sabrosa.

SOARES, António Manuel da Rocha (s/d.) - *Sabrosa da Pré-História à Actualidade*. 1ª Edição. Sabrosa, ELO-Publicidade, Artes Gráficas, S.A.

SOUSA, Fernando; GONÇALVES, Silva, (1987) - *Memórias de Vila Real*, 1 e 2, Vila Real. P. 432

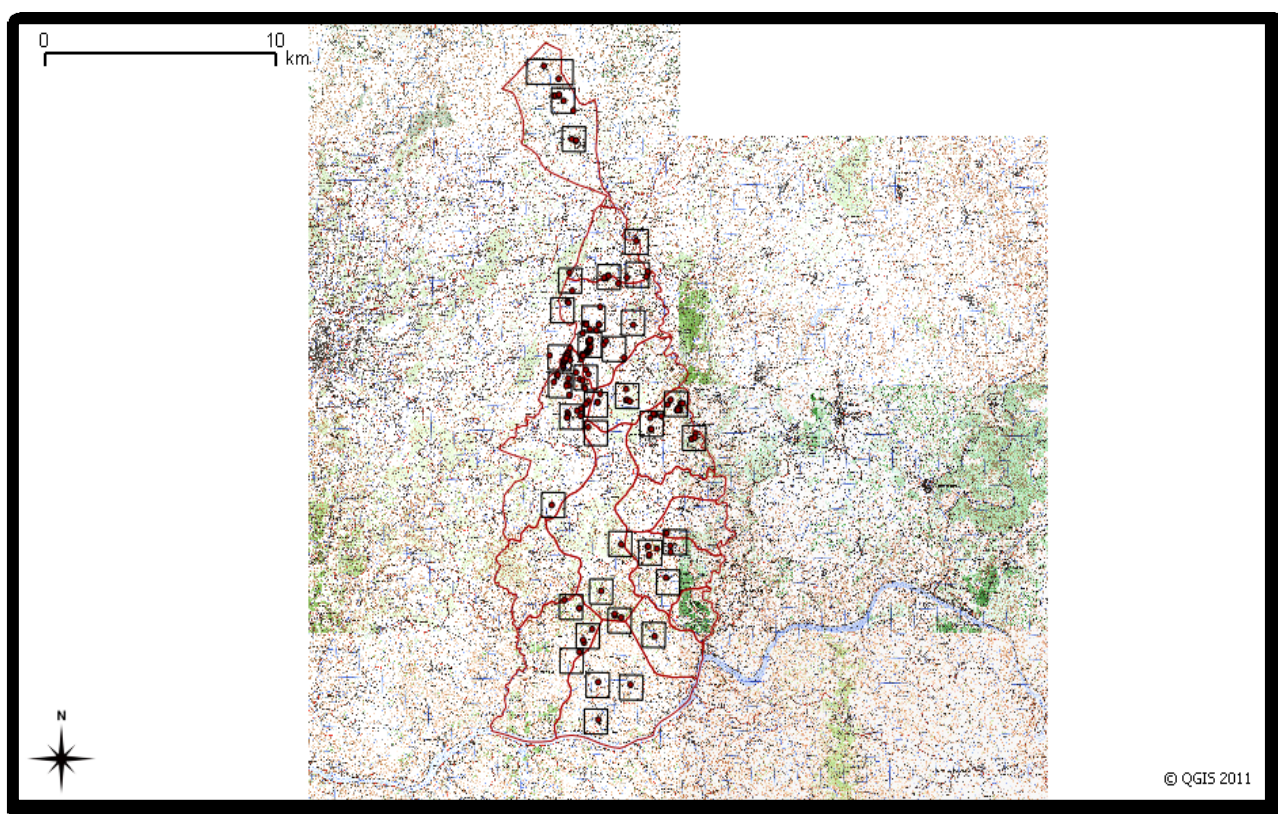
TEIXEIRA, C.; GONÇALVES, F. (1980) – *Introdução à Geologia de Portugal*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa.

TEIXEIRA, Carlos (1981) – *Geologia de Portugal*, I, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

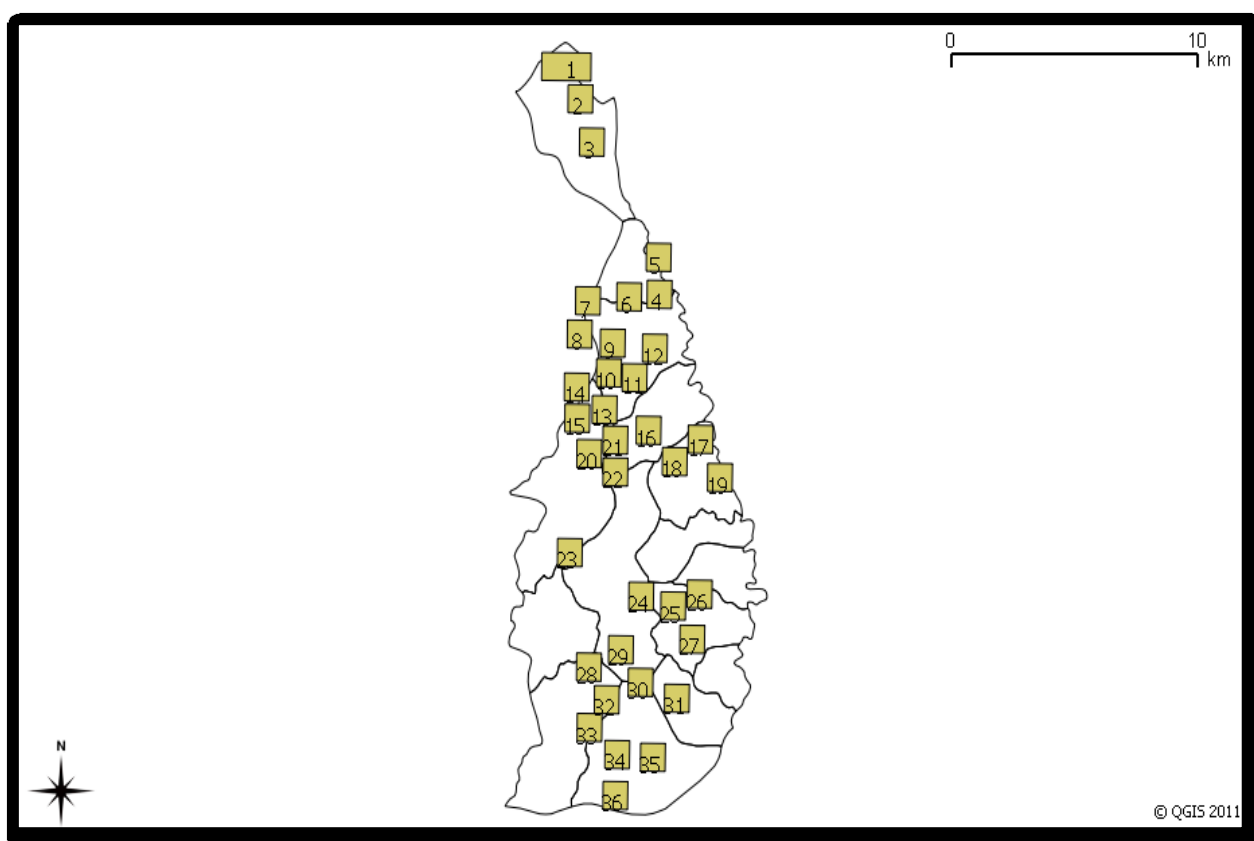
TERRADO, Javier (1999) - *Metodología de la investigación en toponímia*, Zaragoza: edición del autor.

11 Anexos

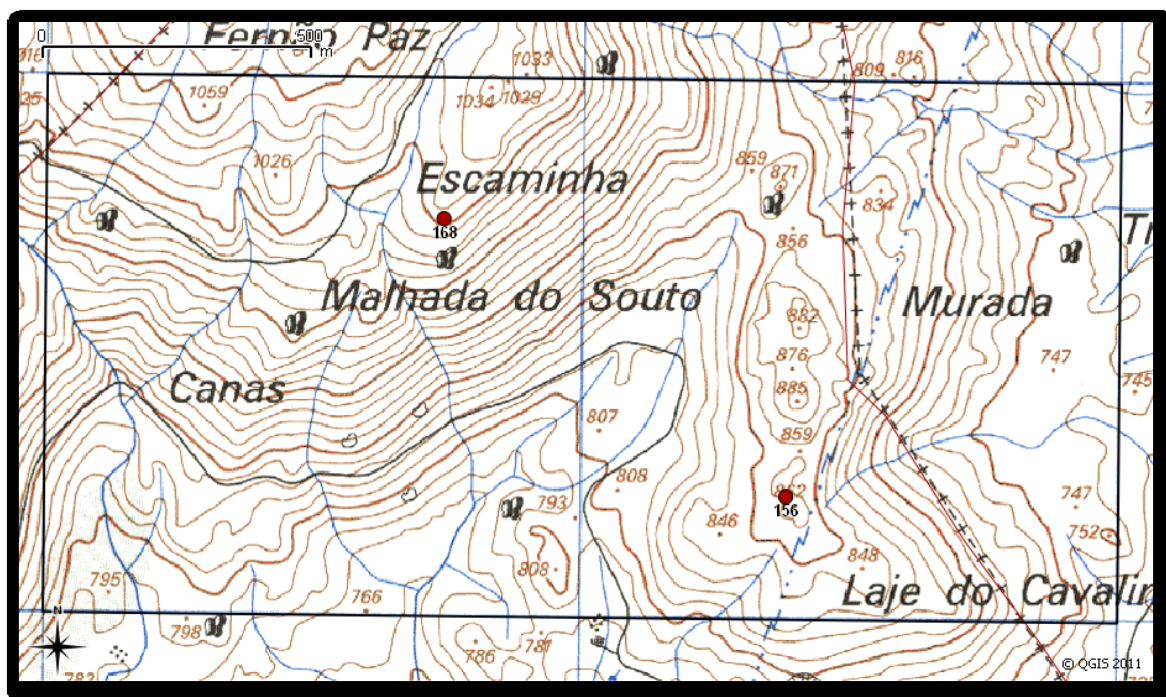
11.1 Cartografia



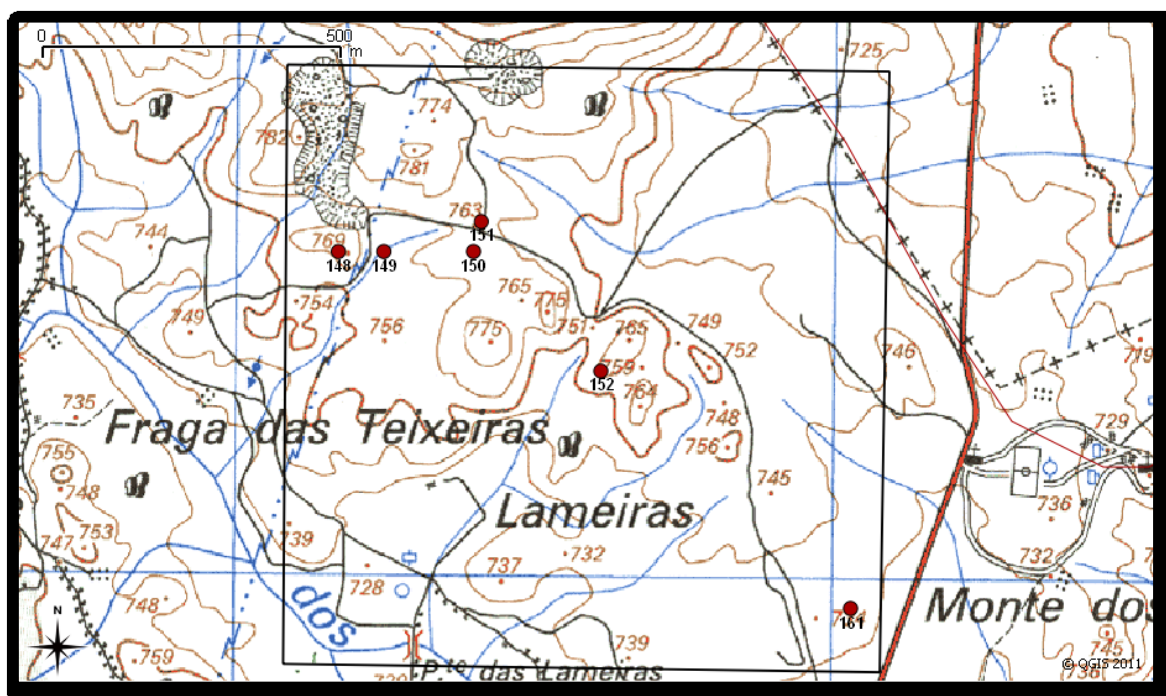
Mapa 4: Mapa geral com indicação dos sítios e áreas cartográficas



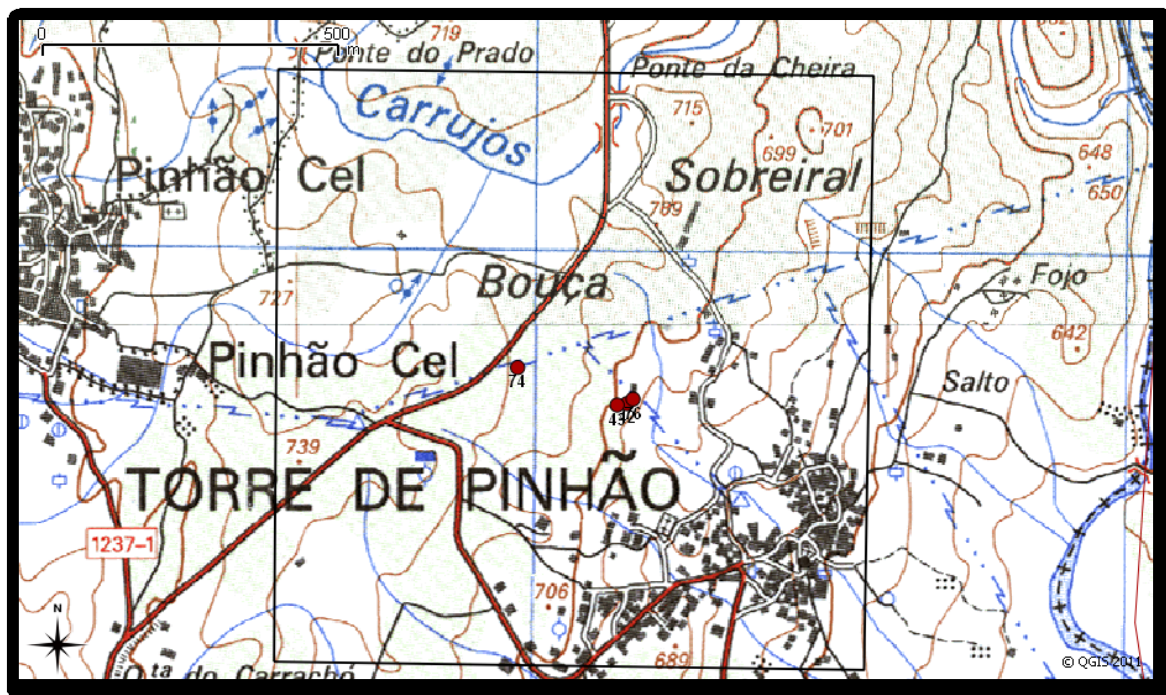
Mapa 5: Áreas cartográficas



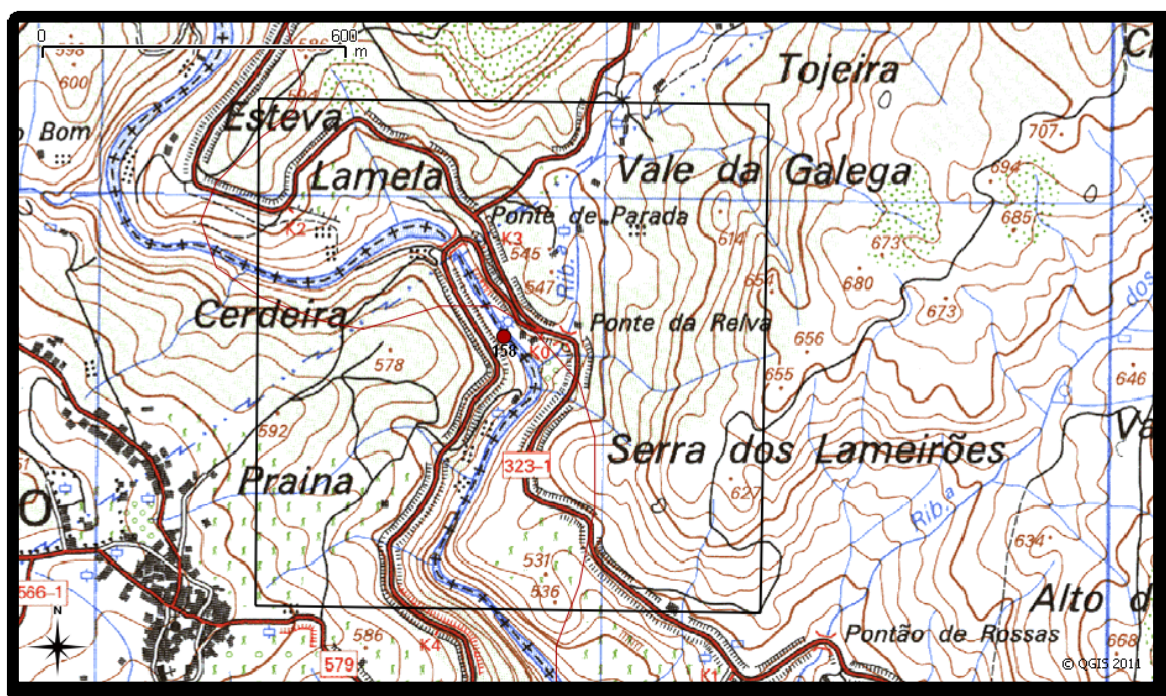
Mapa 6: Área 1 (CMP: 1:25000; n.º 88)



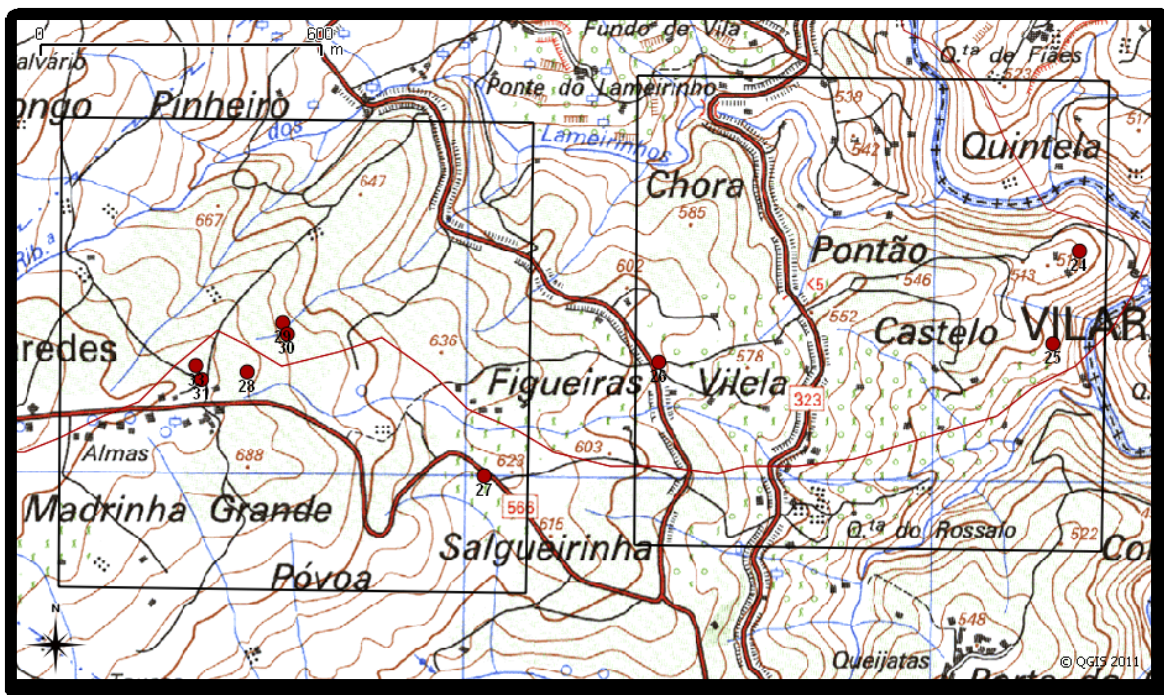
Mapa 7: Área 2 (CMP: 1:25000; n.º 88)



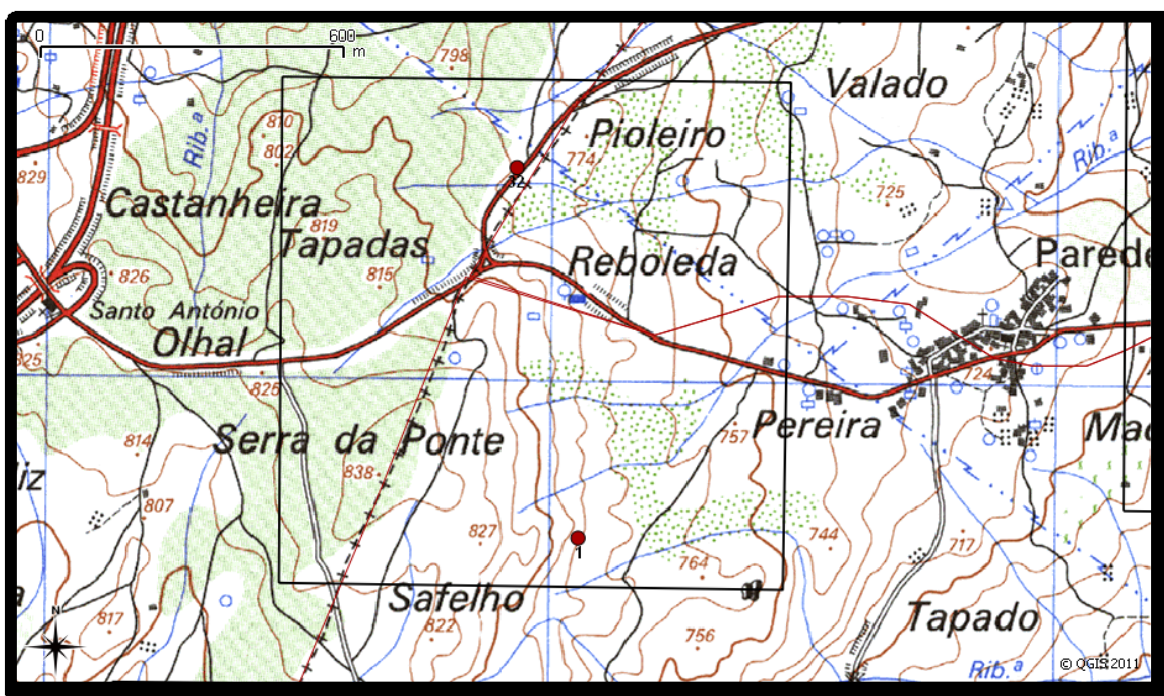
Mapa 8: Área 3 (CMP: 1:25000; n.º 88 & 102)



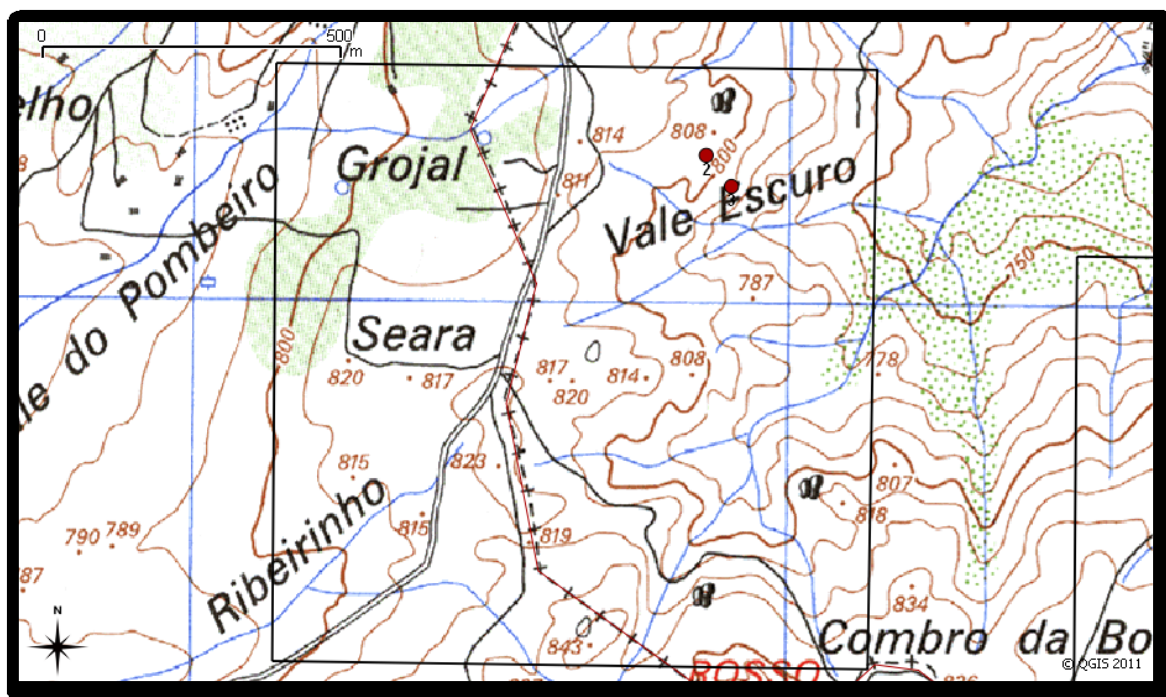
Mapa 9: Área 5 (CMP: 1:25000; n.º 102)



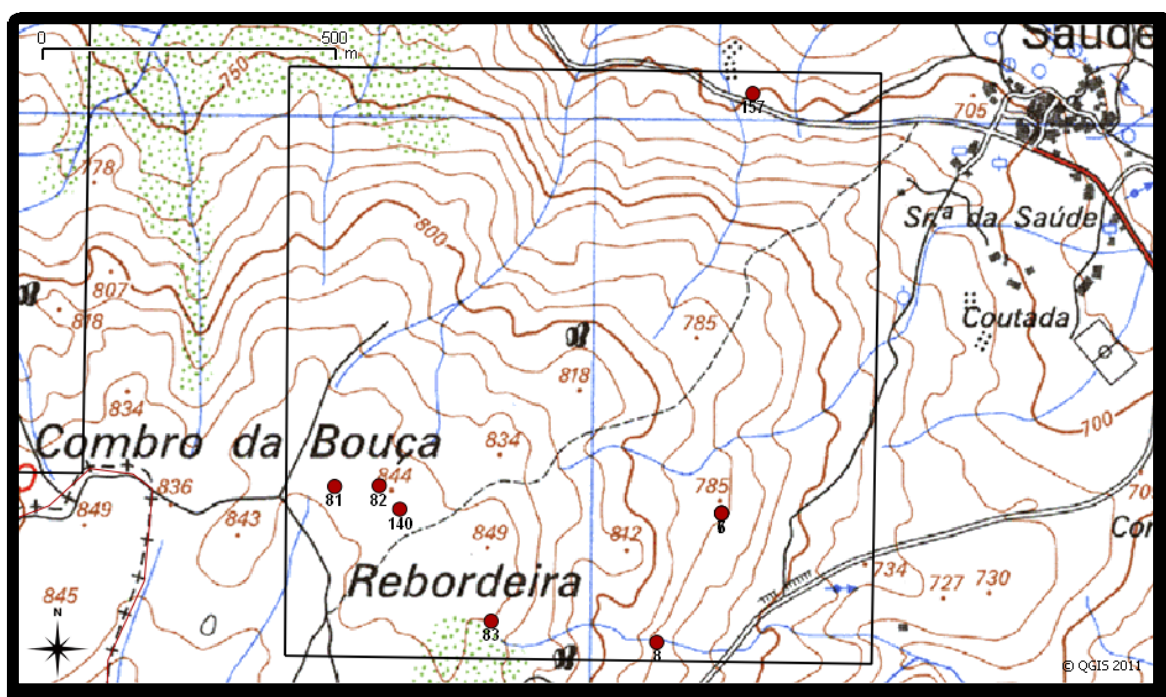
Mapa 10: Área 4 & 6 (CMP: 1:25000; n.º 102)



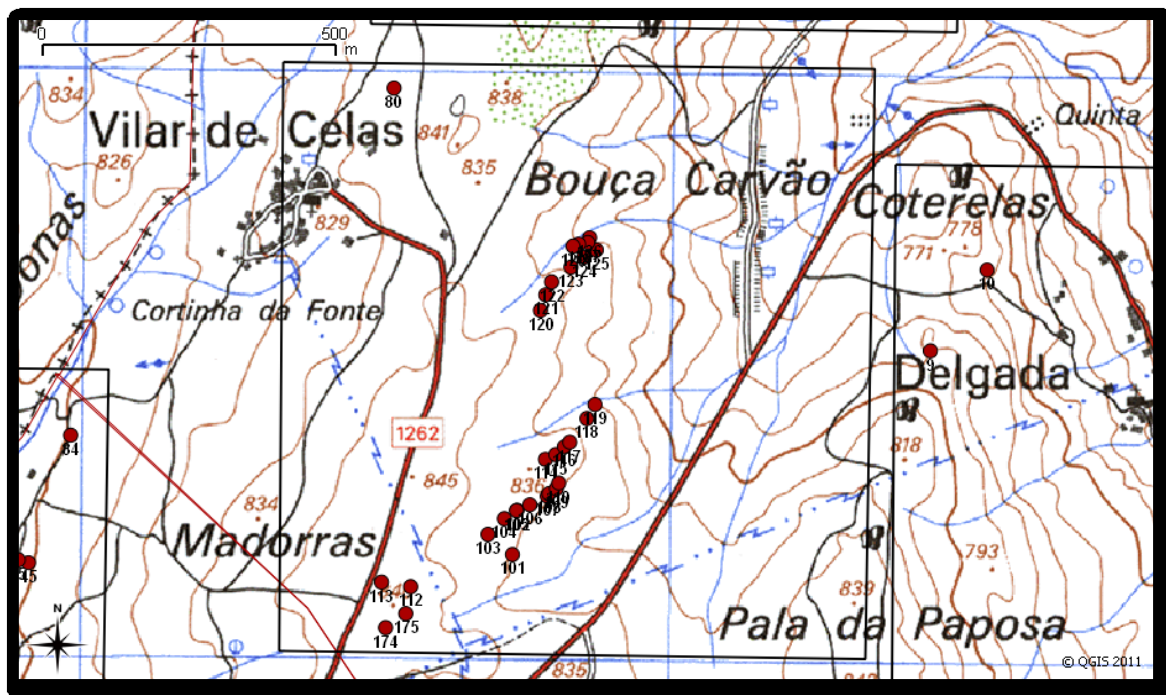
Mapa 11: Área 7 (CMP: 1:25000; n.º 102)



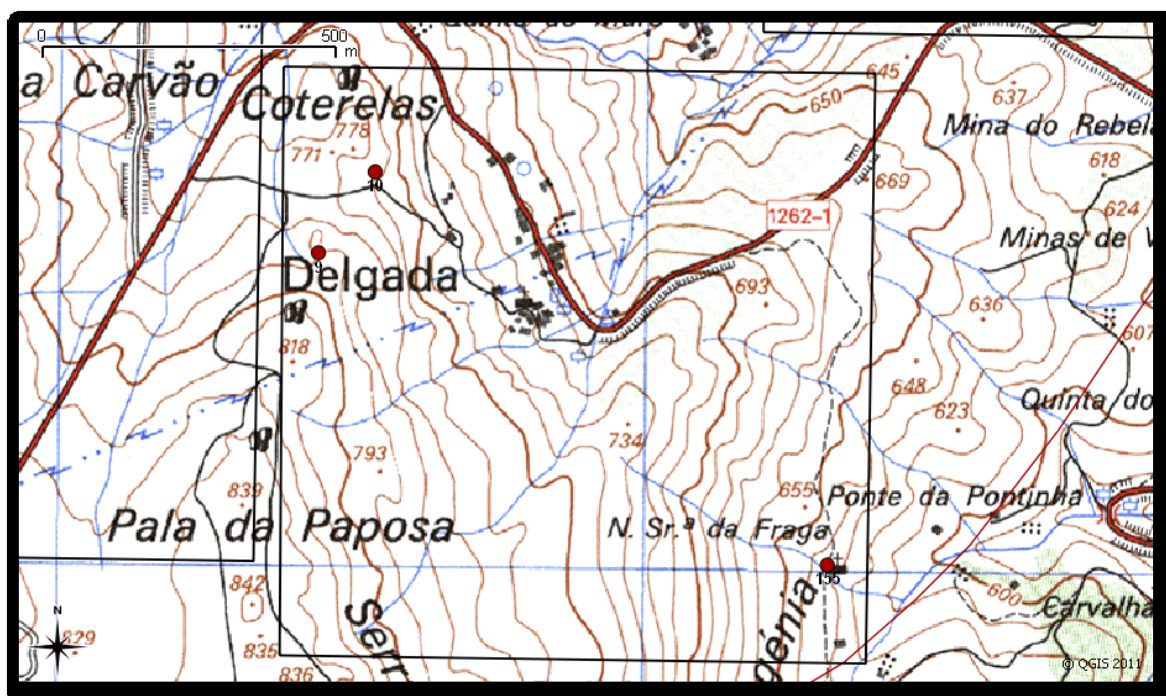
Mapa 12: Área 8 (CMP: 1:25000; n.º 102)



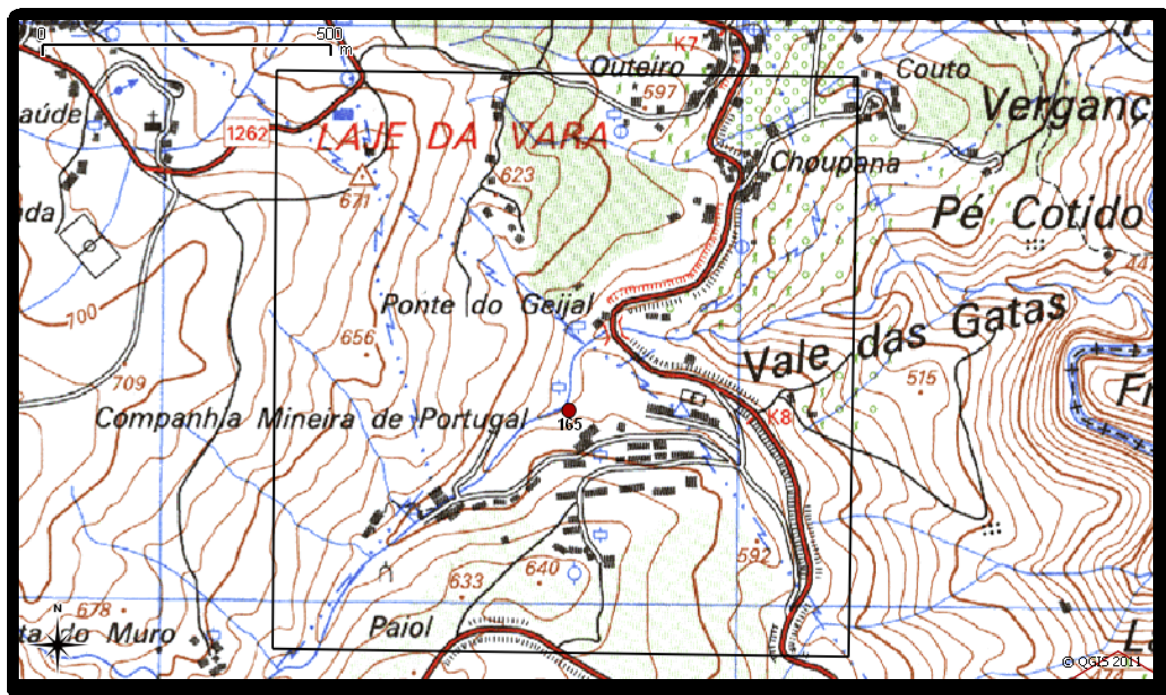
Mapa 13: Área 9 (CMP: 1:25000; n.º 102)



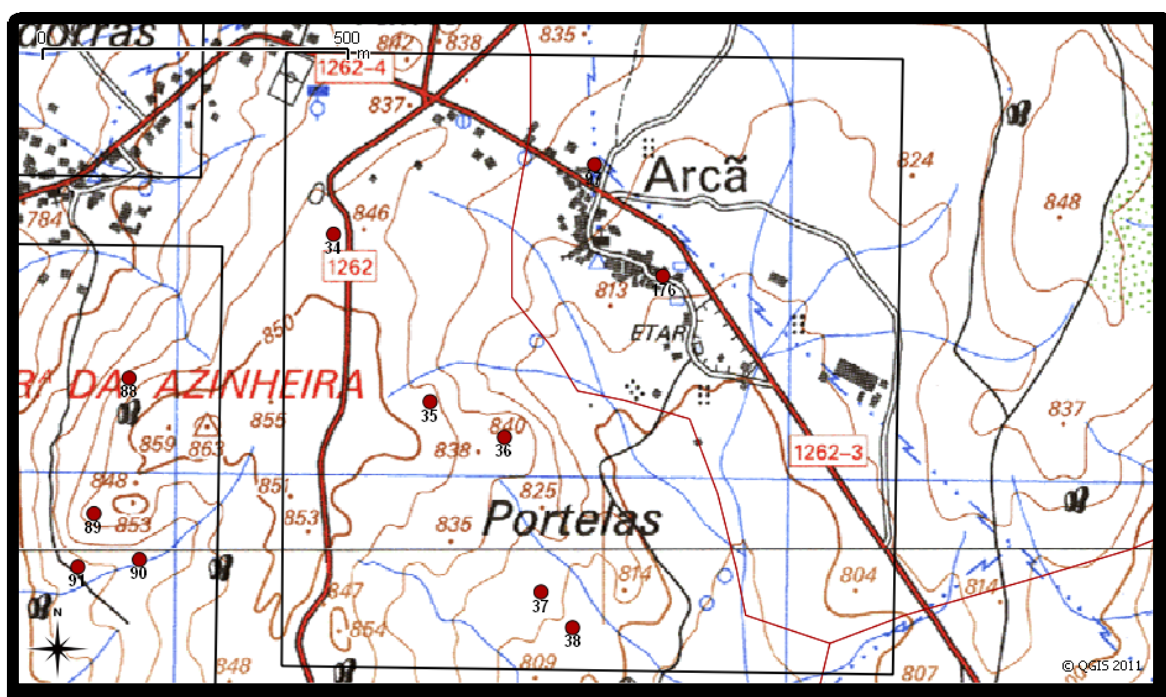
Mapa 14: Área 10 (CMP: 1:25000; n.º 102)



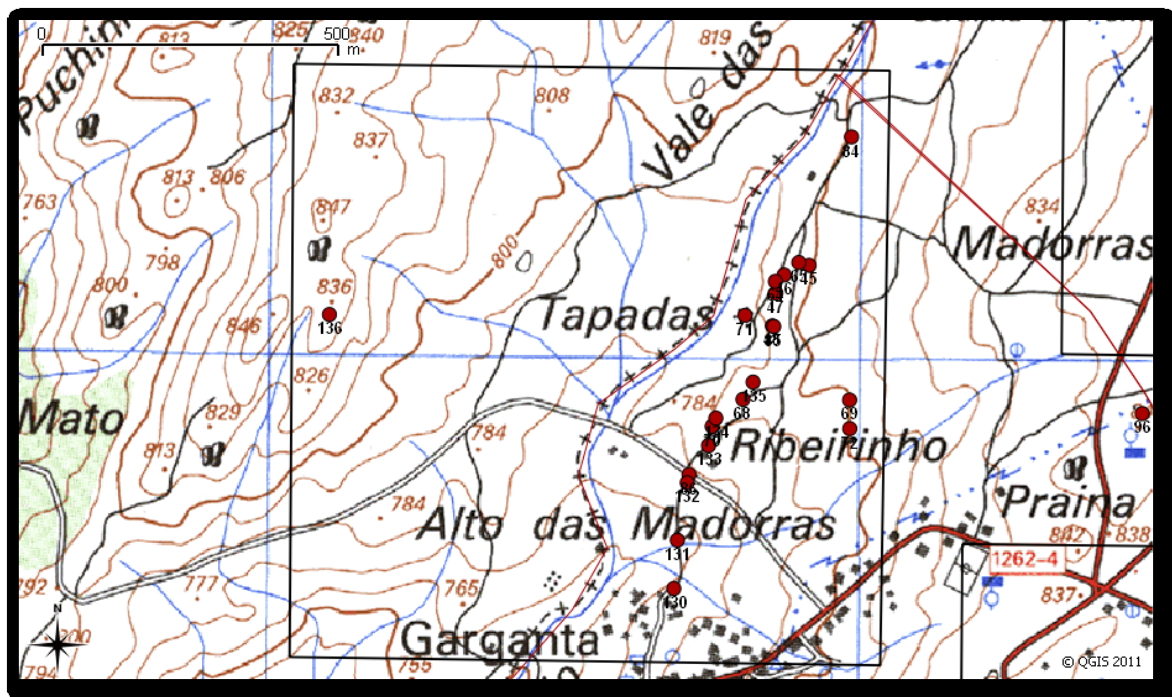
Mapa 15: Área 11 (CMP: 1:25000; n.º 102)

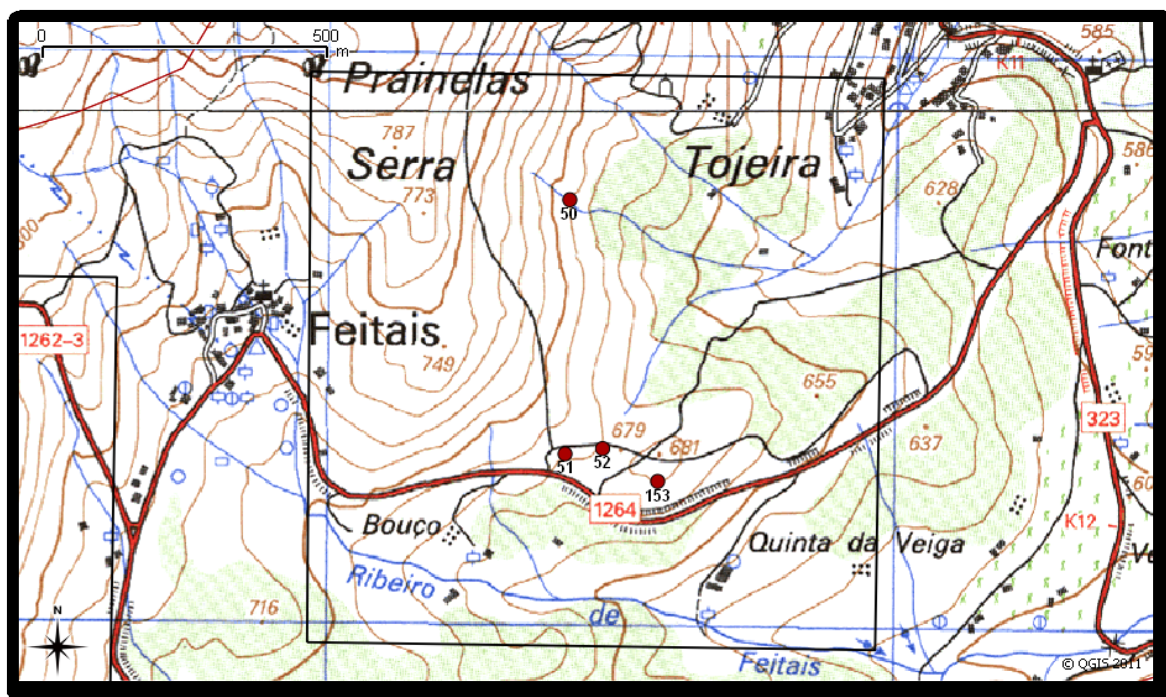


Mapa 16: Área 12 (CMP: 1:25000; n.º 102)

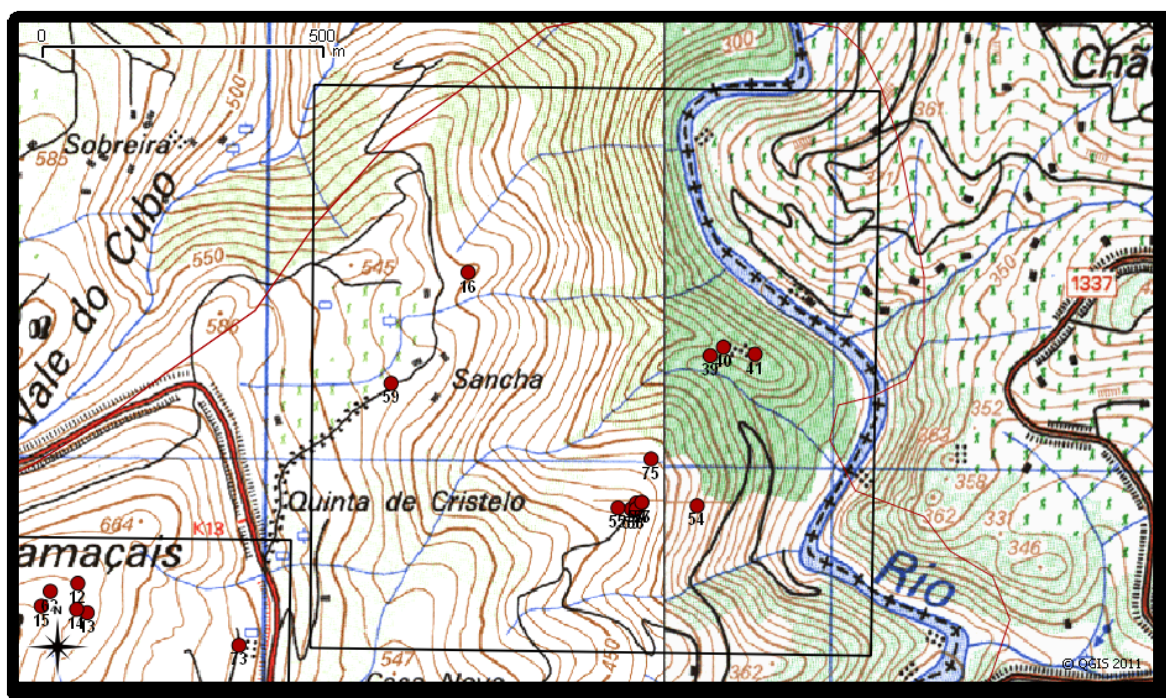


Mapa 17: Área 13 (CMP: 1:25000; n.º 102)

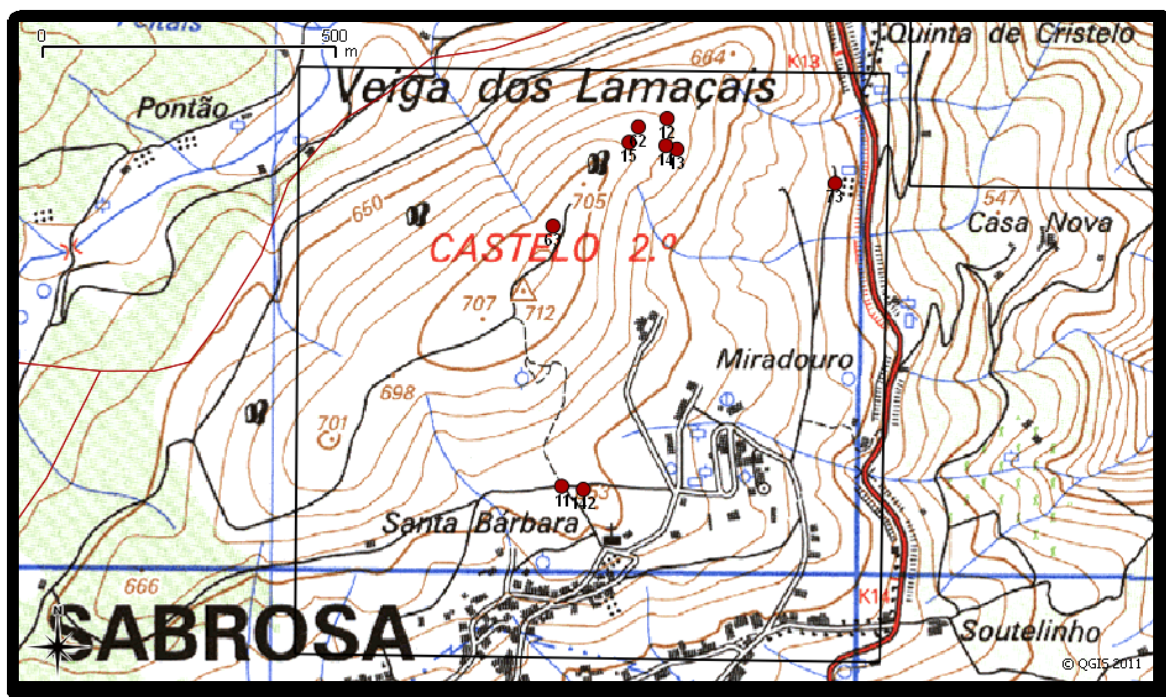




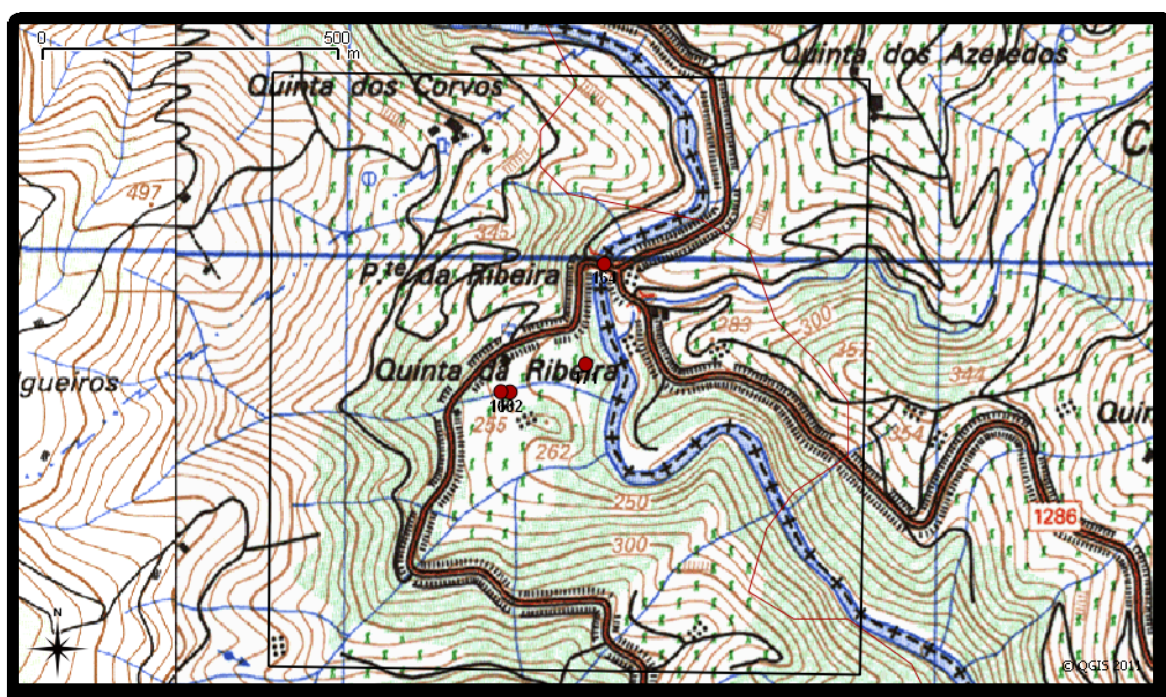
Mapa 20: Área 16 (CMP: 1:25000; n.º 115)



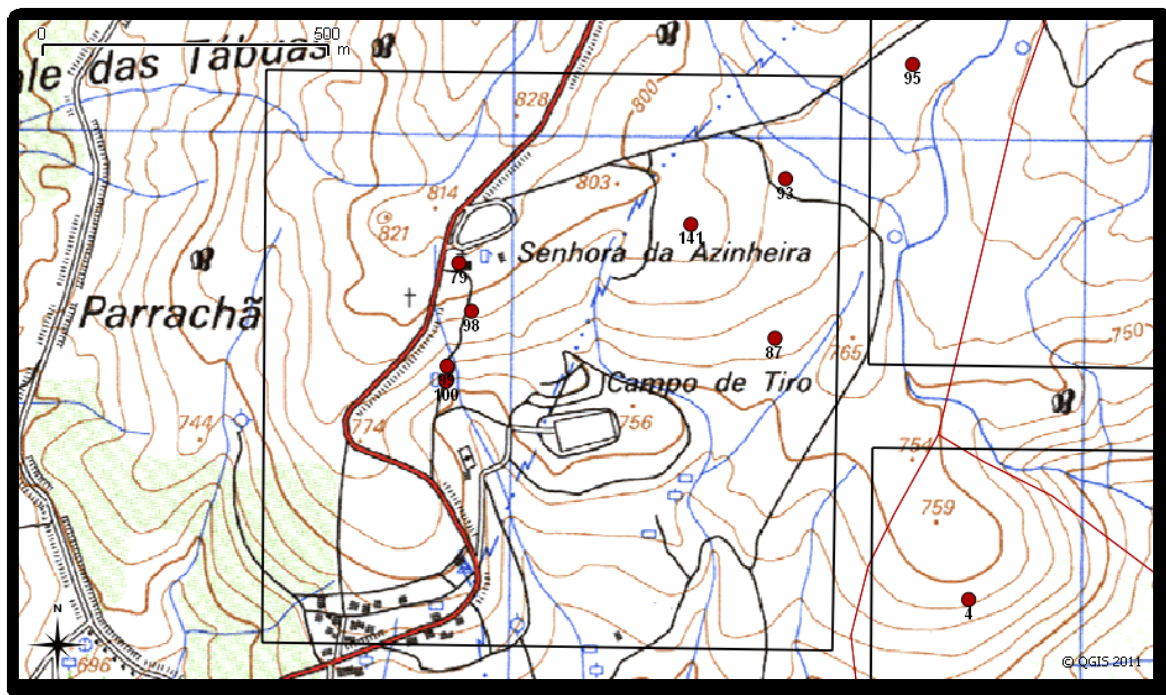
Mapa 21: Área 17 (CMP: 1:25000; n.º 115 & 116)



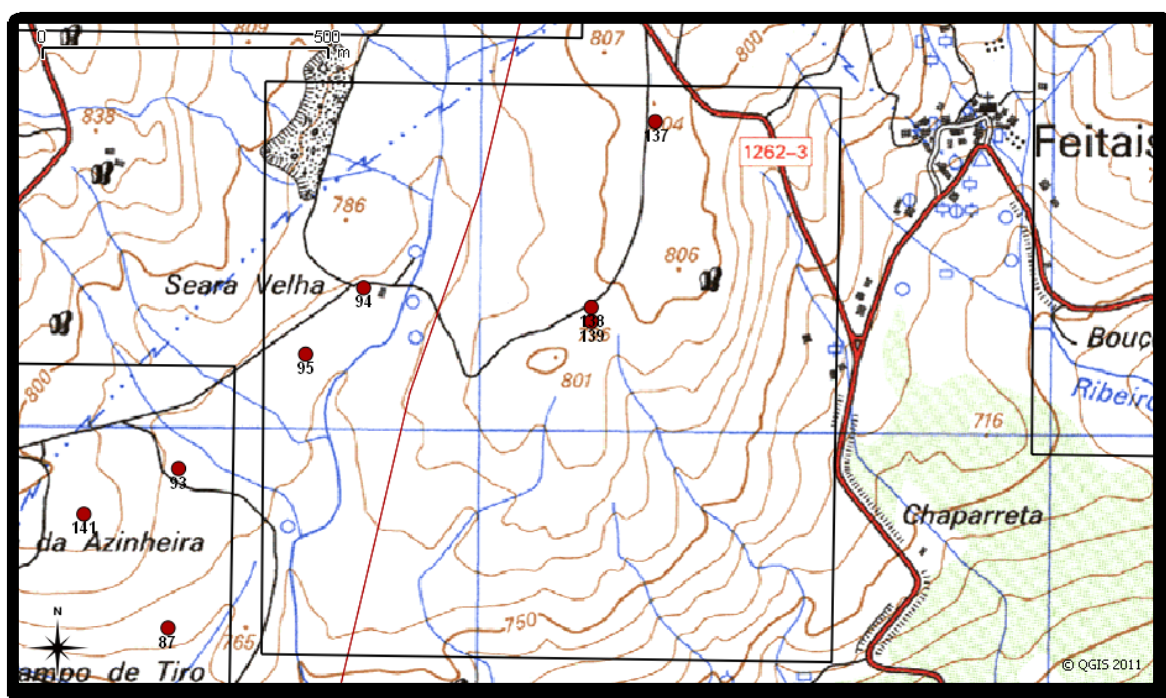
Mapa 22: Área 18 (CMP: 1:25000; n.º 115)



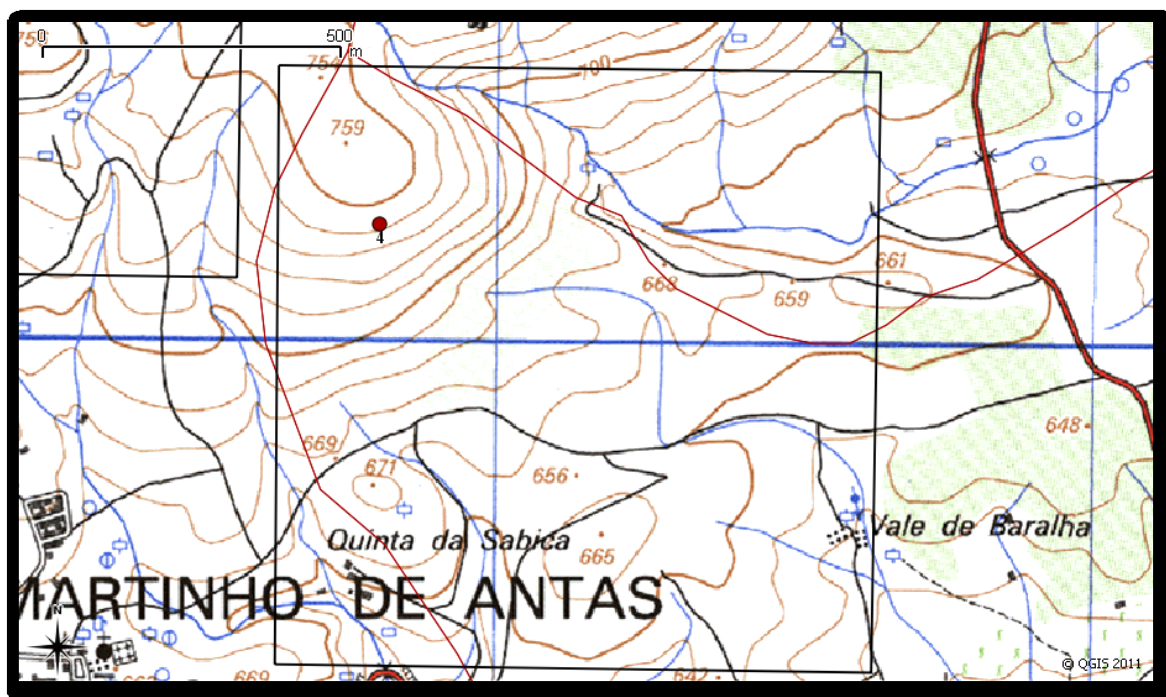
Mapa 23: Área 19 (CMP: 1:25000; n.º 116)



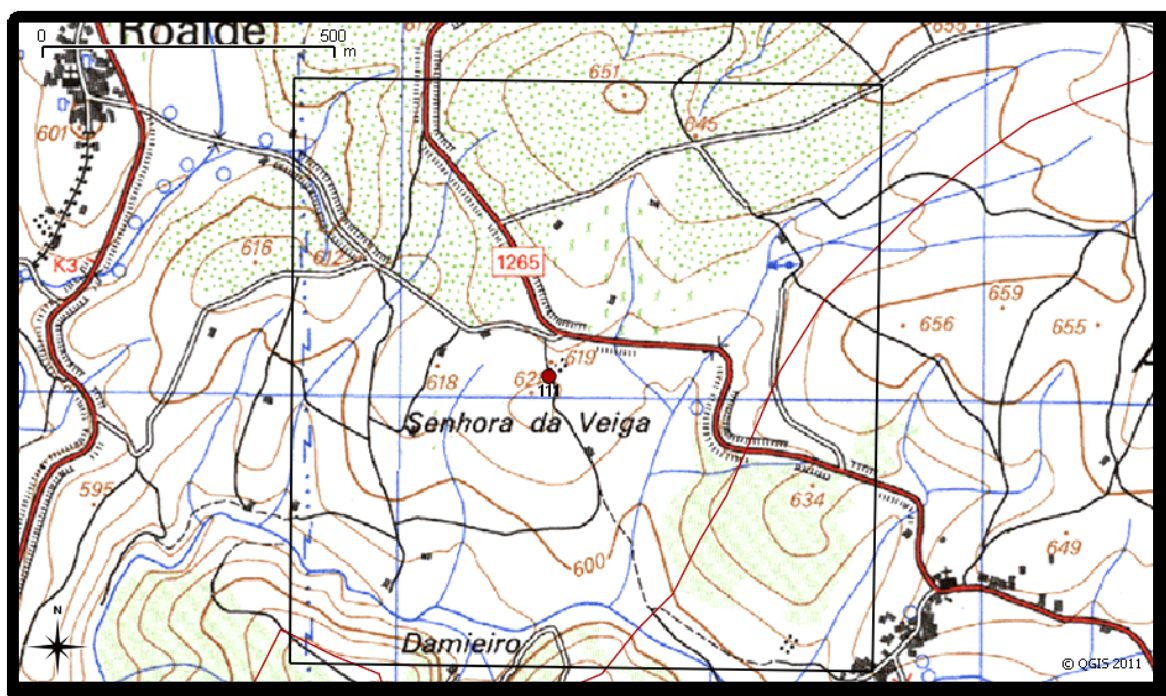
Mapa 24: Área 20 (CMP: 1:25000; n.º 115)



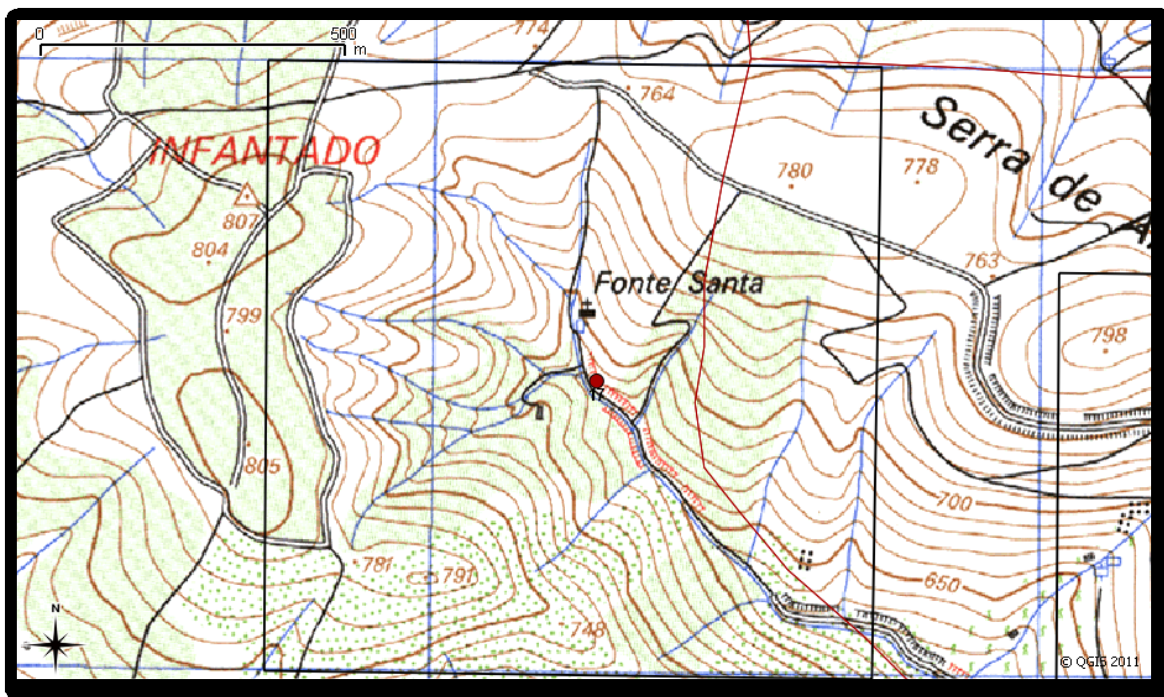
Mapa 25: Área 21 (CMP: 1:25000; n.º 115)



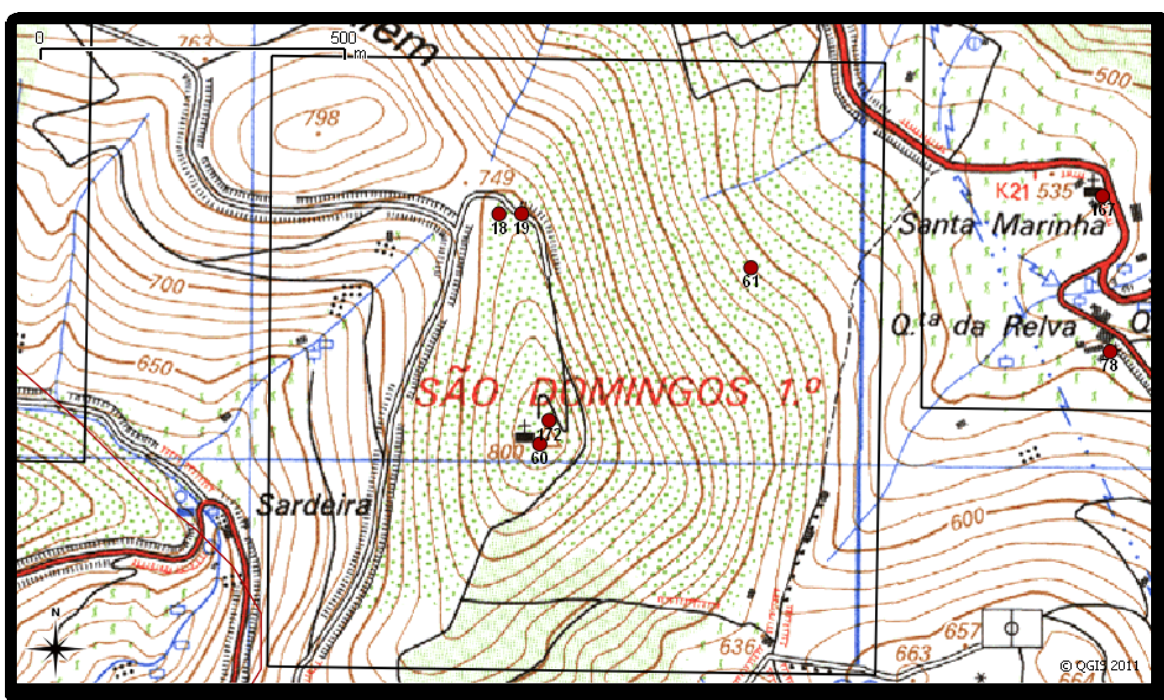
Mapa 26: Área 22 (CMP: 1:25000; n.º 115)



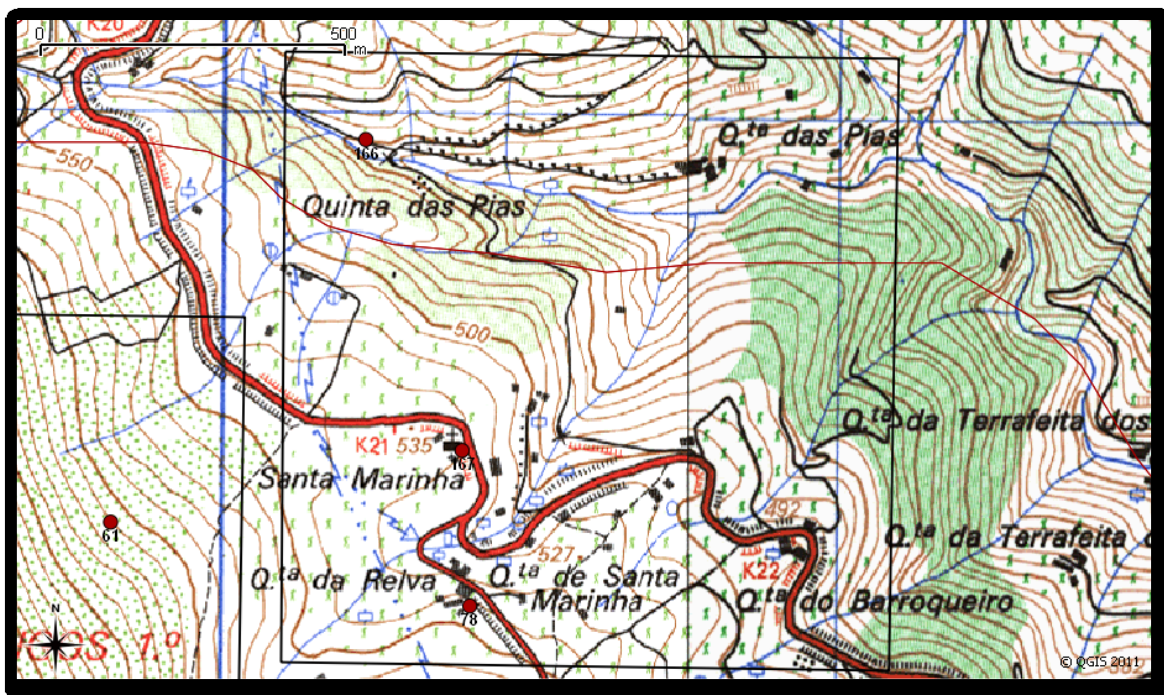
Mapa 27: Área 23 (CMP: 1:25000; n.º 115)



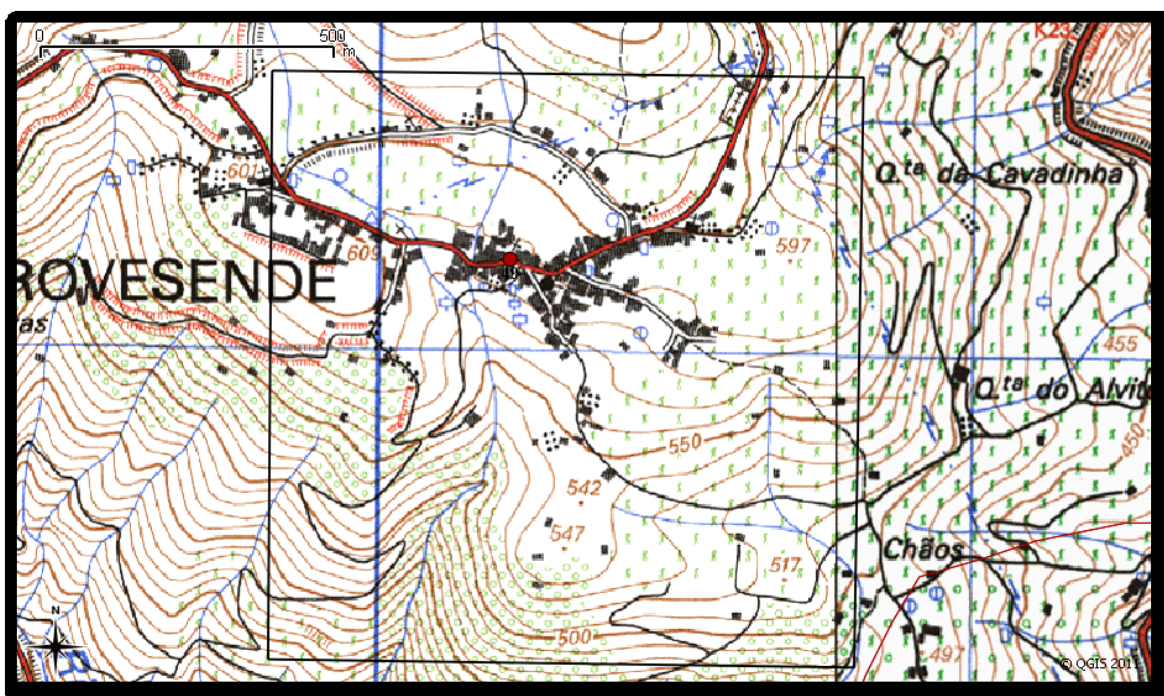
Mapa 28: Área 24 (CMP: 1:25000; n.º 115)



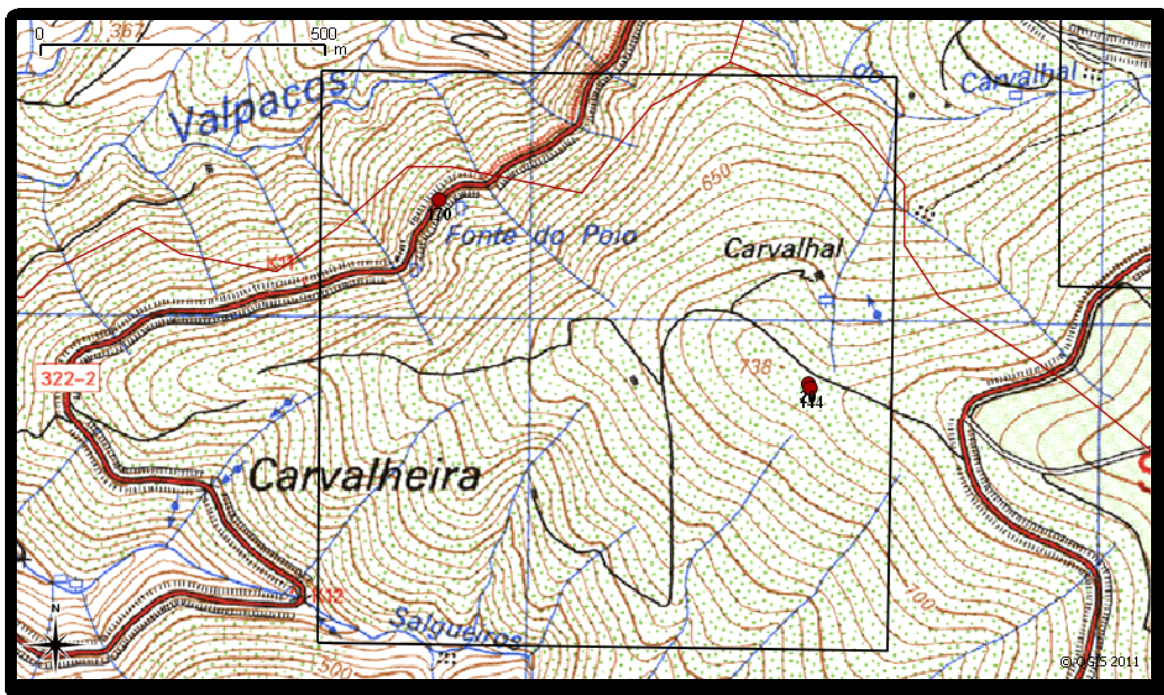
Mapa 29: Área 25 (CMP: 1:25000; n.º 115)



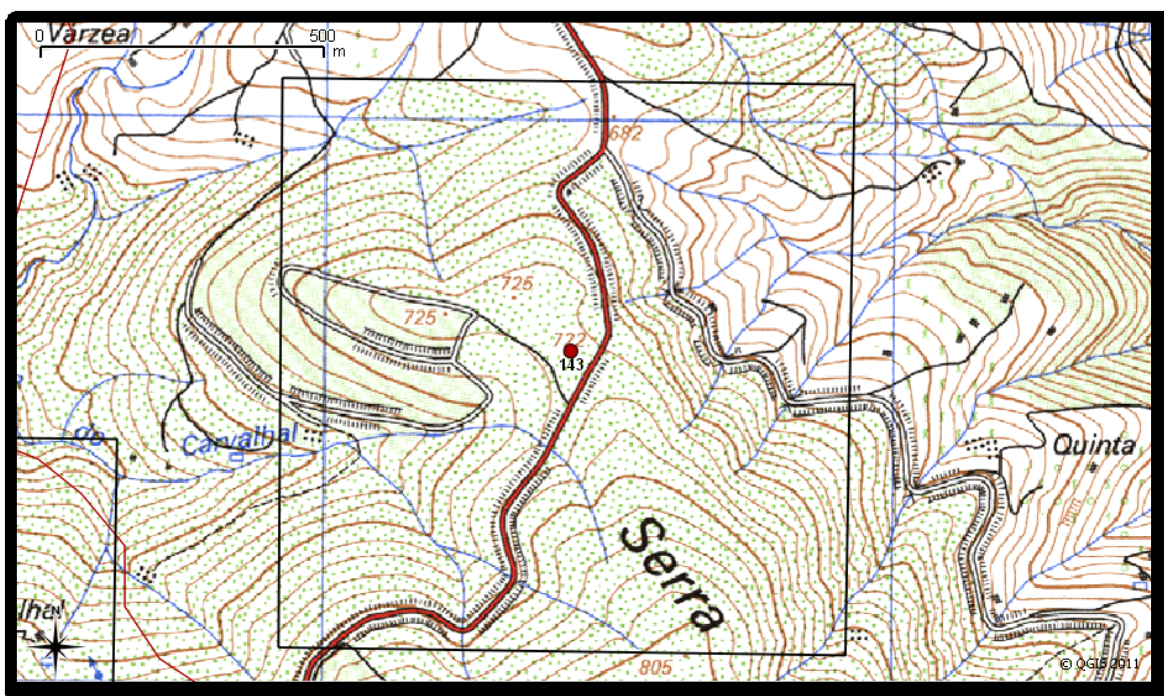
Mapa 30: Área 26 (CMP: 1:25000; n.º 115 & 116)



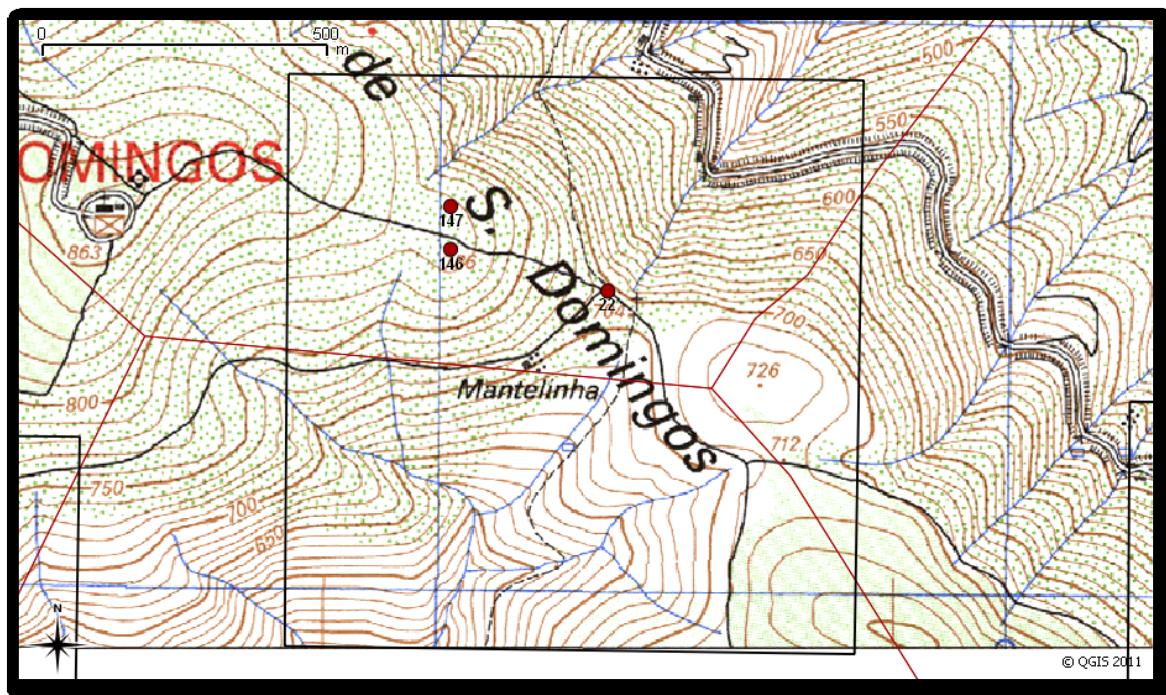
Mapa 31: Área 27 (CMP: 1:25000; n.º 115)



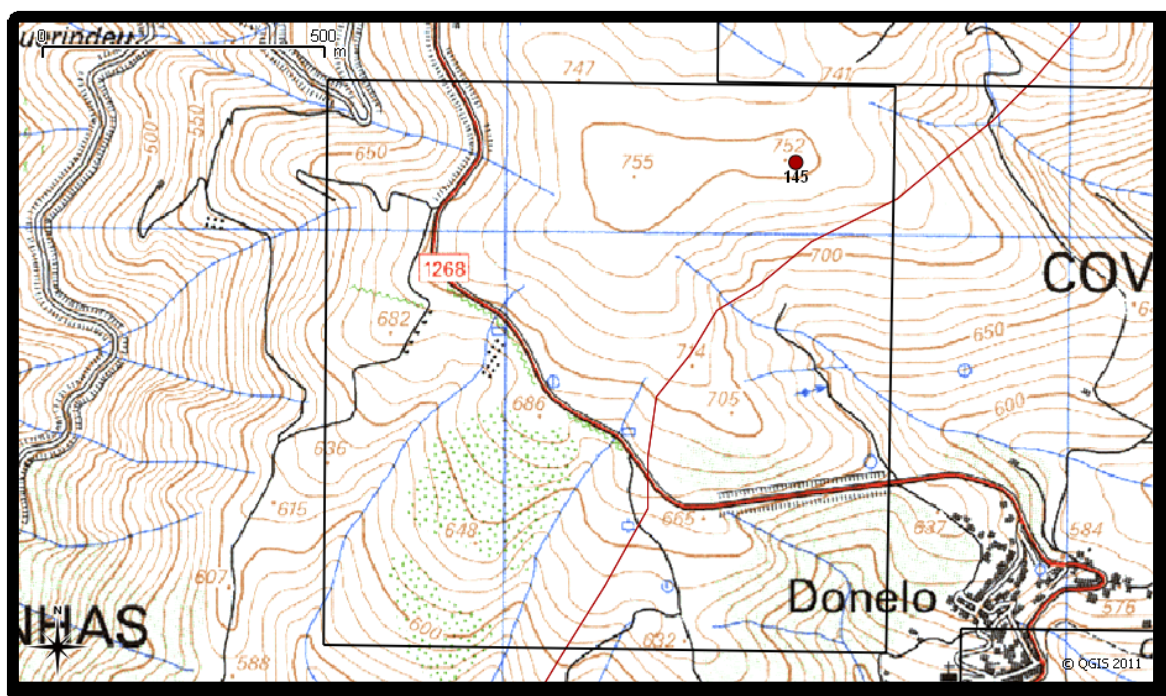
Mapa 32: Área: 28 (CMP: 1:25000; n.º 115)



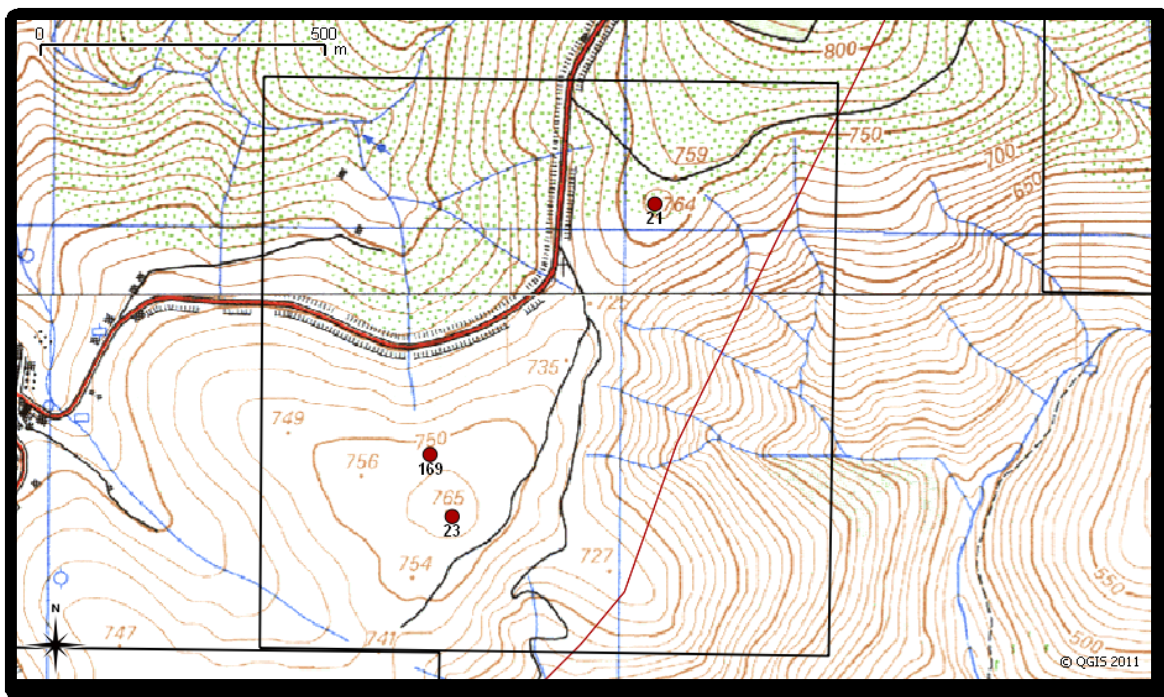
Mapa 33: Área 29 (CMP: 1:25000; n.º 115)



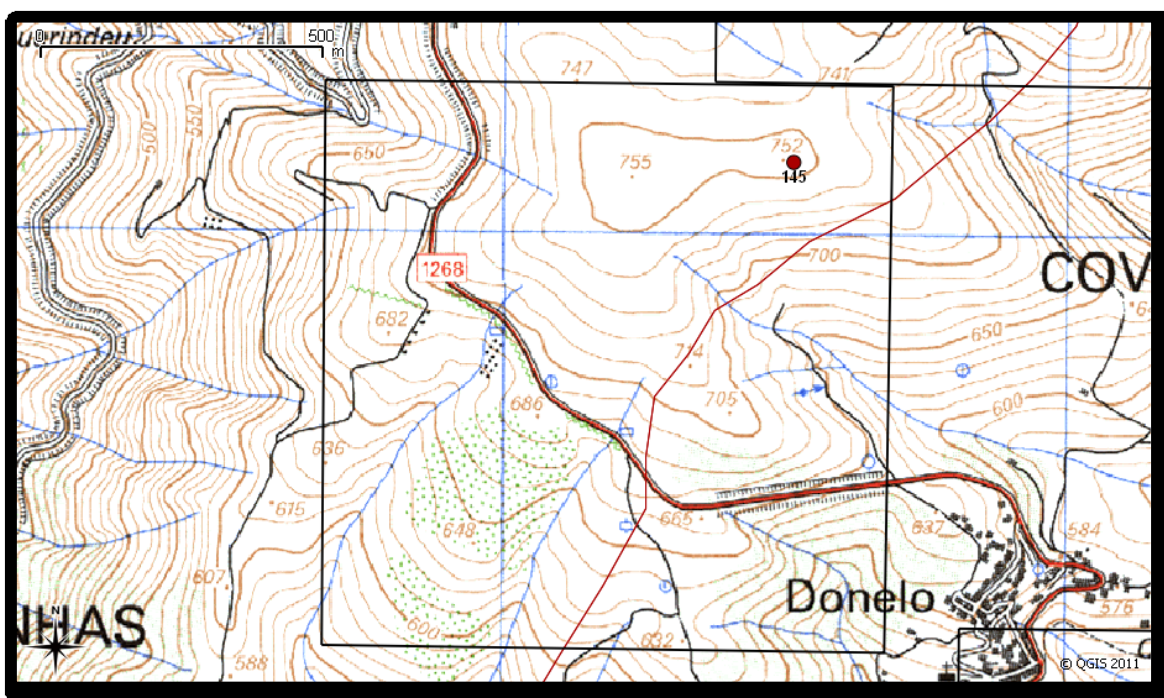
Mapa 34: Área 30 (CMP: 1:25000; n.º 115 & 127)



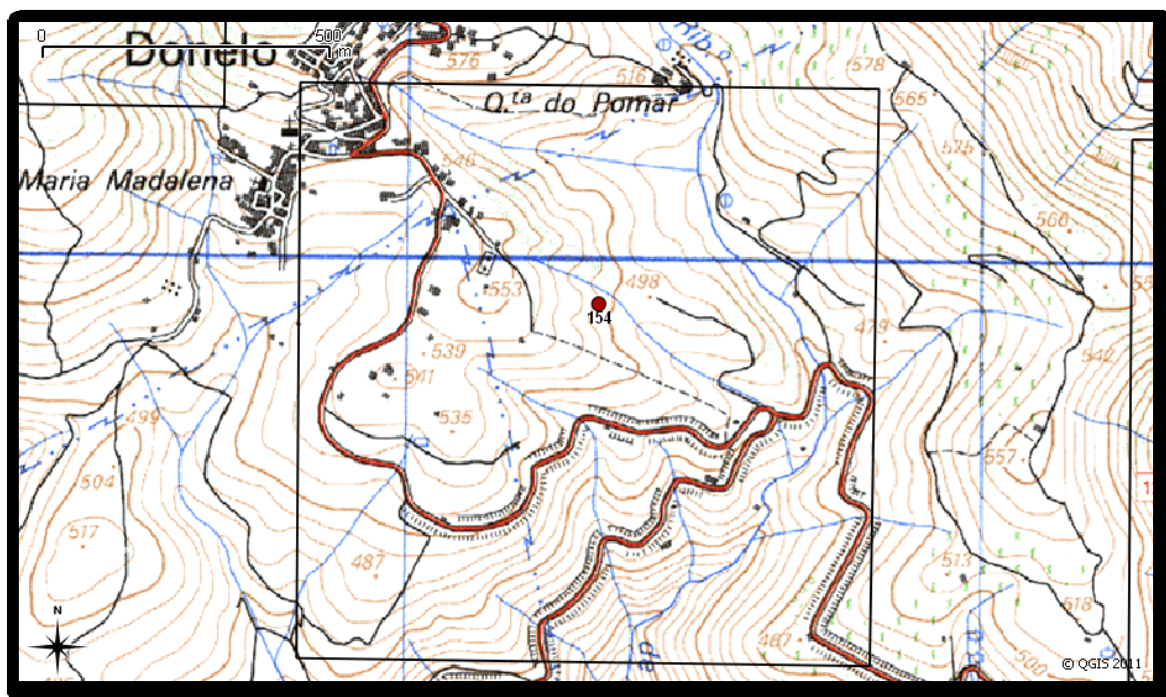
Mapa 35: Área 31 (CMP: 1:25000; n.º 115 & 127)



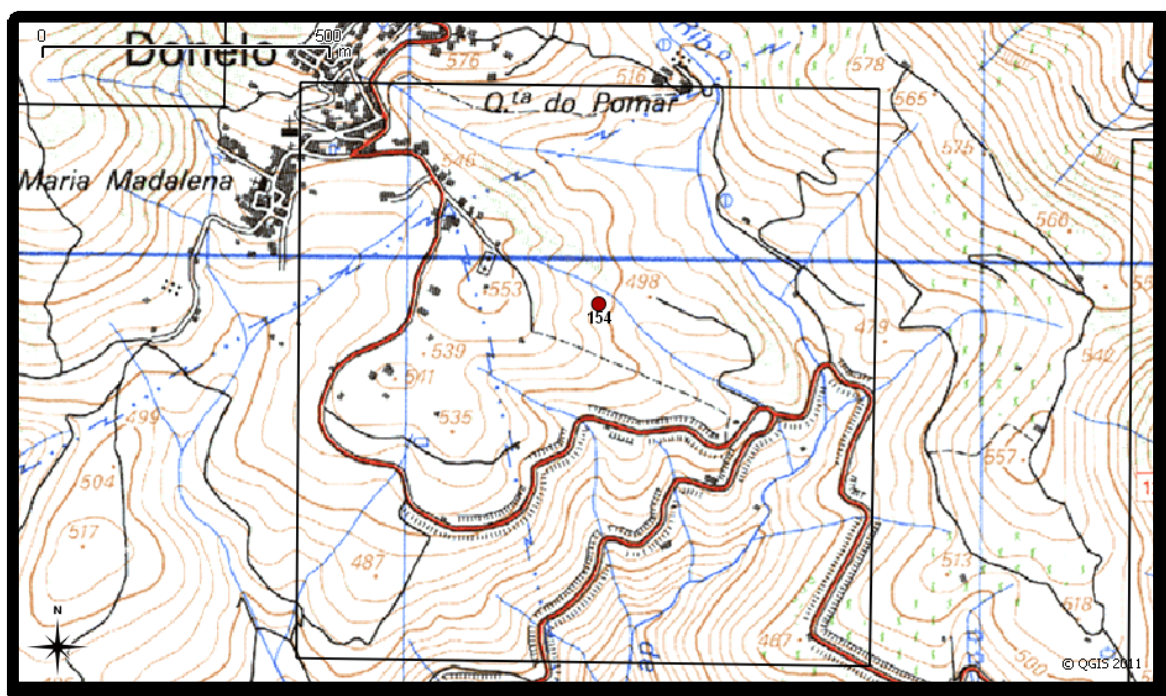
Mapa 36: Área 32 (CMP: 1:25000; n.º 115 & 127)



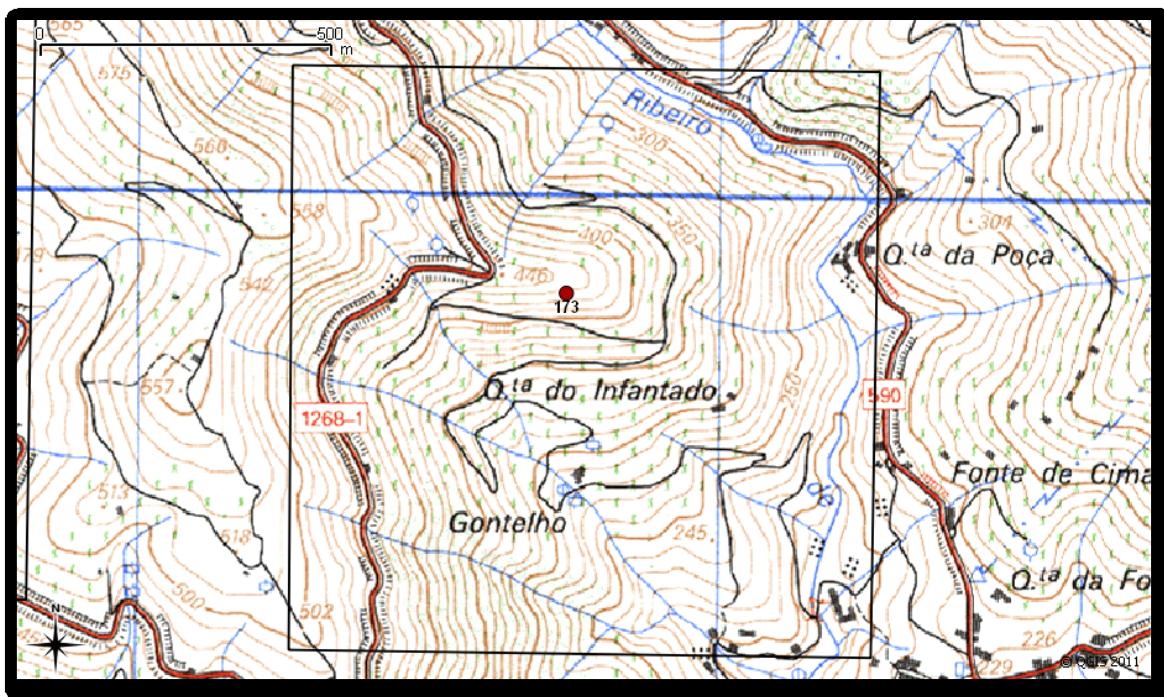
Mapa 37: Área 33 (CMP: 1:25000; n.º 127)



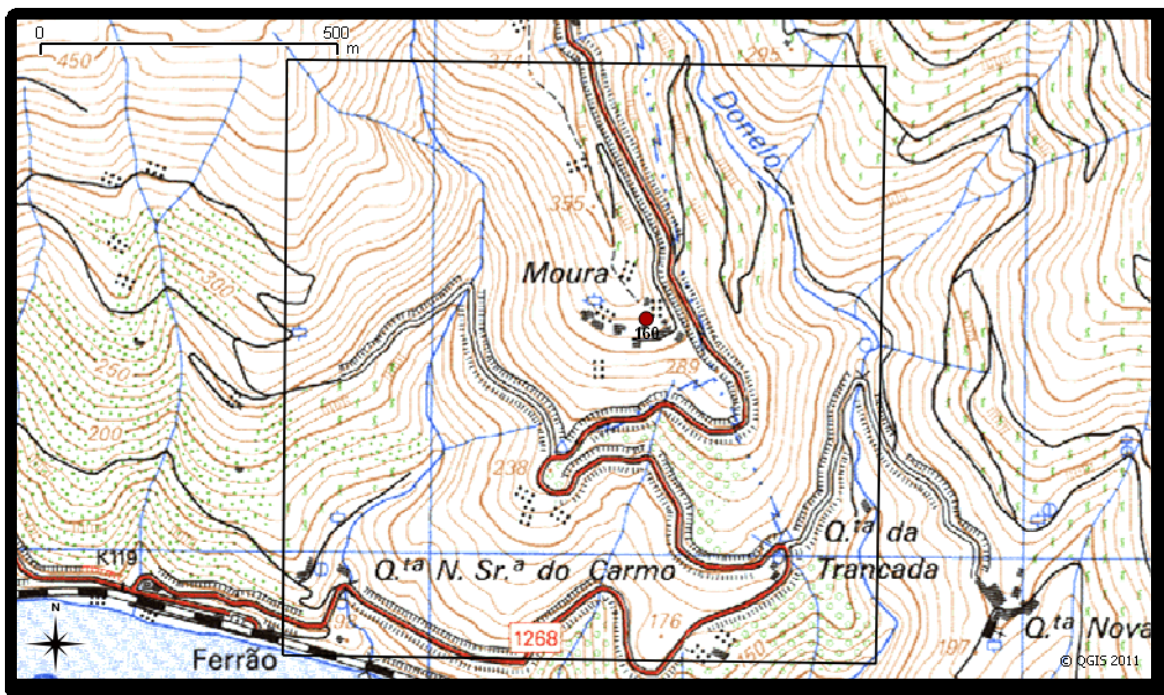
Mapa 38: Área 33 (CMP: 1:25000; n.º 127)



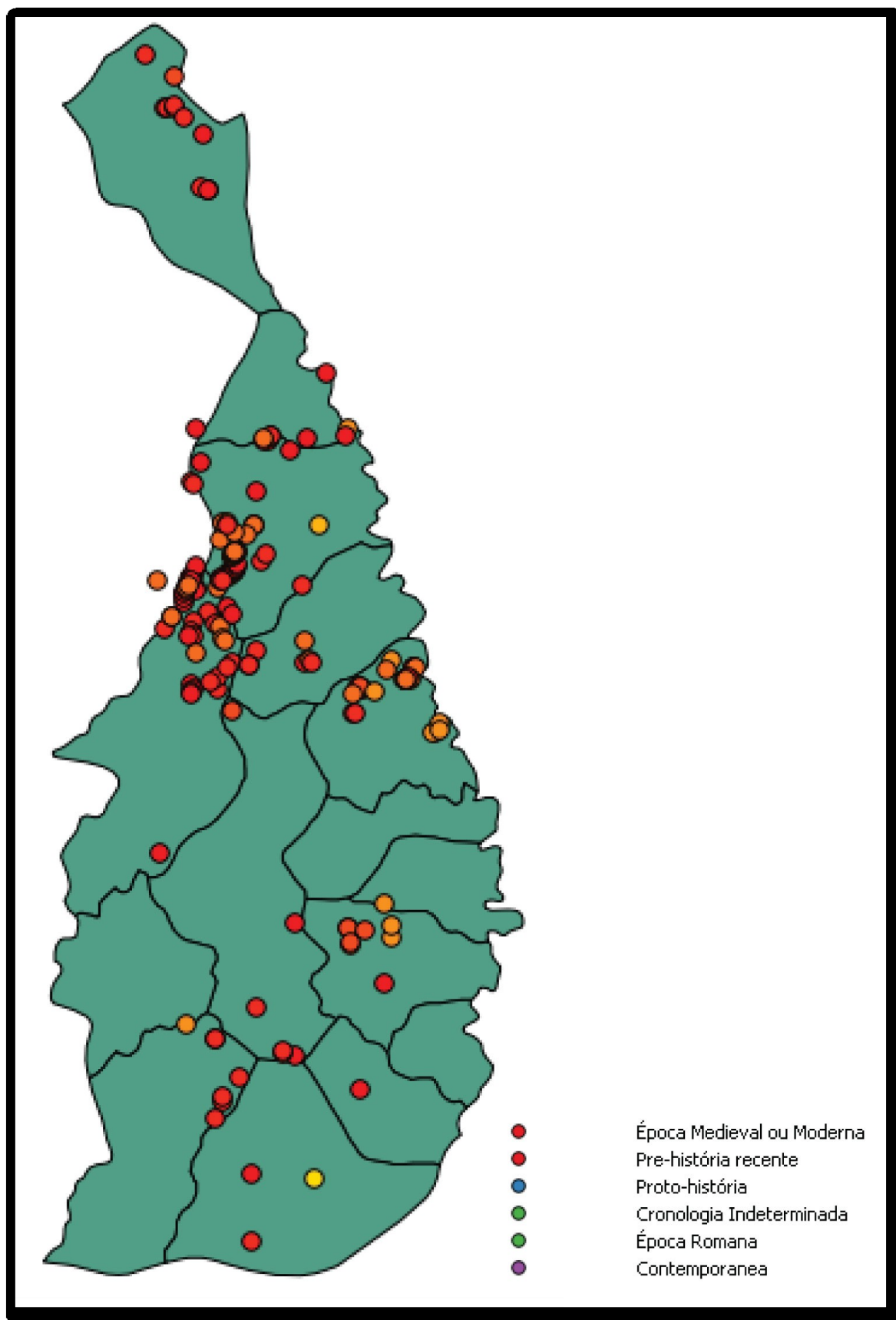
Mapa 39: Área 34 (CMP: 1:25000; n.º 127)



Mapa 40: Área 35 (CMP: 1:25000; n.º 127)



Mapa 41: Área 36 (CMP: 1:25000; n.º 127)



Mapa 42: Localização dos sítios por cronologia

11.2 Ilustração Arqueológica

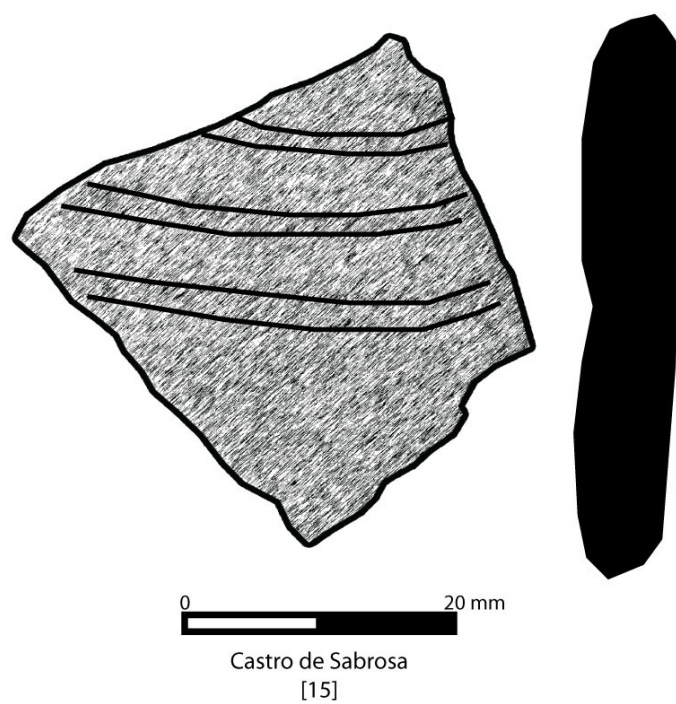


Ilustração 2: Fragmento de Cerâmica proto-histórica do Castro de Sabrosa



Ilustração 3: Fragmento de Cerâmica; Castro de Sabrosa

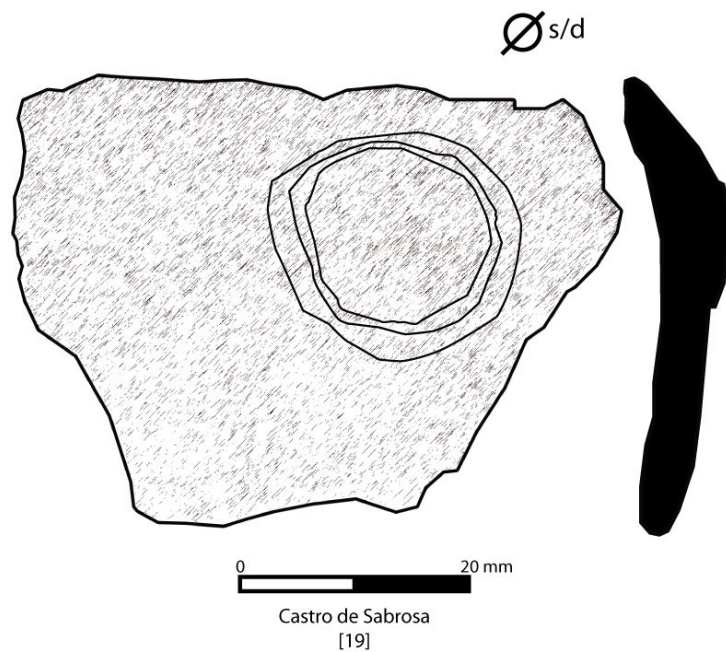


Ilustração 4: Fragmento de cerâmica (parede); Castro de Sabrosa

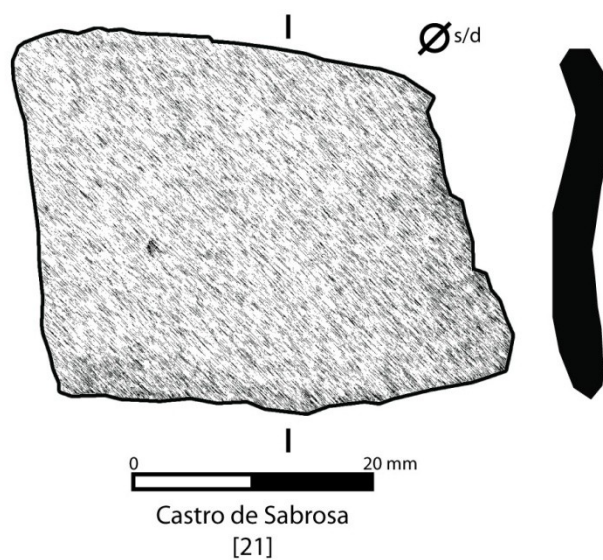


Ilustração 5: Castro de Sabrosa; Fragmento de cerâmica

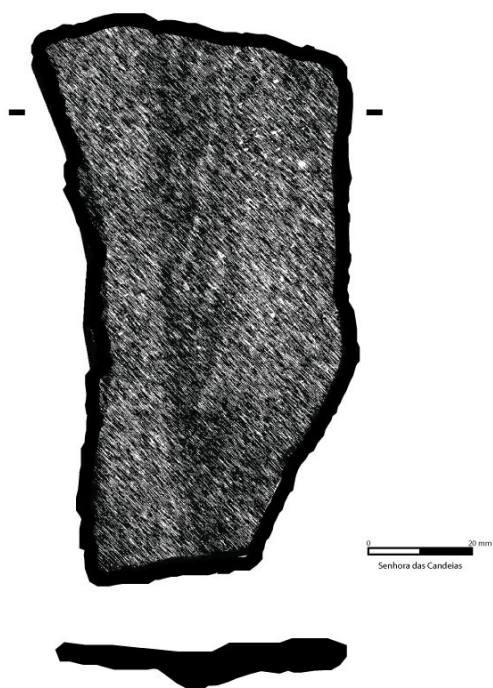


Ilustração 6: Senhora de Fraga; Fragmento de cerâmica



Ilustração 7: Fragmento de cerâmica; Castro de S. Domingos

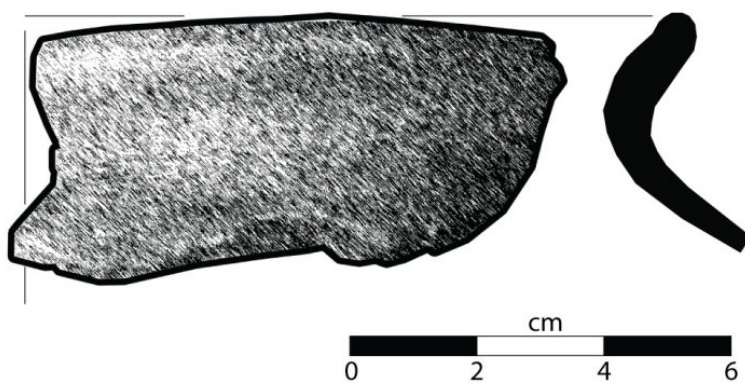


Ilustração 8: Fragmento de cerâmica proto-histórica; Castro de Sabrosa

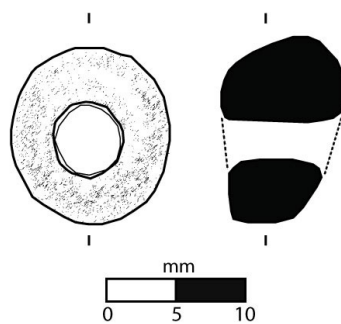


Ilustração 9: Conta de colar em pasta vítrea; Castro de Provesende

11.3 Índice de Tabelas

TABELA 1: CRONOLOGIA DOS TRABALHOS	14
TABELA 2: COORDENADAS RECTANGULARES LISBOA PRT GRELHA NACIONAL [EPSG 20790].....	17
TABELA 3: COORDENADAS GEOGRÁFICAS WGS84 [EPSG 4326]	17
TABELA 4: LISTAGEM DOS TOPÓNIMOS RECOLHIDOS.....	29

11.4 Índice de Fotografias

FOTOGRAFIA 1: MAMOA DAS MADORRAS 1.....	53
FOTOGRAFIA 2: MAMOA DO PICOTO (21)	59
FOTOGRAFIA 3: MAMOA II DO CERRO DO CARVALHAL (20):	59
FOTOGRAFIA 4: MAMOA II DO CIMO DAS DEVESAS (23).....	60
FOTOGRAFIA 5: MAMOA SANTA BARBARA I (11).....	61
FOTOGRAFIA 6: SEARA VELHA 1 (93).....	61
FOTOGRAFIA 7: ALMAS 1 (28).....	63
FOTOGRAFIA 8: ALMAS 3 (30).....	63
FOTOGRAFIA 9: ALTO DAS MADORRAS 1 (68).....	64
FOTOGRAFIA 10: ALTO DAS MADORRAS 2 (69).....	64
FOTOGRAFIA 11: BOUÇA 3 (74).....	65
FOTOGRAFIA 12: BOUÇO 1 (42):	65
FOTOGRAFIA 13: COUTO 1 (44)	66
FOTOGRAFIA 14: DELEGADA 1 (9)	66
FOTOGRAFIA 15: MADORRAS 19 (101).....	67
FOTOGRAFIA 16: PEDREIRA COM ARTE RUPESTRE (168)	67
FOTOGRAFIA 17: PORTELAS 1 (35).....	68
FOTOGRAFIA 18: PRAINAS 2 (34).....	68
FOTOGRAFIA 19: SEARA VELHA 4 (87).....	69
FOTOGRAFIA 20: SENHORA DA AZINHEIRA 5 (88).....	69
FOTOGRAFIA 21: SENHORA DA AZINHEIRA 6 (89).....	70
FOTOGRAFIA 22: SENHORA DA AZINHEIRA 7 (90).....	70
FOTOGRAFIA 23: TAPADAS 7 (71).....	71
FOTOGRAFIA 24: VALE ESCURO 2 (3).....	72
FOTOGRAFIA 25: CASTRO DA SABICA (4).....	73
FOTOGRAFIA 26: PICOTO DE S. DOMINGOS (172).....	74
FOTOGRAFIA 27: CASTELO 1 (12).....	74

FOTOGRAFIA 28: CASTELO 2 (13)	75
FOTOGRAFIA 29: CASTELO 3 (14)	75
FOTOGRAFIA 30: CASTELO 4 (15)	76
FOTOGRAFIA 31: S. DOMINGOS 1 (18)	76
FOTOGRAFIA 32: S. DOMINGOS 2 (19)	77
FOTOGRAFIA 33: S. DOMINGOS 3 (60)	77
FOTOGRAFIA 34: S. DOMINGOS 5 (70)	78
FOTOGRAFIA 35: CASTELO 7 (71)	78
FOTOGRAFIA 36: SANCHÁ 1 (16).....	80
FOTOGRAFIA 37: CASTELO 5 (24)	81
FOTOGRAFIA 38: CRISTELO 6 (58).....	81
FOTOGRAFIA 39: CASTELO 9 (73).....	82
FOTOGRAFIA 40: RIBEIRA (163).....	82
FOTOGRAFIA 41: PONTE DA RIBEIRA (164).....	83
FOTOGRAFIA 42: SANTA MARINHA (167).....	84
FOTOGRAFIA 43: QUINTA DA RELVA 1 (78).....	85
FOTOGRAFIA 44: SENHORA DA AZINHEIRA 8 (91).....	87
FOTOGRAFIA 45: SENHORA DAS CANDEIAS (1)	87
FOTOGRAFIA 46: FONTE SANTA (17).....	88
FOTOGRAFIA 47: MANTELINHA (22).....	88
FOTOGRAFIA 48: CASTELO 6 (25)	89
FOTOGRAFIA 49: FIGUEIRAS 1 (26)	89
FOTOGRAFIA 50: SALGUIRINHA 1 (27).....	90
FOTOGRAFIA 51: ALMAS 2 (29)	90
FOTOGRAFIA 52: ALMAS 4 (31)	91
FOTOGRAFIA 53: PIOLEIRO 1 (32).....	91
FOTOGRAFIA 54: SANCHÁ 2 (39).....	92
FOTOGRAFIA 55: SANCHÁ 3 (40).....	92
FOTOGRAFIA 56: TAPADAS 1 (45).....	93
FOTOGRAFIA 57: TAPADAS 2 (46).....	93
FOTOGRAFIA 58: TAPADAS 3 (47).....	94
FOTOGRAFIA 60: PROVESENDE 1 (49)	95
FOTOGRAFIA 61: TAPADAS 5 (64).....	95
FOTOGRAFIA 62: TAPADAS 6 (65).....	96
FOTOGRAFIA 63: COUTO 2 (66)	96
FOTOGRAFIA 64: ALTO DAS MADORRAS 4 (72).....	97
FOTOGRAFIA 65: CRISTELO 7 (75).....	97
FOTOGRAFIA 66: BOUÇA 4 (79)	98

FOTOGRAFIA 67: SENHORA DA AZINHEIRA 1 (97).....	98
FOTOGRAFIA 68: VALE DAS DONAS 1 (84).....	99
FOTOGRAFIA 69: TAPADAS 8 (85).....	99
FOTOGRAFIA 70: ALTO DAS MADORRAS 5 (86).....	100
FOTOGRAFIA 71: ARCA 1 (97).....	100
FOTOGRAFIA 72: SENHORA DA AZINHEIRA 2 (98), 3 (99) E 4 (100)	101
FOTOGRAFIA 73: SENHORA DA VEIGA 1 (111)	102
FOTOGRAFIA 74: MADORRAS 12 (113), 13 (114), 14 (115), 15 (116), 16 (117), 17 (118) E 18 (119)	102
FOTOGRAFIA 75: ALTO DAS MADORRAS 6 (130), 7 (131), 8 (132) E 9 (133).....	103
FOTOGRAFIA 76: MARCO 1 (157)	104
FOTOGRAFIA 77: PELOURINHO (159).....	105
FOTOGRAFIA 78: CASAL RÚSTICO (162).....	106
FOTOGRAFIA 79: COMPANHIA MINEIRA DO VALE DAS GATAS (165).....	107
FOTOGRAFIA 80: REBORDEIRA 1 (5), 2 (6) E 3 (7).....	108
FOTOGRAFIA 81: REBORDEIRA 4 (8).....	109
FOTOGRAFIA 82: ALMAS 5 (33).....	109
FOTOGRAFIA 83: PORTELAS 2 (36).....	110
FOTOGRAFIA 84: PORTELAS 3 (37).....	110
FOTOGRAFIA 85: PORTELAS 4 (38).....	111
FOTOGRAFIA 86: SANCHÁ 4 (41).....	111
FOTOGRAFIA 87: BOUÇA 1 (42)	112
FOTOGRAFIA 88: BOUÇA 2 (48)	112
FOTOGRAFIA 89: TOJEIRA 1 (50).....	113
FOTOGRAFIA 90: BOUÇO 2 (52)	113
FOTOGRAFIA 91: CRISTELO 1 (53).....	114
FOTOGRAFIA 92: CRISTELO 2 (54).....	114
FOTOGRAFIA 93: CRISTELO 3 (55).....	115
FOTOGRAFIA 94: CRISTELO 4 (56).....	115
FOTOGRAFIA 95: CRISTELO 5 (57).....	116
FOTOGRAFIA 96: SANCHÁ 5 (59).....	116
FOTOGRAFIA 97: CASTELO 8 (63)	117
FOTOGRAFIA 98: COUTO 3 (67)	117
FOTOGRAFIA 99: REBORDEIRA 5 (80).....	118
FOTOGRAFIA 100: COMBRO DA BOUÇA 1 (81)	118
FOTOGRAFIA 101: COMBRO DA BOUÇA 2 (82)	119
FOTOGRAFIA 102: REBORDEIRA 6 (83).....	119
FOTOGRAFIA 103: SENHORA DA AZINHEIRA 9 (92).....	120

FOTOGRAFIA 104: MADORRAS 1 (102), 2 (103), 3 (104), 4 (105), 5 (106), 6 (107), 7 (108), 8 (109) E 9 (110)	121
FOTOGRAFIA 105: BOUÇA CARVÃO 2 (120), 3 (121), 4 (122), 5 (123), 6 (124), 7 (125), 8 (126), 9 (127), 10 (128) E 11 (129).....	122
FOTOGRAFIA 106: RIBEIRINHAS 1 (134).....	122
FOTOGRAFIA 107: RIBEIRINHAS 2 (135).....	123
FOTOGRAFIA 108: PENEDO DO MATO 1 (136).....	123

11.5 Índice de Gráficos

GRÁFICO 1: SÍTIOS IDENTIFICADOS ENTRE 2008 E 2010 POR FREGUESIA	46
GRÁFICO 2: CRONOLOGIA DOS SÍTIOS IDENTIFICADOS ENTRE 2008 E 2010.....	47
GRÁFICO 3: DISTRIBUIÇÃO DOS SÍTIOS POR ÉPOCA HISTÓRICA	48
GRÁFICO 4: DISTRIBUIÇÃO DE SÍTIOS POR TIPO DE SÍTIO.....	48
GRÁFICO 5: DISTRIBUIÇÃO DE SÍTIOS POR FREGUESIAS DO CONCELHO.....	49
GRÁFICO 6: TIPO DE SÍTIO (PRÉ-HISTÓRIA RECENTE)	52
GRÁFICO 7: DISTRIBUIÇÃO DOS SÍTIOS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE POR FREGUESIAS....	53
GRÁFICO 8: DISTRIBUIÇÃO DE SÍTIOS PROTO-HISTÓRICOS POR FREGUESIAS DO CONCELHO DE SABROSA.....	72
GRÁFICO 9: TIPO DE SÍTIO NO ÂMBITO DA CRONOLOGIA ROMANA	79
GRÁFICO 10: SÍTIOS DE CRONOLOGIA ROMANA POR FREGUESIAS DO CONCELHO DE SABROSA.....	80
GRÁFICO 11: DISTRIBUIÇÃO DE SÍTIOS DE CRONOLOGIA MEDIEVAL/MODERNA POR FREGUESIA	86

11.6 Índice de Ilustrações

ILUSTRAÇÃO 1: BASE DE DADOS PARA RECOLHA DE INFORMAÇÃO	19
ILUSTRAÇÃO 2: FRAGMENTO DE CERÂMICA PROTO-HISTÓRICA DO CASTRO DE SABROSA	152
ILUSTRAÇÃO 3: FRAGMENTO DE CERÂMICA; CASTRO DE SABROSA	152
ILUSTRAÇÃO 4: FRAGMENTO DE CERÂMICA (PAREDE); CASTRO DE SABROSA	153
ILUSTRAÇÃO 5: CASTRO DE SABROSA; FRAGMENTO DE CERÂMICA	153
ILUSTRAÇÃO 6: SENHORA DE FRAGA; FRAGMENTO DE CERÂMICA	154
ILUSTRAÇÃO 7: FRAGMENTO DE CERÂMICA; CASTRO DE S. DOMINGOS	154

ILUSTRAÇÃO 8: FRAGMENTO DE CERÂMICA PROTO-HISTÓRICA; CASTRO DE SABROSA	154
ILUSTRAÇÃO 9: CONTA DE COLAR EM PASTA VÍTREA; CASTRO DE SABROSA	155

11.7 Índice de Mapas

MAPA 1: LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO CONCELHO DE SABROSA.....	23
MAPA 2: TOPÓNIMOS RECOLHIDOS NO ÂMBITO DO TRABALHO	28
MAPA 3: DISTRIBUIÇÃO DOS SÍTIOS DE CRONOLOGIA “PRÉ-HISTÓRIA RECENTE”	51
MAPA 4: MAPA GERAL COM INDICAÇÃO DOS SÍTIOS E ÁREAS CARTOGRÁFICAS	132
MAPA 5: ÁREAS CARTOGRÁFICAS	132
MAPA 6: ÁREA 1 (CMP: 1:25000; N.º 88)	133
MAPA 7: ÁREA 2 (CMP: 1:25000; N.º 88)	133
MAPA 8: ÁREA 3 (CMP: 1:25000; N.º 88 & 102)	134
MAPA 9: ÁREA 5 (CMP: 1:25000; N.º 102)	134
MAPA 10: ÁREA 4 & 6 (CMP: 1:25000; N.º 102)	135
MAPA 11: ÁREA 7 (CMP: 1:25000; N.º 102)	135
MAPA 12: ÁREA 8 (CMP: 1:25000; N.º 102)	136
MAPA 13: ÁREA 9 (CMP: 1:25000; N.º 102)	136
MAPA 14: ÁREA 10 (CMP: 1:25000; N.º 102)	137
MAPA 15: ÁREA 11 (CMP: 1:25000; N.º 102)	137
MAPA 16: ÁREA 12 (CMP: 1:25000; N.º 102)	138
MAPA 17: ÁREA 13 (CMP: 1:25000; N.º 102)	138
MAPA 18: ÁREA 14 (CMP: 1:25000; N.º 102)	139
MAPA 19: ÁREA 15 (CMP: 1:25000; N.º 102 & 115)	139
MAPA 20: ÁREA 16 (CMP: 1:25000; N.º 115)	140
MAPA 21: ÁREA 17 (CMP: 1:25000; N.º 115 & 116)	140
MAPA 22: ÁREA 18 (CMP: 1:25000; N.º 115)	141
MAPA 23: ÁREA 19 (CMP: 1:25000; N.º 116)	141
MAPA 24: ÁREA 20 (CMP: 1:25000; N.º 115)	142
MAPA 25: ÁREA 21 (CMP: 1:25000; N.º 115)	142
MAPA 26: ÁREA 22 (CMP: 1:25000; N.º 115)	143
MAPA 27: ÁREA 23 (CMP: 1:25000; N.º 115)	143
MAPA 28: ÁREA 24 (CMP: 1:25000; N.º 115)	144
MAPA 29: ÁREA 25 (CMP: 1:25000; N.º 115)	144
MAPA 30: ÁREA 26 (CMP: 1:25000; N.º 115 & 116)	145
MAPA 31: ÁREA 27 (CMP: 1:25000; N.º 115)	145

MAPA 32: ÁREA: 28 (CMP: 1:25000; N.º 115)	146
MAPA 33: ÁREA 29 (CMP: 1:25000; N.º 115)	146
MAPA 34: ÁREA 30 (CMP: 1:25000; N.º 115 & 127)	147
MAPA 35: ÁREA 31 (CMP: 1:25000; N.º 115 & 127)	147
MAPA 36: ÁREA 32 (CMP: 1:25000; N.º 115 & 127)	148
MAPA 37: ÁREA 33 (CMP: 1:25000; N.º 127)	148
MAPA 38: ÁREA 33 (CMP: 1:25000; N.º 127)	149
MAPA 39: ÁREA 34 (CMP: 1:25000; N.º 127)	149
MAPA 40: ÁREA 35 (CMP: 1:25000; N.º 127)	150
MAPA 41: ÁREA 36 (CMP: 1:25000; N.º 127)	150
MAPA 42: LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS POR CRONOLOGIA.....	151

11.8 Fichas de Inventário